



O ANTILHONHO
 O jogador brasileiro
 a festa com o artilheiro
 Ronaldo em 1998.
 Neymar não se compara
 aos 21 gols que marcou
 na Copa de 2014

PENTACAMPEÃO!



★ **Brasil bate Alemanha por 2 a 0 e consolida a hegemonia no futebol**

O Brasil conquistou o pentacampeonato mundial de futebol ao derrotar a Alemanha por 2 a 0, aos 34 minutos, na final da Copa da Confederação da América. A vitória deu ao país a quinta vez o título, tornando-o o primeiro país a conquistar o troféu em cinco ocasiões. Somando aos 20, 62, 70 e 80, o Brasil consolidou a hegemonia do futebol brasileiro no mundo.

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Vice-Diretor: Prof. Lorenzo Teixeira Vitral

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA-UFMG, Brasil)

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG, Brasil)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – JORNALISMO ESPORTIVO E FUTEBOL

Dr. Francisco Ângelo Brinati (UFSJ)

Dr. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro (UERJ, Brasil)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru

Álvaro do Cabo, UFRJ

Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ

André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ

André Mendes Capraro, UFPR

Arlei Damo, UFRGS

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV

César Teixeira Castilho, UFMG

Cleber Dias, UFMG

Edônio Alves Nascimento, UFPB

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Euclides de Freitas Couto, UFSJ

Fabiana Lúcia Campos Baptista, PUC-Minas

Fábio Franzini, UNIFESP

Flávio de Campos, USP

Francisco Ângelo Brinati, UFSJ

Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal

Gustavo Cerqueira Guimarães, FULIA-UFMG

Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália

José Carlos Marques, UNESP

José Geraldo Vinci de Moraes, USP

Leda Maria da Costa, UERJ

Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG

Luis Maffei, UFF-RJ

Luiz Carlos Ribeiro, UFPR

Luiz Henrique de Toledo, UFSCar

Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG

Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha

Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ

Pablo Alabarces, UBA, Argentina

Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFMG

Plínio Ferreira Guimarães, IFES

Rafael Fortes Soares, UFRJ

Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ

Sérgio Settani Giglio, UNICAMP

Silvana Vilodre Goellner, UFRGS

Silvio Ricardo da Silva, UFMG

Tatiana Pequeno, UFF

Victor Andrade de Melo, UFRJ

Wagner Xavier de Camargo, Brasil

Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES

Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Caroline Patatt

Édison Gastaldo

Fernando da Costa Ferreira

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro

Giulia Piazzzi

Irlan Simões

Juliana Nascimento da Silva

Luiz Henrique Zart

Miguel Enrique Stédile

Núbia Azevedo

Robert Schade

Victor de Leonardo Figols

**COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA,
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO**

Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Autores/as dos artigos

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)

Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Capa do penta na Copa do Mundo, 2002.

[Fonte: *Folha de São Paulo*, 1º jul. 2002, republicada no dossiê
“Jornalismo esportivo e futebol”, *FuLiA/UFMG*, v. 11, n. 1, 2026].

APRESENTAÇÃO

Jornalismo e futebol: narrativas e disputas de sentidos

Francisco Ângelo Brinati, Filipe Fernandes
Ribeiro Mostaro | 3-5

DOSSIÊ

Sobre quem jogou antes: breve cronologia do jornalismo esportivo até o século XX

Luiz Henrique Zart | 6-30

Análise estética do jornalismo esportivo a partir do ethos, pathos e logos

Magali Cristina Rodrigues Lameira, Odilon José Roble | 31-59

Dos “anos de purgatório” ao “milagre” da conquista da Copa do Mundo da Suíça: olhares da imprensa esportiva brasileira para a Alemanha Ocidental e sua seleção nacional no Mundial de 1954

Elcio Loureiro Cornelsen, Leda Maria da Costa,
Ronaldo George Helal | 60-89

Mulheres no futebol: análise dos comentários sobre o trio feminino de arbitragem na Copa do Brasil masculina

Tanise Zeppenfeld Arruda, Angelita Alice Jaeger |
90-113

O infotenimento esportivo digital e sua relação com o capitalismo contemporâneo

Natália Bender, Luiz Carlos Rigo, Vivian Alt,
Silvana Vilodre Goellner | 114-136

Análise dos enquadramentos jornalísticos na cobertura da tragédia do Ninho do Urubu no jornal *O Globo*

Carlos Roberto Praxedes dos Santos, Leticia Fontanive dos Santos | 137-155

PARALELAS

Dublê de etnógrafo II ou diários do futebol na Alemanha

Bernardo Borges Buarque de Hollanda
| 156-171

POÉTICA

Anjo Sujo

Jovino Machado | 172-173

Jornalismo e futebol: narrativas e disputas de sentidos

O jornalismo de futebol ocupa um lugar singular no campo da comunicação. Ao mesmo tempo em que informa sobre resultados, competições e personagens, ele constrói narrativas, mobiliza afetos, organiza memórias coletivas e produz interpretações sobre o esporte e a sociedade. Desde os primeiros registros na imprensa escrita até as atuais plataformas digitais, o futebol tem sido um dos principais vetores de popularização do jornalismo esportivo e de consolidação de seus modos de narrar.

Mais do que um subgênero do jornalismo, o jornalismo de futebol constitui um espaço privilegiado de observação das tensões entre informação e entretenimento, ética e espetáculo, emoção e credibilidade. Suas narrativas atravessam dimensões históricas, políticas, econômicas e culturais, refletindo e, ao mesmo tempo, moldando percepções sociais sobre identidade, gênero, nacionalidade, sucesso, fracasso e tragédia. Nesse sentido, analisar o jornalismo de futebol implica compreender como o esporte é mediado, enquadrado e ressignificado pela comunicação.

É a partir dessa perspectiva que este dossiê se propõe a reunir pesquisas que tomam o jornalismo de futebol como objeto central de investigação. Os artigos aqui apresentados examinam diferentes momentos históricos, suportes midiáticos e abordagens teóricas, buscando compreender como o futebol é narrado pelo jornalismo, quais valores são mobilizados nessas narrativas e quais disputas simbólicas atravessam a cobertura esportiva.

Na seção **Dossiê**, reunimos seis artigos que exploram o jornalismo de futebol sob ângulos complementares, articulando história, retórica, recepção, economia política, gênero e enquadramentos jornalísticos.

Abrindo a seção, o artigo “Sobre quem jogou antes: breve cronologia do jornalismo esportivo até o século XX”, de Luiz Henrique Zart, apresenta uma síntese histórica do jornalismo esportivo no Brasil. O texto recupera a entrada da pauta esportiva nos jornais, sua consolidação nos impressos e a posterior expansão para o

rádio e a televisão, oferecendo um panorama fundamental para compreender a formação de uma cultura jornalística marcada pela centralidade do futebol.

Em seguida, “Análise estética do jornalismo esportivo a partir do *ethos*, *pathos* e *logos*”, de Magali Cristina Rodrigues Lameira e Odilon José Roble, investiga a dimensão retórica e estética do jornalismo esportivo por meio da análise de capas publicadas após as finais das Copas do Mundo masculinas da FIFA, entre 2002 e 2022. O artigo demonstra como estratégias discursivas mobilizam emoção, credibilidade e racionalidade, evidenciando o papel central da estética na construção das narrativas esportivas.

O terceiro artigo, “Dos ‘anos de purgatório’ ao ‘milagre’ da conquista da Copa do Mundo da Suíça”, de Elcio Loureiro Cornelsen, Ronaldo George Helal e Leda Maria da Costa, analisa a cobertura da imprensa esportiva brasileira sobre a seleção da Alemanha Ocidental no Mundial de 1954. A partir de uma abordagem histórica e discursiva, o estudo revela como estereótipos políticos e ideológicos atravessaram o noticiário, articulando futebol, memória de guerra e contexto geopolítico.

Na sequência, “Mulheres no futebol: análise dos comentários sobre o trio feminino de arbitragem na Copa do Brasil masculina”, de Tanise Zeppenfeld Arruda e Angelita Alice Jaeger, desloca o foco para a recepção nas redes sociais. Ao analisar comentários no Instagram sobre a atuação do primeiro trio feminino de arbitragem na competição, o artigo evidencia disputas de sentido em torno da presença das mulheres no futebol, marcadas por preconceitos de gênero, mas também por discursos de apoio e reconhecimento.

O artigo “O infotenimento esportivo digital e sua relação com o capitalismo contemporâneo”, de Juliana Cristina da Silva e Guillermo Néstor Mastrini, examina o jornalismo esportivo digital sob a ótica da Economia Política da Comunicação. A partir do conceito de infotenimento, os autores discutem como a lógica do capitalismo contemporâneo e das plataformas digitais impacta critérios jornalísticos e reconfigura as relações entre informação, entretenimento e mercado, tomando o portal *ge.globo* como objeto de análise.

Encerrando o dossiê, “Análise dos enquadramentos jornalísticos na cobertura da tragédia do Ninho do Urubu no jornal *O Globo*”, de Carlos Roberto Praxedes

dos Santos e Leticia Fontanive dos Santos, analisa a cobertura de uma tragédia esportiva recente. O estudo evidencia como o jornalismo articula emoção, responsabilidade institucional e questões políticas ao enquadrar eventos traumáticos, revelando dilemas éticos centrais da prática jornalística no esporte.

Na seção **Paralelas**, o ensaio “Dublê de etnógrafo II: ou diários do futebol na Alemanha”, de Bernardo Borges Buarque de Hollanda, assume a forma de um diário de pesquisa e viagem. A partir de observações realizadas em diferentes cidades alemãs, o autor reflete sobre práticas, torcidas, espaços urbanos, futebol de mulheres e experiências museais, compondo um mosaico etnográfico que articula vivência, comparação internacional e análise sociocultural do futebol.

Por fim, na seção **Poética**, dedicada às expressões artísticas sobre o esporte, apresentamos o poema inédito “Anjo Sujo”, de Jovino Machado. O poema constrói uma reflexão lírica sobre o futebol a partir de figuras ambíguas, fracassos e gestos transgressores, desmontando mitologias heroicas e explorando a dimensão humana, imperfeita e contraditória do jogo. Ao afirmar que “fazer poema não é contar piada”, o texto reafirma o futebol como matéria estética e crítica.

Ao articular abordagens históricas, discursivas, políticas, econômicas e poéticas, este dossiê busca contribuir para o fortalecimento dos estudos sobre jornalismo e futebol, compreendendo o esporte como um campo central de produção de sentidos na sociedade contemporânea. Em um cenário de transformações midiáticas e disputas simbólicas, o jornalismo de futebol permanece um espaço privilegiado para refletir sobre narrativas, afetos e conflitos do nosso tempo.

Boa leitura!

São João del-Rei e Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 2025.

Francisco Ângelo Brinati
Universidade Federal de São João del-Rei

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Sobre quem jogou antes: breve cronologia do jornalismo esportivo até o século XX

About those who played before: brief chronology about
sports journalism until the 20th century

Luiz Henrique Zart

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, Brasil
Doutorando em Jornalismo, UFSC
luizhenriquezart@hotmail.com

RESUMO: Este estudo desenvolve uma breve cronologia do jornalismo esportivo, sobretudo no contexto brasileiro, até o fim do século XX. Parte-se de uma curta abordagem de revisão bibliográfica, com a intenção de documentar e descrever a entrada da pauta esportiva nos jornais, as primeiras publicações a apostar nesta temática em específico, até o crescimento e a popularização especialmente do futebol. O contexto nacional e a construção de uma forma característica de tratar a informação esportiva são abordados, dos impressos até as transmissões em rádio e TV, responsáveis por estabelecer uma cultura esportiva no país. O artigo se centra temporalmente antes da progressiva e perceptível remodelagem contemporânea do jornalismo da área nas últimas décadas. Assim, é possível entender um pouco mais sobre quem jogou antes.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo esportivo; Jornalismo especializado; Panorama histórico.

ABSTRACT: This study provides a brief chronology of sports journalism, particularly in the Brazilian context, up to the end of the 20th century. It uses a short bibliographical review approach, aiming to document and describe the introduction of sports coverage into newspapers, the first publications to focus on this specific topic, and the growth and popularization of soccer, in particular. The national context and the development of a distinctive approach to sports reporting are addressed, from print to radio and television broadcasts, which established a sports culture in the country. The article focuses on a time period prior to the progressive and noticeable contemporary remodeling of sports journalism in recent decades. This allows for a better understanding of who played before.

KEYWORDS: Sports Journalism; Specialized journalism; Historical overview.

INTRODUÇÃO¹

Pouco mais de um século de história. É este o percurso traçado pelo jornalismo esportivo, diante de uma série de transformações em suas práticas desde a segunda metade do século XIX. Ocupante de um espaço peculiar dentro do universo jornalístico em geral, o discurso da imprensa esportiva começou a ser construído não por jornalistas propriamente ditos, mas por atores da área, ao mesmo tempo em que era desenvolvida a consciência de um grupo específico da categoria.²

Aron *et al.*³ destacam uma conjunção que influenciou uma forma determinada de profissionalização e, também, a interlocução atrasada entre pesquisadores das áreas de jornalismo e esporte: a ocorrência de uma “prática dupla”: “do/as próprio/as esportistas que passaram a escrever, ou ainda a do/as jornalistas amadore/as de esporte”. Neste artigo, pretende-se abordar aspectos históricos do segmento como para conhecer como era e saber quem jogou antes, a partir da construção de uma breve cronologia, limitada ao fim do século XX.

É importante ressaltar que os meios de comunicação de massa e os esportes têm ligação direta com a modernidade, já aos fins do século XIX. Neste período, por exemplo, por meio da capacidade naval e comercial, a Inglaterra contribuiu para a formação de uma espécie de *ethos* esportivo, como um ideal de conduta para as elites ilustradas, exportado para o resto mundo.⁴ Justamente neste contexto, também a tecnologia teve avanços consideráveis: da fotografia ao telefone, do cinema à impressão *offset*, uma série de recursos formaram parte essencial da cultura de massa que alavancou o encontro entre mídia e esporte.

É, sobretudo, um panorama recente. Parte-se de uma perspectiva ao avesso, é possível perceber que o esporte ocupa espaço importante na mídia contemporânea, tanto especializada quanto generalista. Segundo apontam Aron *et al.*,⁵ fazem parte da chamada “indústria da informação” os “atletas, resultados, conquistas, temporadas de grandes eventos (Copas do Mundo, Jogos Olímpicos ou Paraolímpicos)”,

¹ Este trabalho é a adaptação de uma parte da dissertação do autor (2024).

² ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo: introdução.

³ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 11.

⁴ GASTALDO. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas.

⁵ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 10-1.

por exemplo. Vale ressaltar que para que se chegasse a esta condição, foi importante que as coberturas se iniciassem a partir de certo contexto, abordado a seguir.

O PRINCÍPIO DO ESPORTE NOS JORNAIS: EM CRESCIMENTO, MAS SUBESTIMADO

Por exemplo, quando resultados de esportes passaram a incorporar a pauta dos jornais, primeiro com corridas de cavalos:⁶ “*O Bell's life in London* (1823) foi dos primeiros a publicar notícias esportivas, assim como os periódicos especializados tendo se estabelecido em meados do século XIX (*The Field*, 1853; *Les Sports* (1854), jornais sociais; *Le Sport Nautique*, 1860; *The Sportsman*, 1865)”. Assim, publicações iam demarcando o desbravar da área:

Se o New York Herald teria sido o primeiro jornal generalista a cobrir sistematicamente o mundo do esporte, o New York World, em 1883, foi pioneiro na constituição de uma equipe de repórteres especializados. A partir do final do século XIX, os títulos esportivos crescem significativamente, passando a incorporar as políticas públicas, não apenas como consequência da democratização do esporte, mas também porque satisfazem os interesses econômicos das indústrias automobilística e do ciclismo. Com o *Le Vélo* de Pierre Giffard (1892) e seu concorrente *L'Auto* (1904), de Henry Desgranges, e com a organização do primeiro Tour de France (maior e mais antigo evento de ciclismo do mundo) em junho/julho de 1903, o esporte adentra a era da mídia, que ainda vigora.⁷

No entanto, antes disso, em 1828, em Paris, surgiu o primeiro jornal esportivo da história: *Journals des Haras*. As primeiras informações esportivas eram redigidas nos jornais em formato de notas com curiosidades, depois expandidas para artigos descrevendo os jogos e os esportes mais populares. Casos curiosos, como o da luta entre o cozinheiro de Lord Smith e o pasteleiro do Duque de Bridge, em uma modalidade chamada de *boxeo*,⁸ também tinham espaço nas páginas. Em muitos casos, inclusive, a perspectiva da crônica focava nas reações do público, deixando o jogo em segundo plano.

Alcoba López,⁹ inclusive, acredita que este formato de comentário, por ter ampla aceitação popular, cumpriu função importante no que viria a se transformar

⁶ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 10-1.

⁷ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 10-1.

⁸ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo: conceitos e práticas*, p. 20.

⁹ ALCOBA LÓPEZ. *Periodismo deportivo*.

na comunicação periódica sobre o assunto. Conforme indica o autor, os primeiros jornalistas esportivos eram “[...] escritores subjugados pela emoção da competição, pelos feitos dos atletas”. No entanto, com o passar do tempo, a prática esportiva despertaria interesse tanto do público quanto dos veículos de comunicação, que passaram a incluí-lo como um gênero específico – e a contar com pessoas capazes de descrever e detalhar competições e consequências.¹⁰

Um marco para o segmento foi 1895, quando o *The New York Times* passou a tratar de esportes em seus cadernos. Forçado pelo aumento significativo das vendas da concorrência, o jornal precisou aderir e dedicar páginas inteiras aos conteúdos da temática diariamente, contribuindo para a popularização. Silveira¹¹ lembra que, mesmo em 1926, o *NYT* “publicou na primeira página e em colunas, com direito à fotografia do boxeador Gene Tunney e um carro, recebendo homenagens dos torcedores que festejavam a vitória dele”.

O caso ilustra, de certa forma, o papel da popularização das práticas esportivas e os relatos da imprensa da época, tanto no mundo quanto no território brasileiro, em um paradoxo mencionado por Melo:¹² “a popularidade crescente da prática esportiva dever-se-ia a esse espaço privilegiado que obteve na imprensa ou, pelo contrário, esse espaço na imprensa dever-se-ia à popularidade crescente da prática esportiva?”.

A resposta, oferecida pelo próprio autor, configura um cenário de troca, em que “a imprensa progressivamente noticiou o esporte porque ele crescentemente tornou-se uma prática socialmente valorizada”, ao mesmo tempo em que a prática “também se tornou crescentemente valorizada porque foi progressivamente noticiada na imprensa”. Argumento reiterado por Borelli,¹³ quando ressalta que “na medida em que a opinião pública começa a se interessar pelo assunto, o esporte passa a ganhar mais espaço e, da mesma maneira, é requisitado aos mídias mais especialização para a cobertura jornalística”.

É relevante considerar que a relação entre a imprensa e as classes abastadas é uma moderadora das primeiras publicações sobre esportes. Práticas como o haras,

¹⁰ LIMA; BRASILEIRO. A virtualização do jornalismo esportivo: Futirinhas e Trivela.

¹¹ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 20.

¹² MELO. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX, p. 23.

¹³ BORELLI. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico, p. 12.

a caça, o turfe e o remo eram mais representativos, e acabam ilustrando que “mesmo que o esporte em si não fosse determinante dos rumos políticos e econômicos do país, em torno dos clubes se organizava gente influente da sociedade, a quem a imprensa interessava relacionar-se”.¹⁴ Contra a popularização deste segmento, pesava o fato de que a prática esportiva, no princípio da divulgação pela imprensa, era ligada às classes burguesas. Na época, o futebol não tinha a expressão que desenvolveu ao longo do tempo até se tornar o fenômeno massivo que é hoje. Nos primeiros anos da cobertura esportiva:

[...] Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia.¹⁵

Vale reafirmar, no entanto, que o crescimento gradual do jornalismo esportivo, sobretudo após a massificação das transmissões, não apaga que foi uma prática subestimada desde o começo do século. Em especial, prevalecia a percepção de que uma atividade vista como recreação não poderia sequer dividir espaço com temas nobres, como política e economia, por exemplo.

A IMPRENSA ESPORTIVA EM (LENTA) EXPANSÃO E O CONTEXTO BRASILEIRO

Em território brasileiro, o jornalismo esportivo teve início com a publicação de *O Atleta*, a partir de 1856,¹⁶ O periódico se dedicava a trazer dicas sobre condicionamento físico, sobretudo para moradores do Rio de Janeiro. Ainda assim, importa lembrar que a atividade do lazer ligada a uma sociedade de elite nacional e regional já povoava as folhas dos impressos cariocas desde a década de 1810, com destaque a partir de 1847, quando de uma publicação do *Jornal do Commercio*, levantando a necessidade de profissionalização do turfe no Rio, situação concretizada anos depois.¹⁷

¹⁴ MELO. Causa e consequência, p. 25.

¹⁵ COELHO. *Jornalismo Esportivo*, p. 9.

¹⁶ BAHIA. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*.

¹⁷ PELEGRIINI; GIGLIO. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports: aproximações na primeira metade do século XX*.

No entanto, só várias décadas depois, sobretudo a partir de 1922, é que as publicações nacionais passaram a dedicar mais espaço às pautas esportivas – com fotos de quatro e cinco colunas, com lances de futebol na primeira página, e com a organização, cinco anos antes, da Associação dos Cronistas Esportivos (ACE), em São Paulo. Um sinal de organização da categoria. Deste contexto, diversas publicações começaram a ganhar força:

Pouco depois, em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportsman*. Em 1881, surgiu em São Paulo *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898, também em São Paulo, surgiram a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva* (que não tem nada a ver com o jornal que seria criado futuramente), periódico de distribuição gratuita que circulava somente aos domingos. Em nenhuma das publicações o futebol era prioridade: apenas notícias de turfe, regatas e ciclismo.¹⁸

O surgimento desordenado fazia com que o jornalismo dedicado ao esporte, até o final do século XIX, não tivesse distinção específica nas publicações, como em editoriais. Nesse período, as notícias “se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes inseridas no bloco dos acontecimentos sociais”.¹⁹ Quem quebrou esta perspectiva no país foi o tradicional *Jornal do Brasil* que, já no segundo dia de circulação, em 10 de abril de 1891, publicava uma coluna, a *Sport*. Desde as primeiras notas sobre a temática, a perspectiva esportiva dialogava com revistas e a literatura. Esse posicionamento tem motivo:²⁰ a limitação editorial das publicações brasileiras, “importantes espaços de veiculação das ideias e produção dos literatos”. Em especial durante a primeira metade do século XX é possível dizer que o crescimento do campo esportivo se dá de forma indissociável do desenvolvimento da imprensa especializada. Isso porque, além de apenas informar, a imprensa mobilizava figuras política e socialmente relevantes naquele momento histórico para “idealizar, divulgar, apoiar e até mesmo executar diversos eventos a fim de movimentar o cenário esportivo dos centros urbanos”.²¹

¹⁸ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva no Brasil*, p. 26-7.

¹⁹ MELO. *Causa e consequência*, p. 26.

²⁰ MELO. *Causa e consequência*.

²¹ PELEGRINI; GIGLIO. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports*, p. 68.

Neste sentido, é fundamental a contribuição da crônica enquanto um formato de texto constitutivo da imprensa esportiva nacional. Para Melo,²² elas “construíram representações sobre o esporte, de pontos de vista mais ou menos críticos, sempre a partir de mediações entre as diversas esferas envolvidas com o fenômeno esportivo”, em uma crítica social a partir dos papéis representados pelo jogo, um subterfúgio para falar sobre as relações de poder presentes na sociedade – usando figuras de linguagem e dicotomias como as de dominador/dominado, pobre/rico, colonizador/colonizado, entre outras.²³

Uma prova disso é a virada geopolítica que ocorre com a primeira Grande Guerra: antes dela, o esporte ocupava 6% do espaço de divulgação de publicações francesas; enquanto após a Segunda Guerra Mundial, o número passou a ser de 13,5% nos jornais de Paris e 30% na imprensa regional.²⁴ Na Inglaterra, a expansão também é significativa, com os jornais investindo na produção de suplementos esportivos, como o *The Daily Telegraph*, o *Daily Mail* e o *Daily Express*. Assim, o esporte “passa a ser tema de reportagens e crônicas, retransmitido por agências e beneficiando-se de um corpo profissional especializado: jornalistas (inclusive especialistas das diferentes modalidades), fotógrafos, comentaristas de rádio e televisão”.²⁵ No Brasil, por sua vez:

[...] as práticas esportivas chegaram junto com os ventos de modernidade, em fins do século XIX. Em menos de 20 anos, a escravidão foi abolida (1888), o Império derrubado (1889), a febre amarela erradicada (1904-1908) e o centro do Rio de Janeiro reconstruído (pela Reforma Pereira Passos, entre 1902-1906). Nesse período efervescente, no Rio de Janeiro conhecido como a “Belle Époque carioca”, além da Lei Áurea e da Proclamação da República, também foram fundados clubes de remo (como o Clube de Regatas Botafogo, de 1894, e o Clube de Regatas do Flamengo, de 1895) e, pouco depois, de futebol (Fluminense Football Club, de 1902).²⁶

Em especial, o futebol passou por esse mesmo processo de dupla validação. Ao mesmo tempo em que a modalidade ganhava expressão pública, passava a ser noticiada (e vice-versa). A popularização deste esporte no Brasil iniciou, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, com a chegada de Charles William Miller (1874-

²² MELO. Causa e consequência, p. 39.

²³ MARQUES. A “criança difícil do século”: algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio.

²⁴ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo.

²⁵ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo.

²⁶ GASTALDO. Comunicação e esporte, p. 42.

1953). Com pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, Miller nasceu em São Paulo, mas concluiu os estudos na Inglaterra, de onde teria trazido bolas, chuteiras e outros equipamentos, além de um livro com o regulamento oficializado em território inglês em 1865.²⁷

Outros pesquisadores, no entanto, contestam esta colocação. É o caso de Shirts,²⁸ quando comenta sobre a introdução do esporte em outras regiões de São Paulo, antes mesmo da chegada de Miller, colocando em questão, inclusive, se o fato de ele ter trazido artigos esportivos seria suficiente para despertar interesse pela prática do futebol. Caldas,²⁹ por exemplo, argumenta que o futebol pode ter sido praticado pela primeira vez no país em cidades portuárias, por marinheiros britânicos, ou mesmo antes disso, por povos originários e indígenas de outras regiões. Ainda assim, cabe mencionar o esforço de Miller para emplacar as notícias sobre o esporte nas principais publicações da imprensa nacional, junto com Mário Cardim, primeiro repórter esportivo de destaque por aqui.

Na realidade brasileira, o desenvolvimento da imprensa esportiva foi mais lento, apesar de ter similaridades com a cobertura internacional no que diz respeito ao contexto histórico. No princípio, como ressaltou-se, as publicações reservavam pouco espaço para o tema, como aponta Silveira:³⁰ “o *Correio Paulistano*, por exemplo, dedicava apenas uma coluna para matérias de futebol e duas para o turfe. Mesmo o remo, esporte mais popular da época, não era creditado para ser matéria de capa”. Entretanto, como menciona Borelli,³¹ o esporte tem significado não apenas para o campo jornalístico, como também para a cultura brasileira, o que motivou o duplo movimento de interesse dos públicos pelas práticas esportivas e, ao mesmo tempo, a cobertura da imprensa.

²⁷ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grêmio e o rebaixamento do Inter*, p. 37-8. Apesar de muito recorrente, esta versão é contestada por outros estudiosos. Por isso, a popularização também pode ser compartilhada com práticas espontâneas vindas de outras regiões da própria América do Sul, que bebeu de outras fontes e de outras formas de jogo com bola.

²⁸ SHIRTS. *Futebol no Brasil ou football in Brazil?*

²⁹ CALDAS. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*.

³⁰ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 21.

³¹ BORELLI. *O esporte como uma construção específica no campo jornalístico*, p. 12.

O FUTEBOL COMO PROPULSOR DA POPULARIZAÇÃO DOS ESPORTES NO BRASIL

Segundo Ribeiro,³² de forma oficial, 22 de setembro de 1901 foi quando o futebol foi noticiado pela primeira vez, pelas páginas do jornal *Correio da Manhã*, na coluna Sport. O informe tratava da partida entre as únicas equipes fluminenses até o momento, Paysandu Cricket Club e Rio Cricket and Athletic Association. Sete anos depois, segundo ressalta Gastaldo,³³ havia até sessões públicas de cinema para apresentar compactos das transmissões dos jogos de futebol local.

De maneira geral, conforme argumenta Costa,³⁴ nesta época, entre 1910 e 1920, as notícias esportivas tinham uma composição mais polida. Nestes anos, “muitos jornais se esforçavam para preservar uma concepção de futebol ancorada em valores da elite, que via esse esporte como símbolo de modernidade e fidalguia”, em um discurso mais formal, sem exageros.³⁵ Desde esta época, no entanto, certas revistas de variedades e periódicos especializados em futebol começavam a dar tratamento diferenciado à modalidade, com “muitas reportagens produzidas por essas publicações se caracterizavam pelo uso de um tom mais humorístico, investindo em charges e casos pitorescos envolvendo jogadores”.³⁶ Essas reportagens interpretavam o futebol “não como pedagogia, mas como diversão [...] em que cabiam as superstições populares, a irreverência, a iconoclastia e as manifestações mais francas das paixões clubísticas e regionais”.³⁷

Foi também entre as décadas de 1920 e 1930, por meio das transmissões radiofônicas, que se popularizaram as jornadas esportivas – termo criado nos Estados Unidos, “durante uma das primeiras transmissões esportivas ao vivo e ininterruptas na história do rádio: a luta de boxe entre os pesos pesados Jack Dempsey e Georges Carpentier que, devido à longa duração, recebeu a célebre alcunha de jornada esportiva”.³⁸

³² RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

³³ GASTALDO. *Comunicação e esporte*, p. 42-3.

³⁴ COSTA. *Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia*.

³⁵ COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 99.

³⁶ COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 99.

³⁷ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 88.

³⁸ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 53.

O contexto, gradualmente, se alterava. Além da ruptura em relação à inclusão de jogadores negros nas competições, é notável o distanciamento da perspectiva inicialmente elitista, que durou especialmente da última década do século XIX até a terceira do século XX. Caldas³⁹ aponta que os clubes cariocas e paulistas passaram a cobrar ingressos dos frequentadores das partidas. O dinheiro, usado para a compra de equipamentos e outros artigos esportivos, antes, “era coberto por doações regulares ou voluntárias de sócios. A quebra dessa tradição abriu caminho para os primeiros passos em direção ao profissionalismo”.

Antes disso, publicações esportivas também ajudaram a dar visibilidade a estes acontecimentos e, além de projetar a formação de um público de massa no país, “folhetinizaram a informação”. Esse processo se dava por meio de histórias de interesse humano, em especial partindo dos dilemas pessoais dos atletas, convertidos em pequenos romances da vida real, quando enfatiza “as origens sociais, emblematiza essa insistente e exitosa tática de conversão de jogadores em personagens”.⁴⁰

Nas páginas esportivas, então, tinha espaço a união da informação com os recursos fictícios, “fazendo do futebol uma máquina fabuladora repleta de personagens desenhados de modo a promover identificação e fascínio em seu público leitor”, já que havia a necessidade de “entretê-lo, de seduzi-lo, fazendo suas emoções fervilharem, convocando sua paixão clubística e multiplicando suas expectativas em torno de um jogo”.⁴¹ Os jogos passavam a ser:

convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata. No jornalismo esportivo, as notícias costumam transcender “as suas funções tradicionais de informar e explicar” (Dardenne, 1999:265) e caminham na direção do entretenimento.⁴²

No período de popularização do futebol no Brasil, Mário Filho foi um nome representativo com esta proposta. Alterou sobretudo a composição da linguagem do jornalismo esportivo brasileiro, especialmente a relacionada ao futebol. Conforme relata Silveira,⁴³ irmão mais velho de Nelson Rodrigues, Mário começou a trabalhar como

³⁹ CALDAS. *O pontapé inicial*, p. 46.

⁴⁰ COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 97.

⁴¹ COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 22-23.

⁴² COSTA. *Futebol folhetinizado*, p. 106.

⁴³ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 22.

jornalista esportivo no jornal *A Manhã*, e depois ainda experimentou sua linguagem característica no jornal *Crítica*, ambos de propriedade de seu pai, Mário Rodrigues.

Percebendo o sucesso da publicação da página de esportes por *A Gazeta* às segundas-feiras desde 1928, ele decidiu dedicar-se a uma publicação unicamente voltada ao tema, com um trato de redação “mais ágil, menos laudatório”, priorizava aspectos emocionais. Ribeiro⁴⁴ aponta que “na forma, quase tudo mudava: título, subtítulo, legendas. O conteúdo abria espaço para a vida dos personagens que faziam o espetáculo. Jogadores passaram a ser endeusados, especialmente os negros. Nos bastidores, Mário criava uma rede de informações poderosa”. Por isso mesmo, recorrer ao melodrama e à dramatização dos fatos “é uma característica marcante de Mário Filho em sua atividade profissional e essa técnica foi extremamente importante no papel que desempenhou na história do jornalismo esportivo”,⁴⁵ como em 1931, quando assumiu a seção de esportes d’*O Globo*.

Neste panorama, o *Jornal dos Sports*, primeiro diário dedicado à cobertura esportiva brasileira, surgiu no Rio de Janeiro, em 1931. Fundado por Argemiro Bulcão – antes diretor do jornal *Rio Sportivo*, e Ozéas Mota, proprietário da gráfica que imprimia o jornal –, e ligado à figura de Mário Filho, grande destaque da imprensa esportiva brasileira. A criação do jornal ocorreu em um contexto em que o segmento esportivo era o que mais crescia “desde 1912, quando saltou de cinco para 58 jornais, um aumento de 1.060%”.⁴⁶ No entanto, apesar deste quadro, o *JS* dividia espaço com seções esportivas de outras publicações nos primeiros anos de circulação, especialmente as do *Jornal do Brasil* (1893) e do *Correio da Manhã* (1903). Neste contexto político, sobretudo na era Vargas, com o Estado Novo, a ideia de um projeto de nação – de uma suposta “democracia racial”, como um processo pretensamente pacífico e acrítico – desenvolvido por meio da prática esportiva ganha força, assim como se expõem as relações políticas entre jornalistas e outros agentes da esfera política, em busca de trocas de influências.

Deste cenário, como indica Hollanda,⁴⁷ periódicos estrangeiros, além de unificar informações sobre esporte, incentivavam a criação de prêmios e taças variadas,

⁴⁴ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 75.

⁴⁵ COSTA. Futebol folhetinizado, p. 97.

⁴⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 73.

⁴⁷ HOLLANDA. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980.

como o *L'Équipe* (França, 1900) e o *Gazzeta dello Sport* (Itália, 1896), tendência seguida pelo *JS*, conhecido popularmente como *O cor-de-rosa* por conta da tonalidade da impressão de suas páginas, influenciada também por publicações de fora do país. Ainda segundo o autor, desde que Mário Filho fez parte do jornal, homem dos esportes e empresário influente, cercou-se de um seleto grupo de colaboradores – tanto da esfera esportiva quanto política, como Vargas Neto, Luiz Galotti e Mário Pollo, além de João Lyra Filho, José Lins do Rego e Nelson Rodrigues, seu irmão.

Por sua vez, a edição esportiva d'A *Gazeta* procurava oferecer ao leitor um grande volume de informações sobre o cotidiano esportivo, com destaque ao futebol, como menciona Costa.⁴⁸ Além dos principais clubes paulistas, o jornal tinha espaço para campeonatos de várzea e competições paralelas. Na redação, a figura de Thomaz Mazzoni foi representativa – tanto que viajou com a Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1938, na França, não apenas como jornalista, mas membro da delegação. Como Mário Filho, “Mazzoni tentou formar um público leitor cativo usando como estratégia o apelo às emoções, a promoção de eventos, preocupando-se em tornar menos empolada a linguagem, passando a inventar apelidos para os times e nomes para os clássicos”.

Nesta relação entre as publicações, inclusive, o *Jornal dos Sports* acompanhou a primeira grande crise do futebol nacional. Durante o período de profissionalização do esporte, ocorreu uma ruptura, no entendimento da composição dos campeonatos, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na terra da garoa, dois campeonatos foram realizados, simultaneamente, em 1935 e 1936. Por sua vez, no Rio, a confusão se deu no ano em que se demarcou a virada no processo de profissionalização, em 1933.

Nesta mesma época, lembra Oliveira,⁴⁹ em 1936, os sócios do *Jornal dos Sports* venderam a publicação para Mário Filho, o que projetou ainda mais as ambições do jornalista: Segundo Antunes,⁵⁰ “a opção de Mário Filho por escrever de forma dramática situações que poderiam parecer corriqueiras aproximou definitivamente o torcedor do jogador e da vida do clube”. E ainda que o pioneirismo seja

⁴⁸ COSTA. Futebol folhetinizado, p. 98.

⁴⁹ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 45.

⁵⁰ ANTUNES. *Com brasileiro não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*, p. 103.

atribuído, na área esportiva, ao *Jornal dos Sports*, Coelho⁵¹ considera que *A Gazeta Esportiva* teve papel relevante na luta pela instituição de um noticiário esportivo na imprensa brasileira. Em 1928, portanto antes da criação do *Jornal dos Sports*, a publicação já estava em circulação, mas em forma de suplemento do jornal *A Gazeta*, fundada por Cásper Líbero em 1906, e se transformando em diário exclusivamente dedicado à temática esportiva em 1947.

Em meio a um processo de modernização e urbanização da capital paulista, as publicações d'*A Gazeta* tinham caráter nacionalista e popular, valorizando a disciplina e o coletivismo. É pontual considerar que as perspectivas dos dois jornais sobre a modalidade eram diferentes: enquanto *A Gazeta* discordava da compreensão do futebol-arte, malandro, essa era a narrativa corrente nas páginas do *Jornal dos Sports*, com cronistas que “exerciam múltiplas funções simultâneas: cronistas, dirigentes de clubes, presidentes de entidades esportivas, bacharéis, políticos e literatos”.⁵² Na década de 1940 esse processo se evidenciava, com José Lins do Rego como um marco.

É importante ainda considerar que o *Jornal dos Sports* foi o carro chefe na reportagem esportiva, sobretudo futebolística, entre as décadas de 1940 e 1960, enquanto a TV nem havia chegado ao país e, pouco tempo depois, neste intervalo, já construía seu protagonismo. Tênis, golfe, remo, atletismo, boxe, hipismo, eram todas modalidades contempladas pela publicação. Além disso, assuntos como a ciência, a educação e a cultura eram pauta do jornal.

O cor-de-rosa, como era conhecido, representou, em certa medida, um marco emancipatório do jornalismo esportivo brasileiro não apenas por conta da presença de Mário Filho, mas também pelo time de colunistas, pelo contexto social e pela qualidade técnica das reportagens.⁵³ Por cinco décadas no auge, o *Jornal dos Sports* começou a perder força com a morte de sua figura-chave, em 1966. A partir de 1990 a situação começou a piorar até que, em 2007, a publicação deixou de circular. Na capital gaúcha, o *Correio do Povo* lançou *A Folha Esportiva* em 1949 (matutino, durou até 1963 [sic]).⁵⁴ *O Estado de S. Paulo* foi o último da grande imprensa a dedicar mais

⁵¹ COELHO. *Jornalismo Esportivo*.

⁵² RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 96.

⁵³ HOLLANDA. *O cor-de-rosa*.

⁵⁴ Vale ressaltar que a *Folha da Tarde Esportiva* nasce em 1937, dois anos depois da *Gazeta Esportiva*. Primeiro em periodicidade semanal, às segundas-feiras, e, depois, em 1949, como

espaço aos esportes, especialmente depois da conquista do título mundial de futebol pelo Brasil, em 1958.⁵⁵

Além destas iniciativas, conforme ressalta Silveira:⁵⁶ “No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* vive um bom momento entre o fim da década de 50 e início dos anos 60”. Desta forma, somente no fim da década de 1960, “os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro”.⁵⁷

Pensando no legado deixado pelas publicações impressas, é relevante pontuar que o contexto dos relatos esportivos, ao menos até a década de 1970, se dava em grande parte por meio da crônica, em que idolatria e dramaticidade eram a tônica, com a perspectiva voltada não tanto à partida em si, ao resultado, mas às reações das torcidas e à personificação dos jogadores e suas ações em campo – já que o futebol ganhava cada vez mais as páginas dos periódicos.

Foi durante esta década, também, que outra situação representativa ocorreu no jornalismo esportivo brasileiro, segundo pontua Oliveira:⁵⁸ as mulheres passaram a estar nas coberturas esportivas, tanto pelo rádio quanto pela TV. Tanto que “até esse período, com raríssimas exceções, mulheres não conseguiam entrar no fechado clube masculino das transmissões esportivas. Uma equipe inteira, então, era pura utopia”.⁵⁹ Então, como ressalta Oliveira, Roberto Montoro, diretor da Rádio Mulher, criou uma equipe de transmissão exclusivamente formada por mulheres:

Só mulheres trabalhavam na equipe, dentro e fora das transmissões. A narração era feita por Zuleide Ranieri Dias; os comentários, por Jurema Iara e Leilá Silveira; nos comentários de arbitragem, Lea Campos – que também era juíza –; na reportagem, Germana Carili, Claudete Troiano e Branca Amaral; no plantão, na sede do rádio, ficavam as locutoras Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Até o transporte da equipe era feito

diário, chegando a 50 mil exemplares. A circulação é interrompida, sim, em 1964 – o que pode ter motivado a confusão de datas – e retomada três anos mais tarde. Como veículo diário, a *Folha* se manteve até 1969, época da criação da *Folha da Manhã*, publicação em que ficou encartada até o seu fim, em 1973. A *Folha da Manhã* teve o mesmo destino sete anos mais tarde, em 1980 (CARDIA, 2009).

⁵⁵ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

⁵⁶ SILVEIRA. *Jornalismo esportivo*, p. 22.

⁵⁷ COELHO. *Jornalismo Esportivo*, p. 10.

⁵⁸ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*.

⁵⁹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 220.

por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida.⁶⁰

A iniciativa, no entanto, não durou muito tempo. Após cinco anos, saiu do ar, mais uma prova do preconceito que se manifesta dentro e fora das redações, sobretudo no esporte. Ribeiro⁶¹ traz à tona o depoimento da narradora Zuleide Ranieri, para quem, apesar de haver incentivo de alguns colegas, “a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem de dividir o mesmo local de trabalho conosco”. O quadro, portanto, era extremamente hostil, tanto que a emissora entendeu, depois deste período, que “estavam faltando homens na equipe”. Apenas duas décadas depois, já em 1991, essa situação se reverteria com a presença de Regiane Ritter, repórter e comentarista da *Rádio Gazeta*, que “chegou a conquistar o prêmio de melhor jornalista esportiva do estado de São Paulo naquele ano”.⁶² Apesar disso, é notável a condição marginal ocupada pelas mulheres diante da misoginia prevalecente no universo do jornalismo esportivo. Essa condição só teve mínimos e insuficientes avanços a partir da década de 1980, quando as restrições a mulheres repórteres de futebol diminuíram. Ainda hoje, porém, esse contexto é injusto e incômodo. O que é representativo, sobretudo, é a crescente – mas ainda muito pontual – da presença da voz feminina nos espaços de comentário e narração esportiva, por exemplo.

A *Gazeta Esportiva* teve tiragens recordes de 500 mil exemplares, mas o declínio foi inevitável diante do protagonismo do rádio e da televisão. Já em 2001, com mais de sete décadas de circulação, apenas 14 mil exemplares diários estavam nas bancas, chegando em alguns momentos a apenas quatro mil. Por conta disso, desde 19 de novembro, a publicação deixou de circular, “pela impossibilidade de simplesmente desaparecer, pois a dona do jornal, Fundação Cásper Líbero, era obrigada a manter o título no mercado”.⁶³ O caminho foi a migração para dois segmentos: o portal *gazetaesportiva.net* e a agência de notícias *Gazeta Press*, detentora de “um dos maiores acervos de fotos e notícias esportivas no país [...]”.⁶⁴

⁶⁰ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 221.

⁶¹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 221.

⁶² OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 54.

⁶³ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 302.

⁶⁴ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 44-45.

A MODERNIZAÇÃO: A VIRADA DOS IMPRESSOS ATÉ O FIM DO SÉCULO XX

Além das páginas, as ondas eletromagnéticas também foram porta de entrada para a popularização do esporte e, em especial, do futebol. No entanto, não há, necessariamente, uma linearidade em relação às transmissões do gênero no país. Barbeiro e Rangel destacam que um estilo particular se formou a partir da tentativa e do erro. Nas primeiras transmissões pelo rádio, mencionam os autores, a linguagem da narração era direcionada à emoção e ao improviso, diferentemente do que ocorria na Europa, sem que houvesse tanta interpretação e empolgação nas narrações: “Os locutores chegavam a gritar para demonstrar a explosão do gol. Muitas vezes não se preocupavam com quem estava em volta e se o estádio estava lotado: eles falavam mais alto para não ter seu som abafado pelos urros da torcida enlouquecida”.⁶⁵

O marco da ligação entre futebol e rádio, segundo relata Costa,⁶⁶ acontece “por volta dos anos 40 e 50”. Na década anterior, especialmente a partir da iniciativa da Rádio Nacional que, com transmissões por todo o país, construiu-se uma “escola” brasileira de transmissões ao vivo, aumentou o público das partidas à casa dos milhões. Como consequência, aponta o autor, houve a centralização midiática no Rio de Janeiro, à época sede do Distrito Federal, assim como a dispersão de torcedores das equipes cariocas pelo interior do Brasil.

A nível mundial, o desenvolvimento das coberturas também foi impulsionado pelos grandes eventos como Olimpíadas e Copas do Mundo. Foi durante um destes acontecimentos, o mundial de 1938, que “foi realizada a primeira transmissão de rádio intercontinental”.⁶⁷ A evolução é visível mesmo se dermos um salto no tempo: afinal, “na Copa de 1998 foi feita a primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV),⁶⁸ enquanto na [...] Copa, na África do Sul (2010), foi realizada a primeira transmissão internacional de tevê em 3D (fonte: FIFA; COI)”.

Voltando à década de 1930, foi quando o futebol passou a ser um evento mais midiático, porta de entrada para que pudesse, depois, despertar o interesse dos

⁶⁵ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 54-5.

⁶⁶ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 73.

⁶⁷ GASTALDO. *Comunicação e esporte*, p. 44.

⁶⁸ *High Definition Television*.

meios audiovisuais, principalmente entre 1950 e 1960. Costa⁶⁹ menciona que, entre outras mudanças, havia mais criatividade nas narrações – vindas do rádio – com a avaliação de que “o nascimento de um veículo de comunicação não invalidou o antigo, ou suprimiu o anterior, todos convivem entre si, e existe um mercado consumidor para cada um deles”. Era uma pista de que, independentemente do meio, e com o passar do tempo, os esportes e, destacadamente, o futebol, tinham impacto nas práticas da imprensa do país.

Começando pelas ondas sonoras, é possível destacar que a função de repórter de campo surgiu no meio, tendo na figura do locutor Silvio Luiz um propulsor da audiência, diante da disputa entre as rádios concorrentes – Tupi e Paulista – do eixo Rio-São Paulo. Na Paulista, era ele o responsável por carregar “um pesado equipamento, correndo de um lado a outro na beira do gramado atrás de jogadores que entravam e saíam de campo. As quedas eram inevitáveis e, enquanto trabalhava, a torcida divertia-se com seus tombos”.⁷⁰

A Rádio Educadora Paulista foi a primeira na história do rádio a transmitir uma partida de futebol na íntegra. A audácia de um estudante de Direito e jovem locutor, Nicolau Tuma, o levou a convencer a chefia que se realizasse a transmissão da vitória do São Paulo, por 6 a 4, diante do Paraná, em 19 de julho de 1931, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro. Tuma, sem saber, destacava o potencial imagético das partidas de futebol quando, a poucos minutos do início do jogo, anunciava aos ouvintes:

Como repórter, vou transmitir daqui tudo aquilo que for acontecendo no campo... Como vocês sabem, o campo de futebol é um retângulo. Então vocês façam um retângulo aí em sua frente, numa cartolina... Ou então, peguem uma caixa de fósforos. A caixa de fósforos é um retangulozinho, não é? Agora sim, a caixa de fósforos é o campo. Do lado esquerdo vão jogar os paulistas, do lado direito, os paranaenses.⁷¹

A condição das transmissões esportivas chegou à TV depois de um percurso considerável, a partir da década de 1930, como aponta Oliveira,⁷² quando uma partida de beisebol foi transmitida em 1935. Por sua vez, a Alemanha transmitiu os

⁶⁹ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 71.

⁷⁰ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 143.

⁷¹ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 55.

⁷² OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 55.

Jogos Olímpicos de Berlim em 1936; enquanto no ano seguinte a Inglaterra transmitiu um torneio de tênis de Wimbledon em 1937.⁷³ Desta maneira, “a primeira transmissão esportiva realizada na íntegra pela TV só viria a acontecer em 1948, nos Jogos Olímpicos de Londres, pela BBC”.⁷⁴

Em especial a partir da segunda metade do século XX, transformações significativas ocorrem: com o protagonismo da televisão no Brasil, a partir de 1950, o país pode experimentar a assimilação do esporte pelas massas – por conta da fixação do futebol, sobretudo. Foi um período representativo também por conta da proximidade, por alguns meses, da traumatizante derrota para o Uruguai na final da primeira Copa do Mundo disputada no país. Ribeiro⁷⁵ aponta que a primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol televisada no Brasil foi em 15 de outubro de 1950, quando a primeira emissora de TV do país, a Tupi, tinha menos de um mês de inauguração, na cidade de São Paulo.

Para a transmissão, “o público presente ao estádio do Pacaembu para assistir à partida entre Palmeiras e São Paulo era milhares de vezes superior ao número de aparelhos receptores”. Em torno de “duzentos privilegiados, no máximo, conseguiram acompanhar depois, em casa, as primeiras imagens de uma partida de futebol transmitida pela televisão”.⁷⁶ Assim, mesmo com o fracasso brasileiro em casa, na Copa do Mundo de 1950:

o torcedor das arquibancadas parecia cada vez mais seduzido pelo futebol. Grande parte dessa paixão desenfreada poderia ser creditada à mídia esportiva, que crescia em ritmo acelerado. O fenômeno televisão era apenas mais uma ferramenta para atrair mais e mais torcedores para as discussões em torno do futebol.⁷⁷

Segundo entende Costa,⁷⁸ com apoio da imagem, situação explorada também por outras modalidades, era um fenômeno que buscava unir a “beleza ao gesto técnico, buscando a imagem mais que espetacular”. O esporte é, assim, “o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva, porque oferece [...] o show já

⁷³ TUBINO *et al.* *Dicionário enciclopédico Tubino do esporte*.

⁷⁴ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 55.

⁷⁵ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*.

⁷⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 135.

⁷⁷ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 137.

⁷⁸ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 74.

pronto; possui elementos fortes para esta parceria, porque ganha características de um show de entretenimento”.⁷⁹ Seria esse um reflexo da sociedade técnico-industrial, com características do próprio tempo, como é o caso do futebol. Costa⁸⁰ avalia que, neste contexto, resultados ultrapassaram a importância do jogo: “a estatística da vitória, a análise matemática do jogo, passou a ser superior a jogar. Esse é um fenômeno presente em quase todos os esportes e cresceu concomitantemente ao desenvolvimento do sistema capitalista”.

Quando se fala dos impressos, houve, também, alterações no panorama: *Placar*, revista semanal lançada em março de 1970, marcou época no jornalismo esportivo brasileiro. O estabelecimento de uma revista esportiva de publicação regular chegou tardiamente ao Brasil, enquanto países como Argentina e Itália já tinham publicações voltadas aos esportes desde 1927.⁸¹ Por aqui, como parte da cartela de publicações do Grupo Abril, e no início concorrente do já citado *Jornal dos Sports*, a *Placar* encarou um período complexo da história brasileira: a Ditadura Militar. Entre possíveis censuras, chegou a vender mais de 100 mil exemplares por semana durante a Copa de 1970, e 500 mil na primeira edição.⁸² Pesavam a favor os profissionais consagrados que passavam a fazer parte do quadro da revista. A proposta editorial envolvia até mesmo o recurso da charge como forma de construir um discurso engajado e crítico. Neste sentido:

A maior e melhor revista esportiva do Brasil, publicada pela Editora Abril, surgiu no auge da efervescência política do país e no olho do furacão da crise instalada com a demissão do técnico da Seleção Brasileira às vésperas da disputa da Copa do Mundo do México. *Placar*, idealizada pelo jornalista e advogado Cláudio de Souza, era destinada a leitores interessados em reportagens mais elaboradas, inteligentes, escritas por feras do jornalismo esportivo.⁸³

Um dos trunfos da *Placar* foi compreender em qual momento histórico estava. Malaia⁸⁴ aponta, por exemplo, a divisão da divulgação esportiva não só entre jornais, mas também entre rádios, TVs e revistas. A *Placar*, então, se propunha uma

⁷⁹ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 74.

⁸⁰ COSTA. *Futebol: espetáculo do século*, p. 86.

⁸¹ COELHO. *Jornalismo Esportivo*.

⁸² HOLLANDA. *O cor-de-rosa*.

⁸³ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 208.

⁸⁴ MALAIA. *Placar*. 1970, p. 169.

abertura ao posicionamento dos jogadores, que “não se furtavam a declarar seu posicionamento político no período”. Assim, mesmo a contratação do sociólogo e jornalista esportivo Juca Kfoury era uma demonstração do interesse pela cobertura de acontecimentos e movimentos sociais como as Diretas Já e a Democracia Corintiana.

Desta forma, as estratégias para se aproximar da audiência eram variadas. Desde o posicionamento editorial até os slogans, procuravam refletir a postura da revista, tanto que “no início dos anos 1980, Placar passou a se chamar ‘Placar Todos os Esportes’, no final da década já era a ‘Placar Mais’ e nos anos 1990 passou a ser a ‘Placar: Futebol, sexo e rock & roll’”.⁸⁵ Esta última iniciativa, é válido pontuar, tinha nas suas páginas um apelo sexista, estereotipado e objetificador das mulheres, tratadas não como protagonistas das práticas e dos acontecimentos esportivos, nem como espectadoras.

Nos anos de 1980 até o início dos anos de 1990, a precisão teve mais espaço que a perspectiva voltada à crônica, o que “tornou o esporte quase frio”. Em uma linguagem mais descritiva, a proposta era equilibrar os aspectos emocionais com o relato factual, uma vez que o jornalismo esportivo “não vive sem emoção”.⁸⁶ A proposta foi adotada por jornais e revistas, apostando na “descrição em detalhes dos bastidores, a comprovação e explicação dos fatos esportivos”.⁸⁷

Oliveira⁸⁸ argumenta que outro veículo a utilizar estratégias efetivas de aproximação com o público foi o diário esportivo *Lance!*, criado em 1997 pelo economista Walter de Mattos Júnior. As características que notabilizavam a publicação – primeiro tabloide colorido do país – envolviam um projeto gráfico e editorial assinados pelo designer catalão Antoní Cases. A inspiração vinha de diários estrangeiros, como o espanhol *Marca* e o argentino *Olé*. O público-alvo, formado por “torcedores consumidores”, via, ao mesmo tempo, a decadência da principal concorrente em São Paulo, a *Gazeta Esportiva*, além do declínio do *Jornal dos Sports* no Rio.

A cobertura deveria privilegiar um enfoque original e positivo das equipes, como “um lugar para o torcedor encontrar prazer, não sofrimento”.⁸⁹ Mesmo sendo

⁸⁵ MALAIA. *Placar*. 1970, p. 169.

⁸⁶ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 55.

⁸⁷ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 56.

⁸⁸ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*.

⁸⁹ STYCER. *Lance!* Um jornal do seu tempo, p. 196.

marcos do jornalismo esportivo brasileiro, *Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports* tiveram seu declínio motivado sobretudo pelo momento de crise e pela desorganização das entidades esportivas do país no fim dos anos de 1980. O argumento é corroborado por Stycer, quando sustenta que esse processo levou a uma espécie de modernização do futebol no Brasil – em direção à era dos patrocínios e dos clubes-em-presa, é possível:

pensar no impacto da televisão, que passa a transmitir jogos de futebol com alguma frequência (e em cores, com o advento da nova tecnologia) a partir da década de 1970, e em ritmo massificado na década seguinte, mas é uma hipótese de difícil verificação. É notório que o rádio, usado de forma intensiva em transmissões esportivas justamente a partir da década de 30, não afetou o interesse pelos jornais esportivos, muito pelo contrário. Se for correta a hipótese que A *Gazeta Esportiva* e o *Jornal dos Sports* cresceram apoiados na popularização do futebol, faz sentido imaginar que tenham começado a decadência no momento em que a desorganização atingiu o auge e os clubes enfrentaram a maior crise de sua história.⁹⁰

Nesta reflexão – e dando um salto temporal –, durante a última década do milênio, a divulgação esportiva se expandia em território brasileiro. Com as novas dinâmicas de produção e um entendimento diferenciado da representatividade dos esportes, em especial o futebol, no cotidiano das pessoas, os jornalistas precisariam se atualizar. Foi o que o diário *Lance!* fez, ao inaugurar sua versão digital,⁹¹ dando o pontapé inicial à virtualização do jornalismo esportivo no país. Em discussão, estavam a reestruturação do futebol, a comercialização dos direitos de TV e a reorganização dos clubes como empresas, a explorar o potencial de aproximação com os públicos.⁹²

Como destaca Hollanda,⁹³ a proposta do *Lance!* era a de um tabloide segmentado, com um público de renda elevada, que põe “em suspeita a visão estereotipada do perfil medíocre que cerca a imagem do leitor-torcedor”. Essa postura questionava a visão de que o público identificado com esportes e, destacadamente no Brasil, com o futebol, é ligado a interesses “menores”. Pesquisas posteriores apontaram que leitores pertencentes às classes B e C já formavam 45% do público do jornal.⁹⁴ Assim, era possível visualizar o leitor do *Lance!*: “um jovem de classe média abonada

⁹⁰ STYCER. *Lance!* Um jornal do seu tempo, p. 191.

⁹¹ LIMA; BRASILEIRO. A virtualização do jornalismo esportivo.

⁹² OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*.

⁹³ HOLLANDA. O cor-de-rosa.

⁹⁴ OLIVEIRA. *Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016*, p. 50.

que vai à janela do apartamento gritar ‘chupa!’ quando seu time ganha, protegido de um outro leitor do jornal, de origem humilde, que passa embaixo, na calçada, e não pode alcançá-lo”.⁹⁵ Fazendo um apanhado sobre a publicação, chegou aos 24 anos de existência como principal diário esportivo do país, com conteúdo multimídia, tentando passar pelo processo de convergência midiática. No entanto, o cenário apresentado pela pandemia de Covid-19 foi o estopim para que a versão impressa deixasse de circular.

Assim, essa alteração de contexto teve uma virada já no fim da década de 1990 no Brasil, quando, além da introdução da internet comercial no país, também a imprensa se redesenhava. O *pay-per-view* diversifica a cobertura, e se altera a forma de se produzir notícias ligadas à temática a partir dos anos 2000 – situação que veio com uma década de atraso em relação a outros países.⁹⁶ Nesses locais, “uma competição ferrenha se estabelece entre os jornais esportivos – a exemplo dos diários de Madri, *As* e *Marca* –, assim como entre os pacotes de canais digitais da TV a cabo, como a ESPN, Eurosport, TVA Sports, Canal + Sport, etc. (no caso da televisão francesa)”.⁹⁷ Um cenário histórico drasticamente alterado com a emergência e consolidação da internet no país, e a alteração de todo o contexto do jornalismo esportivo depois de então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se em décadas passadas havia dúvida sobre a relevância de uma programação dedicada ao esporte nos jornais e no rádio, a televisão – seja aberta ou a cabo – tratou de estabelecer ainda mais a cultura futebolística no imaginário brasileiro – sobretudo em uma época de inserção popular à cultura de massa. Depois, com a virada digital da última década do milênio, o panorama jornalístico foi dramaticamente remodelado, segundo avalia Boyle:

[...] estando o jornalismo esportivo muitas vezes na vanguarda desta transição, à medida que o jornalismo se deslocava para o mundo on-line e muitas novas fontes de informação [...] se tornavam disponíveis em torno

⁹⁵ STYGER. *Lance!* Um jornal do seu tempo, p. 199.

⁹⁶ BOYLE. Sports journalism: changing journalism practice and digital.

⁹⁷ ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo, p. 11.

da cultura esportiva. A crise empresarial no jornalismo impresso chegou à porta dos jornalistas esportivos um pouco mais tarde do que noutros setores, mas chegou. À medida que o financiamento do jornalismo passa a ser o centro das atenções como motor na definição das novas trajetórias do jornalismo, aqueles que trabalham no esporte também tiveram de se adaptar e reinventar [...].⁹⁸

Assim, o modelo tradicional de jornalismo nas sociedades ocidentais, dominado por meios de comunicação como jornais e televisão, sofreu mudanças fundamentais no século XXI. Como consequência, é importante observar que o jornalismo esportivo desta época tem características próprias ainda que siga os passos de um desenvolvimento histórico recente em relação a outros campos dentro do jornalismo – como se disse, por um século.

O esporte adentra espaços independente do meio de veiculação – do rádio à TV, dos jornais à internet, na tentativa de alcançar um público que, apesar de ter interesses segmentados, é conectado a eles não apenas pela necessidade de informação, mas pelo afeto, por uma construção que o atravessa por vias racionais e emocionais. Com esta característica, apontam Pelegrini e Giglio,⁹⁹ constrói um discurso autorizado a consolidar determinadas interpretações sobre a história do jornalismo esportivo – algumas delas mais fortemente questionadas depois da virada do milênio – recorte que, ressalte-se não é a proposta deste estudo.

Uma abordagem histórica e temporalmente determinada foi importante por ressaltar esse contexto, prévio à consolidação da internet, ao ressaltar a evolução tardia, a lenta inserção na imprensa, e o desenvolvimento, sobretudo no Brasil. Desta forma, é possível, ainda que de forma restrita – uma das limitações do recorte deste estudo – olhar para as dinâmicas do passado e perceber, retrospectivamente, a ruptura ocorrida depois dos anos 2000 em variados aspectos. Por isso, a proposta foi olhar um pouco mais para o passado – porque só assim se pode pensar em que reflexos são causados por quem jogou antes. Porque, depois, muito se altera.

* * *

⁹⁸ BOYLE. Sports journalism, p. 494. (Tradução nossa).

⁹⁹ PELEGRINI; GIGLIO. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports*.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA LÓPEZ, A. **Periodismo deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- ANTUNES, F. **Com brasileiro não há quem possa**: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Editora Unesp, 2004.
- ARON *et al.* As escritas do jornalismo esportivo: introdução. **Sur Le Journalisme**, v. 10, n. 2, 2021.
- BAHIA, J. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990, p. 152.
- BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.
- BORELLI, V. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. **Anais [...] XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Salvador/BA, 1 a 5 set. 2002.
- BOYLE, R. Sports journalism: changing journalism practice and digital. **Digital Journalism**, 5:5, 493-5, 2017.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo, Editora Ibrasa, 1990.
- CARDIA, R. C. **“Jean Marie: o Brasil vai até o Chui”**: futebol e identidade “gaúcha” nas páginas da Folha Esportiva (1967-1972). Monografia (Bacharelado em História), Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- COSTA, L. M. Futebol folhetinizado: a imprensa esportiva e os recursos narrativos usados na construção da notícia. **LOGOS 33**: Comunicação e Esporte, v. 17, n. 2, 2010.
- COSTA, M. R. **Futebol**: espetáculo do século. São Paulo, Musa Editora, 1999.
- GASTALDO, E. L. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, 2011 p. 39-51.
- HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOLLANDA, B. B. B. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 80-106.
- LIMA, A. C. S.; BRASILEIRO, A. F. A virtualização do jornalismo esportivo: Futirinhas e Trivela. **Anais [...] XIV Congresso de Produção Científica e Acadêmica**, 2016, São João del Rei, XXIII SIC, 2016.
- MALAIÁ, J. *Placar*. 1970. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 149-70.

MARQUES, J. C. A “criança difícil do século”: algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio. **Comunicação, mídia e consumo** (São Paulo, ESPM), v. 8, 2011, p. 93-112.

MELO, V. A. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo B. Buarque de; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 21-51.

OLIVEIRA, T. R. N. **Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade Grenal em 2016**: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2018.

PELEGRINI, G.; GIGLIO, S. *A Gazeta Esportiva e Jornal dos Sports*: aproximações na primeira metade do século XX. **Caminhos da História**, v. 30, n. 2, 2025, p. 68-88.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SHIRTS, M. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, J. C.; WITTER, J. S. **Futebol e cultura**: Coletânea de estudos. São Paulo IMESP/DESP, 1982.

SILVA, M. R. **Mil e uma noites de futebol**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SILVEIRA, N. E. **Jornalismo esportivo**: conceitos e práticas. Monografia (Bacharelado em Jornalismo), Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.

STYCER, M. *Lance!* Um jornal do seu tempo. In: BUARQUE DE HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7 Letras, 2012, v. 1, p. 186-206.

TAVARES JÚNIOR, C. A. Jornalismo esportivo: o que é. **Revista Pauta Geral**: Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa, v. 4, n. 2, p. 38-59, 2017.

TUBINO, M.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário enciclopédico Tubino do esporte**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2007.

ZART, L. H. **Narrativa jornalística de Trivela**: a trajetória da Argentina na Copa do Mundo de 2022. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

* * *

Recebido em: 1º maio 2025.
Aprovado em: 31 ago. 2025.

Análise estética do jornalismo esportivo a partir do ethos, pathos e logos

Aesthetic analysis of sports journalism through ethos, pathos, and logos

Magali Cristina Rodrigues Lameira

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutoranda em Educação Física e Sociedade, UNICAMP
m191174@dac.unicamp.br

Odilon José Roble

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutor em Educação, UNICAMP

RESUMO: O artigo explora a intersecção entre estética, esporte e jornalismo, focando no futebol e utilizando o método retórico de logos, ethos e pathos. Destaca a capacidade do futebol de transcender competições esportivas, influenciando moda, publicidade e cultura popular, especialmente durante a Copa do Mundo. Sugere que o jornalismo esportivo evoca emoções e reações estéticas ao reportar o futebol, muitas vezes confundindo-se com entretenimento devido à sua natureza dramática. Aborda a questão da credibilidade e ética no jornalismo esportivo, ressaltando a importância do equilíbrio entre informar e entreter sem comprometer a integridade jornalística. A análise retórica das capas esportivas revela como logos, ethos e pathos influenciam a percepção do público em relação ao esporte. São analisadas as capas do dia seguinte à final da Copa do Mundo masculina da FIFA em um jornal brasileiro de 2002 a 2022, concluindo que há um forte componente estético revelado pelos marcadores retóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; Jornalismo esportivo; Futebol; Espetáculo; Filosofia do esporte.

ABSTRACT: This article explores the intersection of aesthetics, sports, and journalism, focusing on football and employing the rhetorical method of logos, ethos, and pathos. It highlights football's ability to transcend sporting competitions, influencing fashion, advertising, and popular culture, especially during the World Cup. It suggests that sports journalism evokes emotions and aesthetic reactions when reporting on football, often blurring the lines with entertainment due to its dramatic nature. The issue of credibility and ethics in sports journalism is addressed, emphasizing the importance of balancing informing and entertaining without compromising journalistic integrity. The rhetorical analysis of sports covers reveals how logos, ethos, and pathos influence the public's perception of the sport. Covers from the day following the FIFA Men's World Cup final in a Brazilian newspaper from 2002 to 2022 are analyzed, concluding that there is a strong aesthetic component revealed by the rhetorical markers.

KEYWORDS: Aesthetics; Sports journalism; Football; Spectacle; Philosophy of sport.

INTRODUÇÃO

O futebol constitui, no Brasil, uma prática social de centralidade simbólica, em que se entrelaçam dimensões estéticas, políticas e econômicas. Para além do campo esportivo, ele mobiliza afetos coletivos, valores culturais e dispositivos midiáticos que o transformam em uma das principais formas de narrativa nacional contemporânea. A busca por informações sobre a modalidade é constante e faz com que páginas especializadas em esporte se dediquem a desenvolver reportagens sobre o assunto, desde o jogo em si até a vida pessoal dos atletas. O jornalismo esportivo oferece ao espectador uma ampla gama de assuntos futebolísticos, alimentando a curiosidade e a necessidade de acompanhar o esporte.¹

Para além das reportagens e da cobertura factual, como espetáculo global, o futebol opera por meio de uma estética imagética que capta e mobiliza sensibilidades diversas, constituindo uma experiência afetiva compartilhada por torcedores ao redor do mundo.

Durante a Copa do Mundo, essa centralidade simbólica atinge seu ápice: os fluxos de atenção global são reconfigurados e os grandes conflitos políticos ou sociais muitas vezes cedem espaço à narrativa esportiva, que assume o papel de dramaturgia principal no imaginário midiático. A suspensão parcial da rotina e a reconfiguração das hierarquias da informação durante a Copa ilustram como o futebol opera como vetor de mobilização coletiva e de construção estética da vida pública.²

O futebol é um ritual performático que, assim como os demais esportes, põe em ação diferentes atores sociais e pode ser interpretado desde o ponto de vista da atuação de atletas, torcedores, mídias, cartolas, etc. Sendo uma prática corporal, revela, pela arte de jogar – do uso de técnicas específicas e do treinamento para produzir a eficácia – diferentes estilos que variam no tempo e no espaço. Como é um fato social de grande apelo popular, informa os gostos e os interesses do seu público, os parâmetros éticos e estéticos que orientam o comportamento individual e coletivo dos aficionados.³

É nesse contexto que a estética do jornalismo esportivo se revela não apenas como recurso visual, mas como linguagem carregada de intencionalidade. A relação

¹ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*.

² GURGEL. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos.

³ DAMO. Futebol e estética, p. 88.

entre estética e esporte tem sido debatida na Filosofia do Esporte, particularmente em sua intersecção com a arte. Segundo a *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*,⁴ o campo da estética esportiva contempla tanto a experiência estética da prática quanto a possibilidade de considerar o esporte como forma de arte. Essas questões ressaltam a complexidade e amplitude do estudo da estética no contexto esportivo, evidenciando a necessidade de uma análise aprofundada para compreender a interação entre estética, esporte e sociedade.

Hans Gumbrecht, em sua obra *Elogio da beleza atlética*, destaca o comportamento do espectador diante de momentos decisivos em partidas esportivas, bem como explora as emoções e sensações suscitadas nos amantes do esporte durante tais eventos. Posteriormente, o autor convida o leitor a refletir sobre essa experiência:

Agora pense em seus outros heróis: em Pelé, Maradona e Zinedine Zidane, em Michael Jordan, Hortência ou Oscar, pense em Ayrton Senna. Se você se dispõe a admitir que é um fã de esportes típico dos nossos tempos, um entre os milhões que acompanham seus times favoritos, semana após semana, por horas e horas ao longo dos anos, você tem intimidade com experiências como essa, e deve conhecer bem as sensações intensas que imagens assim são capazes de despertar. E em algum momento você provavelmente se perguntou por quê.⁵

As emoções e sensações evocadas por Gumbrecht remetem à rapidez com que as notícias se disseminam e ao impacto que exercem na excitação social. Uma compreensão da sensação social como força propulsora da comunicação midiática, tal como vemos em Türcke⁶ pode ser enriquecida pelo pensamento de Cremilda Medina,⁷ cuja abordagem destaca a dimensão dialógica e narrativa do jornalismo. Se Türcke enfatiza o impacto das sensações e impulsos coletivos na difusão da notícia, Medina propõe uma escuta plural, capaz de acolher essa excitação social sem reduzi-la a espetáculo ou consumo imediato.

Esse tensionamento entre escuta plural e espetacularização é particularmente visível na cobertura do futebol profissional, cuja forma dominante é aquela estruturada

⁴ DEVINE; LOPEZ. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, s.p.

⁵ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 23.

⁶ TURCKE. *Sociedade excitada*.

⁷ MEDINA. *O diálogo possível*.

sob a lógica do espetáculo globalizado. Como analisa Arlei Damo,⁸ o futebol espetacularizado opera sob uma organização centralizada, controlada pela FIFA e suas afiliadas, que normatizam regras, regulam o mercado de atletas e imagens e promovem eventos esportivos como produtos culturais de alto valor simbólico. Trata-se de um sistema que institucionaliza a performance e a emoção como requisitos essenciais, impondo padrões técnicos, narrativos e estéticos que moldam a experiência do jogo.

Essa estrutura envolve uma divisão clara de papéis: os profissionais que atuam diretamente no jogo (jogadores, técnicos, árbitros), os especialistas que interpretam e traduzem o jogo para o público (comentaristas e jornalistas), os dirigentes que controlam o aparato político e econômico do futebol e os torcedores, que alimentam a circulação das emoções. A narrativa jornalística, ao operar nesse ecossistema, acaba por reforçar essa matriz espetacularizada, muitas vezes privilegiando o drama, a tensão e a excelência performática como critérios de valor estético e noticioso.

Para isso, introduzimos a metodologia da retórica, composta por seus elementos logos, ethos e pathos, conforme proposta por Bauer e Gaskell⁹ para nos ajudar a trazer um novo olhar para a abordagem da Estética no Esporte e um novo caminho para esta subárea tão importante para a filosofia do esporte.

Isso abre espaço para um método que oferece uma camada adicional de análise para o campo estético. Explorar as conexões entre logos, ethos e pathos e sua aplicação no contexto esportivo pode revelar aspectos profundos sobre como a estética é percebida, valorizada e influencia as práticas esportivas. Essa abordagem multidimensional não só enriquece nossa compreensão da estética no esporte, mas também nos capacita a avaliar e apreciar as experiências estéticas de maneira mais completa, sofisticando a contemplação do esporte.

UMA BREVE INTRODUÇÃO SOBRE JORNALISMO ESPORTIVO

Muito se questiona sobre o Jornalismo Esportivo ser, de fato, jornalismo. Afinal, a premissa do jornalismo é informar fatos ligados à ética e ao interesse público.¹⁰ No

⁸ DAMO. Senso de jogo, p. 9.

⁹ BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, p. 240.

¹⁰ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*.

Jornalismo Esportivo, principalmente no contexto do futebol, os fatos não são apenas informados; eles também são analisados, opinados e debatidos de forma acalorada nos programas esportivos diários. Trabalhar com jornalismo esportivo implica lidar com especificidades próprias, já que, com frequência, ele se aproxima do campo do entretenimento.¹¹

O ponto levantado por Venancio ressalta uma questão relevante sobre o jornalismo esportivo. Sua observação de que o jornalismo esportivo muitas vezes é percebido como um exemplo de "não jornalismo" sinaliza o risco de uma cobertura marcada por superficialidade e sensacionalismo.

Ao mencionar que o jornalismo esportivo é frequentemente visto como um "repetidor de obviedades", o autor¹² destaca a falta de análise crítica e a profundidade na cobertura esportiva. Isso pode resultar em uma sensação de que o jornalismo esportivo não é tão significativo no conteúdo quanto outras formas de jornalismo. O autor também aponta a predominância de ex-jogadores e o apelo ao bate-boca sensacionalista como marcas recorrentes dos programas esportivos.

Entre os estudos dedicados à compreensão crítica do jornalismo, destaca-se a contribuição da pesquisadora Cremilda Medina, especialmente ao refletir sobre os gêneros jornalísticos e a função social da notícia. Em análise sobre sua obra, Winch¹³ observa que Medina identifica três tendências estruturantes: o jornalismo informativo (informação imediatista), o interpretativo (informação ampliada) e o opinativo (informação comentada). Winch entende que para a autora, a notícia ocupa posição central na imprensa brasileira, cumprindo duas funções principais: informar e distrair. Ainda segundo Winch, Medina concebe a informação jornalística como uma necessidade básica do ser humano, sem desconsiderar o papel do lazer, compreendido como uma demanda legítima do público. Esse binômio informação-lazer, presente em todo o processo da indústria cultural, muitas vezes é alvo de críticas e rejeições de natureza apocalíptica.¹⁴

¹¹ VENANCIO. *Futebol e teorias*, p. 103.

¹² VENANCIO. *Futebol e teorias*, p. 111.

¹³ WINCH. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo, p. 93.

¹⁴ WINCH. Contribuições teóricas de Cremilda Medina [...], p. 94.

Essa compreensão de Medina, discutida por Winch, é particularmente relevante para refletirmos sobre os limites entre informação e entretenimento no jornalismo esportivo. Ao reconhecer o valor informativo da notícia e, simultaneamente, sua dimensão de lazer, a autora contribui para uma leitura mais complexa do conteúdo jornalístico, sobretudo quando se trata do jornalismo esportivo, comumente atravessado por espetáculo, emoção e construção simbólica. Trata-se de compreender que o jornalismo esportivo não se afasta da lógica da indústria cultural, mas a integra de maneira estratégica.

No entanto, acompanhar um programa esportivo hoje em dia pode dificultar muito o entendimento do que é notícia, do que é fato e do que é opinião. Podemos ter a sensação de que tudo está sendo apresentado de maneira simultânea, sem diferenciação clara. Parece que o futebol é observado mais como entretenimento do que como um evento a ser noticiado, ou será que, sob a lógica de seus comunicadores, o fato noticiado visa prioritariamente entreter?

Essa aparente confusão entre fato e espetáculo é explorada criticamente por Vaz, que apresenta a seguinte reflexão:

O monopólio da transmissão em TV aberta por uma emissora faz confundir informação, entretenimento e propaganda do próprio produto que é colocado à venda [...]. No emaranhado de mensagens que nos toma os sentidos, ganham espaço também as “opiniões” que apaixonadamente se dedicam, nos meios de comunicação de massa, a julgar que ao selecionado brasileiro de futebol, derrotado, faltou “honra” e “garra”, realocando o vocabulário bélico que o esporte, de fato, faz sobreviver como experiência dramática da guerra.¹⁵

O olhar dado ao Jornalismo Esportivo, principalmente quando o assunto é futebol, muitas vezes direciona-se diretamente para o espetáculo. Ao analisarmos a obra seminal do filósofo Guy Debord, *A sociedade do espetáculo*,¹⁶ observamos o ensaio feito pelo autor sobre o conceito de espetáculo a partir da sociedade de consumo e a cultura de massa. Ele argumenta que a vida contemporânea é dominada pela espetacularização, onde as relações sociais são mediadas por imagens e repre-

¹⁵ VAZ. *Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade*, p.24.

¹⁶ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*.

sentações, em vez de serem vividas diretamente. Hoje, ao acompanharmos as notícias esportivas, torna-se evidente o entrelaçamento entre jornalismo e espetáculo e como essa indefinição parece influenciar no consumo de informação da audiência que consome este tipo de conteúdo.

Esse cenário evidencia a urgência de resgatar, no jornalismo esportivo, a centralidade do acontecimento factual, articulado a aprofundamento e credibilidade, como apontam Barbeiro e Rangel:

É verdade que o jornalismo mexe com uma matéria prima muito volátil, mas não se justifica a corrida desenfreada atrás de fatos que nem sempre têm relevância ou interesse público. É preciso ser ágil para não perder a oportunidade de oferecer ao torcedor a informação atualizada e completa, porém, com acurácia. Sem ela, nada feito. Não é jornalismo. Pode se dar qualquer outro nome. Esse noticiário sem credibilidade respinga no meio como um todo, e quem quer se destacar é obrigado a lutar asperamente para não ser confundido com a maioria.¹⁷

O trabalho de reportar o esporte frequentemente extrapola a simples notificação do ocorrido, exigindo elaboração narrativa e análise contextual. É produtivo buscar um aprofundamento, uma busca pela riqueza de detalhes e perspectivas adicionais, sem descontextualizar ou perder o sentido do fato. Essa perspectiva sugere a possibilidade de enriquecer a narrativa com nuances interpretativas, ampliando a compreensão do fato jornalístico em sua densidade simbólica.

Além disso, é essencial considerar o impacto que aquele tema específico terá na audiência. A imagem, a parte estética da reportagem, desempenha um papel fundamental não apenas para atrair a atenção do público, mas também para dar concretude ao assunto abordado. Assim como abordado por Winch,¹⁸ analisando Medina:

Desde os anos 1980, portanto, a autora já demarcava a necessidade de os jornalistas superarem os obstáculos da profissão e investirem em apurações e narrações dialógicas e complexas. Assim é que tornariam-se capazes de modificar efetivamente o status quo e praticar um discurso polifônico (diversidade de vozes) e polissêmico (multiplicidade de significados).¹⁹

¹⁷ BARBEIRO; RANGEL. *Manual do jornalismo esportivo*, p. 24-5.

¹⁸ WINCH. *Contribuições teóricas de Cremilda Medina* [...].

¹⁹ WINCH. *Contribuições teóricas de Cremilda Medina* [...], p. 96.

Gumbrecht²⁰ discorre sobre a relevância do texto esportivo de qualidade para os leitores, destacando a primazia dos Estados Unidos na valorização do esporte universitário e na disseminação de notícias esportivas com análises mais elaboradas. Nesse contexto, observa-se uma atenção mais refinada para o comentário esportivo, evidenciando a influência cultural e a importância atribuída ao discurso analítico sobre eventos esportivos nos Estados Unidos, mas ele traz uma reflexão importante aos outros países:

O panorama é bem menos encorajador quando olhamos para outros países. E, se nos concentrarmos em publicações acadêmicas, o deserto predomina em ambos os hemisférios. Na academia mundial, o esporte, como fenômeno social ou cultural, é, quando muito, um assunto periférico.²¹

A constatação de Gumbrecht sobre a marginalidade acadêmica do esporte reforça a necessidade de abordagens que valorizem sua dimensão estética e simbólica. É nesse sentido que a reflexão de Queiroz se insere: ao contrário da visão reducionista do esporte como distração ou alienação, a autora propõe vê-lo como campo de intensas experiências estéticas e expressões singulares do humano.²²

A autora ainda argumenta que o esporte tem o potencial de nos fazer refletir sobre outros aspectos da experiência estética contemporânea. Ao invés de seguir uma lógica de massificação e repetição, o esporte é capaz de gerar momentos únicos e idiossincráticos. Esses momentos excepcionais, muitas vezes associados a um paradigma de excelência que ecoa o conceito de "gênio" nas artes, nos levam a questionar e explorar mais profundamente os limites da expressão humana.²³

A intersecção entre futebol, estética e mídia revela um campo de análise simbólica que ultrapassa a simples apreciação esportiva, mobilizando sentidos históricos e culturais de pertencimento.

A tendência quase unânime, dos torcedores aos críticos, é concordar com a afirmação de que o futebol já não é mais o que fora, especialmente no caso brasileiro, em que, segundo dizem, era voltado para o espetáculo: dribles, fintas, toques de efeito e malabarismos diversos; e o gol sendo o produto, o acabamento natural, jamais o objetivo principal do embate, como teria se tornado na atualidade. Essa visão romântica que evoca a

²⁰ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*.

²¹ GUMBRECHT. *Elogio da beleza atlética*, p. 24.

²² QUEIROZ. *Corpo, mídia e esporte*, p. 343.

²³ QUEIROZ. *Corpo, mídia e esporte*.

“beleza do morto” é decorrente, em grande medida, do fato da mídia reproduzir um dado recorte do passado futebolístico, geralmente os gols e as jogadas de exceção. Assim, a memória das gerações mais jovens inclina-se a ser tendenciosa, uma vez que é influenciada pelo recorte operado pelos meios de comunicação. Os lances menos cotados, encontrões, pontapés e jogadas violentas são preteridos, o que pode produzir no público a impressão de que o futebol de outrora era o que as imagens mostram em vez de entender as imagens mostradas atualmente como uma seleção e, portanto, parte do que fora o futebol.²⁴

Dessa forma, é possível compreender que o futebol, enquanto manifestação esportiva e cultural, está inserido em uma rede complexa de significações estéticas, midiáticas e sociais. A experiência estética proporcionada por esse esporte não ocorre de forma neutra ou espontânea: ela é atravessada por seleções, omissões e narrativas construídas.

Assim, o que se considera belo, genial ou memorável no futebol é frequentemente produto de recortes midiáticos que reforçam uma visão idealizada do passado e moldam a percepção do presente. Questionar essas construções permite não apenas enriquecer a análise estética do esporte, mas também lançar luz sobre os processos simbólicos que orientam o modo como sentimos, lembramos e valorizamos o espetáculo esportivo.

Em última instância, refletir sobre essa estética midiaticamente mediada é também refletir sobre nós mesmos, nossas expectativas, afetos e visões de mundo projetadas no campo de jogo.

A crítica ao modelo de jornalismo espetacularizado, centrado na emoção fácil e na repetição de fórmulas, pode ser aprofundada à luz do pensamento de Cremilda Medina.²⁵ Para a autora, o jornalismo não deve ser reduzido a um instrumento técnico de transmissão de fatos, mas compreendido como prática cultural e simbólica, enredada na complexidade dos discursos sociais. Sua proposta valoriza a narrativa dialógica, construída a partir de múltiplos pontos de vista e aberta ao imprevisível do real.

Em oposição à lógica do espetáculo, que simplifica os sentidos e transforma o acontecimento em mercadoria visual, Medina insiste na importância de um jornalismo que opere com polifonia e polissignificação. O jornalismo esportivo, quando

²⁴ DAMO. Futebol e estética, p. 84.

²⁵ MEDINA. *O diálogo possível*, p. 6.

atrelado ao entretenimento midiático, tende a silenciar os conflitos estruturais do esporte e a suprimir vozes dissonantes, privilegiando um enredo heroico ou trágico simplificado. Já o jornalismo relacional, defendido por Medina, busca fissurar essas estruturas fechadas, dando espaço a vozes laterais, memórias fragmentadas, e interpretações múltiplas.²⁶

Assim, o futebol — frequentemente tratado como espetáculo de afirmação nacional ou como palco para heróis — pode ser ressignificado como espaço narrativo plural, onde convivem afetos contraditórios, memórias conflitantes e temporalidades díspares. Incorporar essa complexidade narrativa ao jornalismo esportivo é mais do que um desafio técnico; é um reposicionamento ético e epistemológico do próprio papel da imprensa na construção do imaginário esportivo contemporâneo.

MÉTODO

A análise deste artigo buscou trazer a perspectiva da retórica, como proposta por Bauer e Gaskell em seu livro intitulado *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*,²⁷ Essa alternativa revela-se como uma abordagem interessante e inovadora para desvendar as estratégias persuasivas, a argumentação e a eficácia comunicativa de conteúdos orais e visuais, assim como entender qual a influência estética na disseminação do conteúdo noticioso, no nosso caso, o conteúdo esportivo.

A retórica, como primeiramente anunciada por Aristóteles no século IV a.C., mas formalmente constituída como disciplina filosófica por Alexander Baumgarten no século XVIII, encontrando desenvolvimento metodológico posterior como verificamos em propostas como a aqui mobilizada pelas propostas de Bauer e Gaskell.²⁸ Nesta proposta os pesquisadores se amparam no pressuposto estético para compreender que os fenômenos carregam mais do que fatos objetivos, ou seja, seu conteúdo é uma amálgama de diferentes formas de expressão que, à guisa de análise, podem ser coerentemente agregadas em três componentes principais. A seguir, apresenta-

²⁶ MEDINA. *O diálogo possível*, p. 20.

²⁷ BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 240.

²⁸ BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 240.

mos a definição sucinta em termos metodológicos destes três componentes, seguidos de uma aplicação imediata aos nossos objetivos: 1) Logos: “Se refere à extração de conclusões das premissas e observações”.²⁹ De maneira geral e resumida, o logos apresenta-se como uma dimensão objetiva do dado analisado, dimensão esta que precisa estar expressa e não somente inferida. Para relacionar as capas selecionadas é necessário examinar como os argumentos são estruturados, que evidências são apresentadas e como o conteúdo é organizado em bases empíricas para transmitir informações de maneira lógica e coerente. A análise do logos busca revelar se o conteúdo esportivo utiliza fatos, estatísticas e argumentação pautada em evidências para persuadir e informar o público. 2) Ethos: “Se refere à apresentação da autoridade pessoal do locutor, e à pretensão de reputação”.³⁰ Não se trata aqui de falácia de autoridade, ou seja, da presunção que a verdade decorre do poder atribuído automaticamente à reputação do orador. Como componente dessa tripla influência, o ethos observa o recorte mais amplo de posicionamento do orador, inserindo-o em uma proposta discursiva alargada. É inevitável, por exemplo, que entendamos o posicionamento de um orador defensor conhecido de uma causa como possivelmente ligado à defesa de tal causa. Ainda que esse componente exija determinado grau de interpretação por parte da análise, no âmbito estético da retórica é fundamental produzir essa hermenêutica. No caso da análise das reportagens esportivas, esse componente aponta para a compreensão do quadro ético geral que envolve o posicionamento do emissor de significados no debate corrente do tema. Também é componente do ethos os personagens que são objetos dos discursos, ou seja, no nosso caso específico, quando jogadores, treinadores e outros personagens esportivos são mencionados, eles inevitavelmente emprestam ethos específico à retórica. 3) Pathos: O pathos “agita as emoções do público”.³¹ Sinteticamente, o pathos se concentra na persuasão baseada nas emoções e no apelo emocional. No contexto das reportagens, propomos que isso implique em examinar como são utilizadas as histórias pessoais e as temáticas abordadas nas reportagens, recurso aparentemente comum no jornalismo esportivo. A análise do pathos ajudaria a entender como as reportagens cativam e envolvem os leitores emocionalmente, o que parece indiscernível de apelos a histórias pessoais e jargões de superação, garra e outros repertórios prevalentes.

²⁹ BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 240.

³⁰ BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 240.

³¹ BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 240.

Faremos, a seguir, uma análise do material discursivo de algumas das capas do jornal *Folha de São Paulo*. Jornal de grande circulação nacional e referência de jornalismo escrito no Brasil. Mais especificamente, escolhemos as capas do dia seguinte à final das respectivas Copas do Mundo de Futebol Masculino da FIFA. Nosso intuito é o de interpretar a retórica contida nesse material a partir do método de identificação do logos, ethos e pathos como proposto por Bauer e Gaskell,³² brevemente apresentado nessa seção de Método. Para isso, focaremos a análise no material contido nas imagens, texto da manchete, texto da submanchete, texto da coluna da capa e possíveis adornos gráficos, enfim, todo o material presente na capa relacionado à manchete principal.

ANÁLISE DAS CAPAS DO JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO* DISTRIBUÍDAS CRONOLOGICAMENTE DE 2002 A 2022



Fig. 1 - Capa da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2002. Publicada em tiragem nacional impressa, 1 jul. 2002. Fonte: *Folha de São Paulo*.³³

A Copa do Mundo de 2002 foi coorganizada pela Coreia do Sul e pelo Japão, sendo a primeira realizada na Ásia. A seleção brasileira venceu o torneio, conquistando seu quinto título mundial, ao derrotar a Alemanha na final por 2 a 0. Ronaldo,

³² BAUER; GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*, p. 240.

³³ O contato com o jornal *Folha de São Paulo* foi realizado e a divulgação das Capas foi autorizada mediante pagamento de direitos autorais preestabelecidos.

atacante brasileiro, foi o destaque do torneio, marcando oito gols e sendo fundamental para a conquista do título.



Fig. 2 - Capa da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2006.
Publicada em tiragem nacional impressa, data: 10 de julho, 2006.
Fonte: *Folha de São Paulo*.

A Copa do Mundo de 2006 foi sediada na Alemanha e foi marcada por uma grande festa no país e estádios lotados. A seleção italiana sagrou-se campeã, derrotando a França na final por 5 a 3 nos pênaltis, após um empate por 1 a 1 no tempo regulamentar e na prorrogação. Zinedine Zidane, da França, foi um dos grandes destaques do torneio, embora tenha sido expulso na final por um incidente que ficou famoso envolvendo uma cabeçada que o jogador deu no jogador italiano Marco Materazzi.

A Copa do Mundo de 2010 foi realizada na África do Sul, sendo a primeira vez que o continente africano sediou o torneio. A Espanha conquistou seu primeiro título mundial, derrotando a Holanda na final por 1 a 0, com um gol de Andrés Iniesta na prorrogação. Esta Copa do Mundo também foi marcada pela festa africana com direito a presença de vuvuzelas nas arquibancadas, criando uma atmosfera nunca vista antes nos mundiais.



Fig. 3 - Capa da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2010. Publicada em tiragem nacional impressa, 12 jul. 2010. Fonte: *Folha de São Paulo*.



Fig. 4 – Capa da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2014. Publicada em tiragem nacional impressa, 14 jul. 2014. Fonte: *Folha de São Paulo*.

A Copa do Mundo de 2014 foi realizada aqui no Brasil, apesar dos problemas políticos que o país atravessava no momento, o evento conseguiu ter sua realização sem intempéries. A Alemanha sagrou-se campeã pela quarta vez, ao derrotar a Argentina na final por 1 a 0, com um gol de Mario Götze na prorrogação. Esta Copa do

Mundo foi marcada por momentos históricos, como a derrota do Brasil por 7 a 1 para a Alemanha nas semifinais.

A Copa do Mundo de 2018 foi sediada na Rússia, foi a primeira vez que o país sediou o torneio. A França conquistou seu segundo título mundial, derrotando a Croácia na final por 4 a 2. A competição foi marcada pelas eliminações precoces de grandes seleções como Alemanha, Argentina e Espanha, além do desempenho impressionante de jogadores como Kylian Mbappé.



Fig. 5 - Capa da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2018.
Publicada em tiragem nacional impressa, 16 jul. 2018.
Fonte: *Folha de São Paulo*.

A Copa do Mundo de 2022 foi sediada no Qatar, sendo a primeira vez que o torneio foi realizado no Oriente Médio. A competição transcorreu sem intercorrências, apesar de certas desconfianças a respeito do país ter resistências a se adaptar a certos procedimentos internacionais. O evento registrou boa e diversificada participação de público e com muita festa. A seleção argentina sagrou-se campeã, e Lionel Messi foi coroado como um grande jogador de futebol de todos os tempos, levando a Argentina a conquistar seu terceiro título mundial.



Fig. 6 - Capa da Copa do Mundo de Futebol Masculino 2022.
Publicada em tiragem nacional impressa, 19 dez. 2022.
Fonte: *Folha de São Paulo*.

QUADRO ANALÍTICO DA RETÓRICA E SEUS ELEMENTOS NAS CAPAS JORNALÍSTICAS

CAPA/ANO	LOGOS	ETHOS	PATHOS
1 – Capa: <i>Folha de São Paulo</i> – Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2002	Dados: do jogo; histórico da seleção brasileira no mundial; atuação do jogador Cafú; gols do artilheiro da competição; comparação de outras copas do mundo; maiores artilheiros da seleção brasileira;	Credibilidade: do veículo de imprensa; dos personagens usados na capa: o artilheiro e o capitão; uso da imagem apenas dos jogadores brasileiros; ausência da seleção alemã; comentários de dois colonistas	Imagem: Ronaldo de braços abertos comemorando o gol do título; Cafú sorridente erguendo a taça em meio a chuva de papéis prateados caindo sobre ele; medalha para trás e taça acima da cabeça; uso do nome do ex-jogador Pelé
2 – Capa: <i>Folha de São Paulo</i> – Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2006	Dados: do jogo, histórico das duas seleções finalistas; seleção brasileira; de outras notícias que não abordam futebol	Credibilidade: do veículo de imprensa; dos personagens usados na capa: o jogador francês Zidane e o capitão da seleção italiana. que ergueu a taça; comentários de dois colonistas	Imagem: Capitão da seleção Italiana, Cannavaro, com a medalha de ouro no peito e a taça, erguida acima da cabeça com a expressão de pura felicidade; Zidane, jogador francês de costas e com as mãos no rosto

3 – Capa: <i>Folha de São Paulo</i> – Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2010	Dados: do jogo; tabela com as seleções que já venceram a copa do mundo; representatividade da copa; ineditismo; de outras notícias que não abordam futebol;	Credibilidade: do veículo de imprensa; personagens usados na capa: Iniesta, goleiro e zagueiro da Holanda; crianças torcedoras da seleção espanhola; comentários de dois colonistas	Imagem: do jogador Espanhol, Iniesta, marcando o gol; jogador holandês caído no campo; crianças torcedoras da Espanha com expressão de expectativa e com animação
4 – Capa: <i>Folha de São Paulo</i> – Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2014	Dados: do jogo, histórico das seleções que já ganharam a Copa do Mundo; melhores jogadores para compor a seleção do mundo; capa inteira sobre a copa; ineditismo; valor geopolítico	Credibilidade: do veículo de imprensa; personagens escolhidos para o uso de imagem: Ex- Presidente Dilma Rouseff, seleção da Alemanha, charge com os melhores jogadores; comentários de cinco colonistas	Imagem: Toda a seleção da Alemanha comemorando o título com a medalha no peito e a taça sendo erguida por vários jogadores; Charge com os 11 melhores jogadores da Copa segundo o jornal; da presidente do Brasil na época com feição insatisfeita, em meio aos jogadores alemães
5 – Capa: <i>Folha de São Paulo</i> – Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2018	Dados: do jogo; histórico da seleção Francesa; da atuação francesa; ausência da seleção croata segunda colocada; do jogador francês Mbappé; outras notícias que não abordam a copa do mundo; ineditismo; valor geopolítico	Credibilidade: do veículo de imprensa; personagens escolhidos para o uso de imagem: Presidente Francês Emmanuel Macron; jogador eleito o melhor jovem da Copa Mbappé; chamada dos comentários dos quatro colonistas	Imagem: do jogador francês Mbappé, embaixo de chuva com a medalha no peito, beijando a taça e com olhar de satisfação pelo grande feito; jogadores franceses com a medalha no peito; presidente da França comemorando
6 – Capa: <i>Folha de São Paulo</i> – Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2022	Dados: do jogo; histórico da seleção Argentina; do jogador Messi; dados inéditos; merecimento; valor geopolítico; outras notícias que não abordam a copa do mundo	Credibilidade: do veículo de imprensa; Destaque para Messi e para a taça; população argentina comemorando nas ruas de Buenos Aires; bandeira gigante com a figura icônica de Diego Maradona; comentários dos quatro colonistas	Imagens: Forma carinhosa com que Messi toca a taça e segura um troféu; escolha de comunicação circular na manchete; o protagonismo de Messi; ausência da seleção argentina e francesa; pouca relevância ao placar final

DISCUSSÃO

Tendo selecionado o material pertinente ao logos, ethos e pathos, nosso trabalho agora consiste em uma operação interpretativa, na qual o encadeamento desses dados compõem uma rede de significados. Evidentemente, certo grau subjetivo é emprestado a essa análise, o que nos situa em um campo eminentemente hermenêutico. Para cada uma das capas, esta discussão propõe umnexo de inteligibilidade pertinente, como se segue.

Na capa do jornal *Folha de São Paulo*,³⁴ da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2002, são discerníveis os três componentes retóricos que estão sendo analisados nas imagens. A capa apresenta a imagem do proeminente jogador da seleção brasileira na época, Ronaldo Nazário que foi o principal artilheiro do torneio e o primeiro brasileiro desde 1950 a alcançar tal proeza. Na imagem (Fig. 1), o jogador é retratado com os braços abertos em comemoração ao gol, exibindo um semblante de pura felicidade. Em outra fotografia (Fig. 1) na mesma capa, o capitão da equipe, o jogador Cafu, é retratado segurando a taça acima da cabeça, com um olhar para baixo e um sorriso estampado no rosto, enquanto uma chuva de papéis prateados cai sobre ele. A medalha ao redor do pescoço está virada para trás, e a camisa ostenta escritos em homenagem ao bairro onde o jogador cresceu.

A capa (Fig. 1), inteiramente dedicada à vitória da seleção brasileira, inclui chamadas de colunistas esportivos, como Tostão, ex-jogador da seleção, que expressa o desejo de reviver a sensação de ser campeão, e Torero, que destaca a homenagem de Cafu à sua origem no Jardim Irene. Além disso, em destaque na capa, está o texto que destaca a superação do trauma vivido por Ronaldo na Copa de 1998, quando a seleção brasileira perdeu o título. Na parte textual o jornal traz o relato sobre a final entre Brasil e Alemanha, o histórico do Brasil nas Copas e os planos para a celebração do título no país. Adicionalmente, há uma breve crítica do jogador Rivaldo ao presidente da época.

³⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. Pentacampeão! Capa (Fig. 1).

Através desses elementos, é perceptível que o jornal *Folha de São Paulo*³⁵ dedicou toda a ênfase daquela segunda-feira pós-Copa ao quinto título mundial da seleção brasileira. O jornal apresentou dados históricos e estatísticos do evento, enquanto as duas imagens selecionadas para representar esse importante momento focalizaram nos dois principais protagonistas da conquista: um por ser o grande nome da seleção brasileira e o outro por ser o jogador que mais atuou pela seleção e detentor da braçadeira de capitão. Tanto os textos quanto as imagens selecionadas proporcionaram uma compreensão plena do feito brasileiro e da importância daquele momento para o país.

A capa do jornal *Folha de São Paulo*,³⁶ na edição do dia primeiro de julho, pós-Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2002, emerge como uma síntese magistral da celebração da vitória brasileira, a celebração do quinto título, a maior de todas as seleções, a mais vitoriosa da história pelo menos até aquele momento. Sob um olhar estético, a composição visualmente impactante captura a essência do triunfo, a riqueza dos detalhes que falam por si. Além disso, a parte textual traz elementos retóricos que convergem para enaltecer a conquista histórica.

A imagem central, protagonizada por Ronaldo Nazário em um gesto de êxtase, personifica a alegria e a glória do momento. Seus braços abertos simbolizam a vitória amplamente merecida, enquanto seu semblante transmite uma pura felicidade, aquela que ecoa, que ao mesmo tempo que mostra satisfação, também mostra alívio. Alívio daquele que vinha sendo cobrado desde 1998 e que se libertará da cobrança naquele momento. Na outra imagem, Cafu ergue a taça com uma mistura de humildade e conquista, traz no olhar a luta daquele menino simples do Jd. Irene que não abandona sua história, mas que naquele momento conquistou o mundo, acrescentando a este cenário a chuva de papéis prateados como um cenário de festa e celebração.

A simbiose entre as imagens e o texto envolve o leitor em uma narrativa rica tanto na abordagem visual como na abordagem textual. A citação de colunistas esportivos, como Tostão e Torero, ressoa o sentimento de nostalgia e orgulho nacional, mas não podemos esquecer que o jornal traz o que ele chama de trauma do jogador Ronaldo pela atuação na copa de 1998, é como se o jornal absolvesse o jogador pela

³⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. Pentacampeão! Capa (Fig. 1).

³⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. Pentacampeão! Capa (Fig. 1).

perda do título mundial daquele ano, o que adiciona uma camada de profundidade emocional à narrativa. No fim da parte textual o jornal decide que há um espaço para trazer as críticas de Rivaldo ao presidente da época, ou seja, acrescentando um elemento de controvérsia e reflexão política ao contexto esportivo.

No todo, a capa da *Folha de São Paulo*³⁷ transcende o mero relato jornalístico para se tornar uma obra de arte efêmera e de grande valor estético. Nela podemos encontrar os três elementos da retórica muito bem demonstrados e alinhados ao acontecimento histórico, imortalizando o momento de suma importância ao país. É uma ode à paixão pelo futebol no Brasil e a conquista de um campeonato mundial é sempre muito celebrada, mostrando a essência do esporte como um espelho da sociedade.

Na capa do jornal *Folha de São Paulo*³⁸ pós final da Copa do Mundo de Futebol Masculino, do dia 10 de julho de 2006, mais uma vez, os três pilares da retórica podem ser identificados. Inicialmente, analisaremos as imagens presentes. A imagem mais proeminente e predominante da capa retrata o jogador Cannavaro, capitão da seleção italiana, ostentando a medalha de ouro no peito, sorrindo e erguendo a taça acima da cabeça, simbolizando a conquista máxima da Copa do Mundo de Futebol Masculino (Fig. 2). O fundo da imagem está desfocado, conferindo a sensação de isolamento ao jogador. Na outra imagem da capa, encontra-se o jogador francês Zidane, de costas e com as mãos no rosto, evocando a frustração do jogador e da seleção francesa pela derrota na final da Copa.

Além das imagens (Fig. 2), a capa apresenta uma chamada para uma reportagem sobre a seleção brasileira, destacando o descontentamento com sua atuação no mundial, apesar de ainda ser considerada a melhor em comparação com os outros mundiais. Também são destacados os comentários de Tostão e Juca Kfouriri. O conteúdo textual oferece um breve resumo do jogo, enfatizando especialmente a expulsão do jogador francês Zidane e as acusações feitas pelos jogadores italianos contra os times de futebol da Itália. É perceptível que esta capa não concentra toda sua atenção na Copa do Mundo. O conteúdo textual é reduzido, as imagens não ocupam uma parte significativa da capa e há diversos outros assuntos considerados relevantes pelo jornal para serem destacados naquele momento.

³⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. Pentacampeão! Capa (Fig. 1).

³⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. Itália é tetracampeã! Capa (Fig. 2).

A capa do jornal de 2006,³⁹ marcada por uma abordagem editorial singular de emoções e narrativas entrelaçadas. Sob uma lente estética, as imagens e os elementos textuais convergem para retratar não apenas o evento esportivo, mas também as nuances dos acontecimentos fora do jogo, mas que interferem diretamente na postura dos times e nas questões sociais subjacentes.

A figura imponente de Cannavaro (Fig. 2), erguendo a taça com um sorriso radiante, personifica a glória e a conquista triunfante da equipe italiana que pela quarta vez é a melhor do mundo. O contraste do jogador isolado em um fundo desfocado evoca uma sensação de individualidade na vitória coletiva, destacando a jornada pessoal do capitão rumo ao ápice do sucesso esportivo, mas apagando que este resultado advém de um trabalho em equipe. Por outro lado, a imagem de Zidane de costas, mãos no rosto em expressão de desolação, ecoa a tragédia da derrota e a vulnerabilidade dos heróis caídos e recai a ele como único culpado pela tragédia que atingiu a equipe francesa.

A seleção cuidadosa de comentários de profissionais experientes no tema adiciona uma dimensão crítica à cobertura, outro elemento importante é trazer a análise final sobre a atuação da seleção brasileira, que para o jornal foi vexaminosa, mas que contrastada com a excelência histórica. A abordagem concisa do resumo do jogo, com ênfase na expulsão de Zidane e nas denúncias dos jogadores italianos, lança luz sobre questões éticas e morais que permeiam o esporte.

A decisão editorial de não conceder toda atenção à Copa do Mundo, reservando espaço para outros temas de importância, mostra que não há grande relevância para os leitores quando não há a participação da seleção brasileira na final do campeonato. Em suma, a capa de 2006⁴⁰ emerge como um espelho estético das transformações humanas, capturando os extremos da glória e da derrota, enquanto explora as complexidades do cenário global através da lente do esporte.

Na capa do jornal *Folha de São Paulo* (Fig. 3), referente à Copa do Mundo de Futebol Masculino de 12 de julho de 2010,⁴¹ são evidenciados os três componentes

³⁹ FOLHA DE SÃO PAULO. Itália é tetracampeã! Capa (Fig. 2).

⁴⁰ FOLHA DE SÃO PAULO. Itália é tetracampeã! Capa (Fig. 2).

⁴¹ FOLHA DE SÃO PAULO. Espanha chega lá! Capa (Fig. 3).

retóricos em análise. Destaca-se, inicialmente, a ausência de texto significativo relacionado à Copa do Mundo. O conteúdo textual está restrito às legendas das fotos, de forma concisa, e à chamada para os comentaristas esportivos.

A imagem principal captura o momento crucial do jogo, com o jogador espanhol Iniesta chutando a bola em direção ao gol, superando o zagueiro e o goleiro adversários (Fig. 3). A outra imagem retrata três crianças espanholas, expectantes, apoiadas em uma grade, aguardando o desenrolar da partida. No conteúdo textual, o jornal destaca o inédito título da Espanha e descreve a final como a mais violenta comparada às edições anteriores da Copa do Mundo. A chamada para as crônicas de Tostão compara a seleção da Espanha com a brasileira, enquanto a de Paulo Vinícius Coelho enfatiza a marcação vitoriosa sobre o que é considerado "antifutebol".

Ademais, há uma pequena tabela que enumera os países campeões da Copa do Mundo de Futebol Masculino, juntamente com o número de títulos de cada país. O restante da capa é ocupado por notícias cotidianas do país, delineando uma abordagem diversificada dos temas abordados. Mas, o que mais chama atenção na presente capa é a ausência dos elementos principais da Copa do Mundo. A taça, a medalha, as duas seleções finalistas e a comemoração em massa da torcida campeã, além da ausência em trazer a importância de a Copa do Mundo ter acontecido pela primeira vez em um país africano. Nada disso foi selecionado pela editoria do jornal, que optou apenas por abordar a partida e trazer de forma sucinta o desfecho deste importante evento esportivo.

Sob uma análise estética, os elementos visuais e textuais trazem o momento mais marcante de todo o jogo. A imagem central (Fig. 3), imortalizando o momento em que Iniesta chuta a bola em direção ao gol, personifica a tensão e a emoção do jogo. Em contraste, a imagem das crianças espanholas, ansiosas e expectantes, reflete a esperança e a devoção que o futebol inspira é um lembrete poético do impacto cultural e emocional do esporte.

Na capa do jornal *Folha de São Paulo* (Fig. 4), pós-final da Copa do Mundo de Futebol Masculino, do dia 14 de julho de 2014, utiliza-se mais uma vez os três pilares da retórica para analisar a abordagem do jornal ao evento esportivo. A Copa do Mundo, sediada no Brasil, foi conquistada pela seleção alemã, que notoriamente der-

rotou a seleção brasileira na semifinal pelo placar de 7x1, fato este que não foi abordado na capa pós-copa. Nela, o jornal traz a imagem do elenco da seleção alemã com as medalhas ao peito, as mãos erguidas e a taça sendo segurada por vários jogadores, celebrando o título. Ao fundo, torcedores animados comemoram. No canto da foto, aparece a presidente Dilma Rousseff com uma expressão de descontentamento. Também é apresentada uma charge com os jogadores eleitos pelo júri do jornal como os melhores da Copa.

Na parte textual, o jornal traz os vencedores de todas as copas já realizadas, o desenrolar do jogo final, informações sobre as premiações, além da chamada de cinco comentaristas do grupo *Folha* para oferecer seus olhares sobre os jogos e o evento de modo geral. A notícia de que a presidente do Brasil foi vaiada durante a entrega da taça justifica sua expressão na imagem.

A capa foi inteiramente dedicada à Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, compondo uma representação estética do evento esportivo. A imagem principal destaca a celebração da seleção alemã, capturando a essência da vitória. A presença de Dilma Rousseff adiciona um elemento de tensão e contraste à cena, enquanto a charge com os destaques da competição confere um toque de leveza e entretenimento. A composição visual equilibrada e a escolha cuidadosa dos elementos transmitem uma variedade de emoções e oferecem uma análise estética rica e envolvente da Copa do Mundo de 2014.

Na capa do jornal *Folha de São Paulo* (Fig. 5) pós-final da Copa do Mundo de Futebol Masculino,⁴² do dia 16 de julho de 2018, utilizando os três pilares da retórica para analisar a abordagem do jornal, podemos observar que na foto em destaque está a imagem do jovem jogador da seleção francesa Mbappé. Ele está segurando a taça com as duas mãos e beijando-a, encontrando-se no centro da foto (Fig. 5). Ao fundo, estão dois jogadores franceses, com suas respectivas medalhas. Na outra imagem (Fig. 5), podemos observar o presidente da França, Emmanuel Macron, comemorando em pé e com o braço erguido acima da cabeça.

⁴² FOLHA DE SÃO PAULO. Potência: França ganha o bi mundial, consagra geração jovem e se firma entre as grandes seleções. Capa (Fig. 5).

Na parte textual, a capa⁴³ traz a chamada de quatro comentaristas esportivos e detalhes do jogo com dados inéditos sobre a Copa e protestos que aconteceram no estádio contra o governo russo. A capa não traz a seleção croata e nem a foto do melhor jogador da Copa, o croata Luka Modric e não trouxe o quadro com todas as seleções que já ganharam títulos mundiais. Apesar de a capa não estar dedicada exclusivamente à Copa do Mundo, a parte que traz as notícias cotidianas é pequena e não ocupa o espaço principal do jornal.

A capa pós-final da Copa do Mundo de Futebol Masculino, 2018 (Fig. 5), na *Folha de São Paulo*,⁴⁴ apresenta uma abordagem visualmente impactante e equilibrada do evento esportivo, demonstrando uma análise estética cuidadosa.

A imagem principal destaca o jogador Mbappé, da seleção francesa, na posição central na foto enfatiza sua importância e destaque no contexto da Copa do Mundo. Ao fundo, a presença de outros jogadores franceses com suas medalhas contribui para a narrativa de sucesso e união da equipe (Fig. 5).

A segunda imagem, mostrando o presidente francês, Emmanuel Macron, celebrando com entusiasmo, adiciona um elemento político e nacional à cobertura, destacando o orgulho e a conexão do país com a vitória esportiva.

A presença limitada de notícias cotidianas na capa indica um foco primordial na Copa do Mundo, enquanto o espaço dedicado à cobertura do evento reflete seu significado e impacto. A composição visual e textual da capa demonstra uma análise estética eficaz e abrangente da Copa do Mundo de 2018, capturando tanto a emoção do evento esportivo quanto suas nuances sociais e políticas.

A última capa desta análise (Fig. 6), referente à Copa do Mundo de futebol masculino de 2022,⁴⁵ é uma das mais emblemáticas, comunicando uma mensagem clara mesmo sem exigir um exame minucioso. A presença do jogador argentino Lionel Messi ao lado da taça da Copa do Mundo oferece a credibilidade necessária, simbolizando tanto o prestígio deste grande evento representado pela taça quanto o

⁴³ FOLHA DE SÃO PAULO. Potência: França ganha o bi mundial, consagra geração jovem e se firma entre as grandes seleções. Capa (Fig. 5).

⁴⁴ FOLHA DE SÃO PAULO. Potência: França ganha o bi mundial, consagra geração jovem e se firma entre as grandes seleções. Capa (Fig. 5).

⁴⁵ FOLHA DE SÃO PAULO. Messi ganha a Copa. A Copa ganha Messi. Capa (Fig. 6).

poder deste excepcional jogador, considerado o melhor dos últimos tempos, conferindo grande efeito de credibilidade a este conteúdo. Outra representação importante é o olhar de Messi em direção à tão sonhada conquista, juntamente com as ruas de Buenos Aires, na Argentina, repletas de argentinos, evidenciando a magnitude desse feito.

Uma das coisas que mais chamam a atenção nesta capa é a evidência da lógica subjacente a isso: o jornal nem precisa de palavras para transmitir a mensagem, pois apenas ao olhar é perceptível que o consagrado jogador argentino alcançou o tão sonhado título que faltava para consagrar sua carreira, e a Copa do Mundo necessitava ter em sua história a vitória deste renomado nome do futebol mundial. A imagem (Fig. 6) é tão fraterna, o jeito que o jogador segura o troféu de melhor jogador da competição, como se fosse um bebê enquanto admira o outro troféu, com olhar fraterno, como se estivesse acariciando aquele filho que demorou a conquistar.

A outra imagem, de tamanho menor, traz os torcedores argentinos na rua com duas grandes bandeiras abertas, uma da Argentina e a outra com a foto de Diego Maradona (Fig. 6). É como se naquele momento Messi se juntasse de vez ao ídolo maior da Argentina.

A capa (Fig. 6) ainda traz a chamada das crônicas dos comentaristas esportivos do grupo Folha.⁴⁶ A parte textual conta sobre a partida, a grande atuação de Messi e do jogador francês Mbappé, que marcou três gols na partida, levando a final a ser decidida nos pênaltis, e sobre o feito inédito do jogador argentino que conquistou o título que faltava para sua vitoriosa carreira.

No texto ainda há a abordagem dos protestos contra a política de direitos humanos do Qatar e a tabela com as seleções campeãs da Copa do Mundo de Futebol Masculino e manchetes de outras reportagens do cotidiano do país, porém, a parte destinada a Copa do Mundo é tão grande que as outras reportagens não chamam a atenção.

A capa pós-copa de 2022 (Fig. 6) é verdadeiramente uma obra-prima de comunicação visual, onde cada elemento foi cuidadosamente selecionado para transmitir uma mensagem poderosa e evocativa.⁴⁷ Sob uma análise estética e retórica, a

⁴⁶ FOLHA DE SÃO PAULO. Messi ganha a Copa. A Copa ganha Messi. Capa (Fig. 6).

⁴⁷ FOLHA DE SÃO PAULO. Messi ganha a Copa. A Copa ganha Messi. Capa (Fig. 6).

capa revela uma narrativa rica e envolvente que transcende as palavras. A presença imponente de Lionel Messi ao lado da taça da Copa do Mundo é, por si só, uma afirmação de prestígio e excelência.

A representação visual da admiração de Messi pelo troféu, como se fosse um pai acariciando seu filho recém-nascido, adiciona uma dimensão emocional e humana à narrativa (Fig. 6). É um retrato comovente de um momento de triunfo pessoal e nacional, onde o passado se funde com o presente para criar uma imagem de grande significado simbólico.

A inclusão da bandeira argentina e da imagem de Diego Maradona nas ruas de Buenos Aires amplifica ainda mais o impacto emocional da capa, conectando Messi não apenas ao título da Copa do Mundo, mas também à rica história do futebol argentino e ao legado duradouro de um dos maiores ícones esportivos do país. A narrativa textual, embora concisa, complementa perfeitamente as imagens, destacando os detalhes da partida, a grande atuação de Messi e a emoção da vitória tão esperada.

Entendemos que a análise das capas dos jornais *Folha de São Paulo* (Figs. 1, 2, 3, 4, 5 e 6) após as últimas seis Copas do Mundo de futebol masculino oferece olhares valiosos sobre como os elementos retóricos de logos, ethos e pathos são empregados na comunicação jornalística. A lógica subjacente às capas é evidente em cada uma delas, com a seleção cuidadosa de imagens e textos que buscam transmitir as informações essenciais sobre os eventos esportivos. As capas dos jornais fornecem resumos concisos dos jogos, destacam os principais momentos e oferecem análises dos desempenhos das equipes, fornecendo aos leitores uma compreensão abrangente do que aconteceu na Copa do Mundo. Apesar das capas não terem um padrão. Algumas dedicaram mais espaço ao evento, outras menos, mas todas apresentaram o conteúdo necessário para informar o leitor sobre o encerramento do grande evento mundial.

O ethos é estabelecido através da escolha criteriosa das imagens e dos comentaristas esportivos convidados a contribuir com suas opiniões. Ao apresentar figuras proeminentes do mundo esportivo, como jogadores renomados e especialistas, os jornais constroem uma base sólida de confiança com seus leitores, garantindo que as análises e reflexões sejam consideradas autoritativas e confiáveis, nomes

como: Tostão, Juca Kfourri entre outros enriquecem as narrativas do espetáculo esportivo e trazem novos olhares para todo o evento.

As emoções são habilmente evocadas através das imagens poderosas que capturam momentos de triunfo, glória, desolação e tensão. Dos sorrisos radiantes dos campeões segurando a taça aos rostos abatidos dos jogadores derrotados, as capas transmitem uma gama de sentimentos que ressoam com os leitores, conectando-os emocionalmente aos eventos retratados. Comparando as capas, era interessante observar que nem sempre elas traziam os mesmos elementos, algumas tinham foco em um único jogador, outras na equipe campeã, outras não traziam nem mesmo os principais símbolos, como a taça. Mas todas conseguiram alcançar a estética do momento, trazer para o imaginário do leitor o que aconteceu e como aconteceu.

Além disso, é interessante observar como cada capa reflete não apenas os aspectos esportivos das Copas do Mundo, mas também as questões sociais, políticas e culturais que permeiam esses grandes espetáculos. As escolhas editoriais revelam não apenas o que aconteceu nos campos de futebol, mas também as narrativas mais amplas que moldam o contexto em que esses eventos ocorrem.

Por fim, compreendemos a importância da imagem e sua abordagem estética na capacidade de transmitir e evocar emoções. A imagem não apenas acompanha o texto, mas muitas vezes se destaca como elemento central na comunicação, como demonstrado nesta análise. Ela transmite uma riqueza de credibilidade, informações e emoções que complementam e enriquecem a estética e a narrativa com ou sem texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise empreendida neste estudo evidencia a complexidade e profundidade das relações estabelecidas entre estética, jornalismo esportivo e retórica, especialmente ao utilizar os elementos retóricos clássicos – logos, ethos e pathos – para explorar a comunicação visual e discursiva das capas jornalísticas da Copa do Mundo Masculina de Futebol. A investigação demonstra como o jornal *Folha de São Paulo* opera com intencionalidade persuasiva, mobilizando técnicas retóricas para influenciar a percepção pública sobre eventos esportivos significativos.

Ao articular estética e retórica, esta pesquisa reforça a importância de uma análise contextualizada e interdisciplinar, capaz de capturar nuances históricas e culturais essenciais à compreensão do esporte enquanto fenômeno simbólico e midiático. Observou-se que a estética jornalística transcende a função meramente informativa, assumindo um papel decisivo na mediação de significados culturais e sociais, configurando-se como uma potente forma de expressão da experiência humana contemporânea.

A abordagem aqui adotada destaca ainda a relevância da dimensão visual na comunicação esportiva, enfatizando a imagem como recurso fundamental para transmitir credibilidade (ethos), lógica argumentativa (logos) e apelo emocional (pathos). Com efeito, a estética visual não apenas atrai e mantém a atenção do público, mas também estrutura a percepção e interpretação dos eventos esportivos, contribuindo para uma vivência emocional e cognitiva profunda do espetáculo.

Por fim, esta pesquisa amplia as possibilidades analíticas no campo da Filosofia do Esporte, oferecendo um modelo interpretativo robusto que articula retórica, estética e comunicação midiática. Pretende-se que este trabalho fomente futuras investigações, abrindo espaço para novas reflexões sobre como o jornalismo esportivo, em sua dimensão estética e retórica, molda e reflete complexas dinâmicas sociais, culturais e existenciais, particularmente em eventos de amplo alcance como a Copa do Mundo.

* * *

REFERÊNCIAS

- BARBEIRO, Heródoto; Rangel, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora: Vozes. Petrópolis/RJ. 2017.
- DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade**, n. 1, p. 1-46, 2006.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

DEVINE, John William.; LOPEZ, Francisco Javier Lopes Frias. (2023). **Philosophy of Sport**. In: Zalta, Edward; Nodelman, Uri. (Eds.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2023 Edition).

FOLHA de São Paulo. São Paulo. 1 jul. 2002. Capa. <https://bit.ly/44Q1FzZ>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FOLHA de São Paulo. São Paulo. 10 jul. 2006. Capa. <https://bit.ly/3H38qoS>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FOLHA de São Paulo. São Paulo. 12 jul. 2010. Capa. <https://bit.ly/4mdLFNN>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FOLHA de São Paulo. São Paulo. 14, jul. 2014. Capa. <https://bit.ly/4mbAZzc>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FOLHA de São Paulo. São Paulo. 16, jul. 2018. Capa. <https://bit.ly/4mhlkxx>. Acesso em: 28 abr. 2025.

FOLHA de São Paulo. São Paulo. 19, dez. 2022. Capa. <https://bit.ly/4lLmfY2>. Acesso em: 28 abr. 2025.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32-33, p. 193-210, 2010.

MEDINA, Cremilda. Entrevista. **O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

QUEIROZ, Luciana Molina. Corpo, mídia e esporte: uma leitura de Hans Ulrich Gumbrecht e David Foster Wallace. **Artefilosofia**, Ouro Preto, p. 336-349, 2020.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Unicamp, 2010.

VAZ, Alexandre, Fernandez. Esporte, cultura de massas: comentários segundo uma teoria crítica da sociedade. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; TOLEDO, Luiz Henrique; MELO, Victor Andrade. (Orgs.). **Olho no lance**: ensaios sobre esporte e televisão. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora Ltda, 2013, p. 17-31.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. Futebol e Teorias: Traços biográficos entre o jornalista-escritor e o professor-pesquisador. In: _____. (Org.). **Futebol e a teoria da comunicação**: ensaios sobre McLuhan, Lazarsfeld, Wiener, Shannon e o nobre esporte bretão. Uberlândia/MG: Independently Published, 2018.

WINCH, Rafael Rangel. Contribuições teóricas de Cremilda Medina para pensar complexamente o jornalismo. **Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 89-105, 2018.

* * *

Recebido em: 20 maio 2024.
Aprovado em: 26 jul. 2025.

Dos “anos de purgatório” ao “milagre” da conquista da Copa do Mundo da Suíça: olhares da imprensa esportiva brasileira para a Alemanha Ocidental e sua seleção nacional no Mundial de 1954

From the “years of purgatory” to the “miracle” of winning the World Cup in Switzerland: The Brazilian sports press’ views on West Germany and its national team in the 1954 World Cup

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Estudos Germanísticos, Freie Universität Berlin, Alemanha
cornelsen@letras.ufmg.br

Ronaldo George Helal

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em Sociologia, New York University, Estados Unidos

Leda Maria da Costa

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutora em Literatura Comparada, UERJ, Brasil

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo analisar os olhares da imprensa esportiva brasileira, especificamente veiculados em matérias, notas e crônicas publicadas no *Jornal dos Sports* e no “Caderno de Esportes” do jornal *O Globo*, para a seleção nacional da Alemanha Ocidental no Mundial de 1954, organizado pela FIFA, tendo em mente sua contextualização. Enquanto hipótese, cabe verificar a presença de estereótipos e de juízos de valor na cobertura esportiva, baseados em questões de ordem política e ideológica em relação ao passado de guerras da Alemanha, bem como em relação à divisão do país e à Guerra Fria. A partir de uma abordagem teórica transdisciplinar, o estudo visa a contribuir para o debate acadêmico em torno da relação entre História, Mídia, Esporte e Estudos da Linguagem no âmbito da Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Alemanha Ocidental; Cobertura esportiva; *Jornal dos Sports*; *O Globo*; Comunicação.

ABSTRACT: This study intends to contribute to analyze the views of the Brazilian sports press, specifically conveyed in articles, notes and chronicles published in *Jornal dos Sports* and in the “Caderno de Esportes” of the newspaper *O Globo*, for the West German national team in the 1954 FIFA World Cup, bearing in mind their contextualization. As a hypothesis, it is worth verifying the presence of stereotypes and value judgments in sports coverage, based on political and ideological issues in relation to Germany's wartime past, as well as in relation to the country's division and the Cold War. Based on a transdisciplinary theoretical approach, this study intend to contribute to the academic debate around the relationship between History, Media, Sports and Language Studies in the field of Communication.

KEYWORDS: West Germany; Sports coverage; *Jornal dos Sports*; *O Globo*; Communication.

INTRODUÇÃO¹

Em 2014, o mundo do futebol conheceu um novo tetracampeão mundial: a seleção da Alemanha. Entretanto, se pararmos para pensar, os três primeiros títulos mundiais da Alemanha foram conquistados ainda quando o país estava dividido, em decorrência da derrota na Segunda Guerra Mundial e da derrocada do regime nazista, da ocupação de seu território por tropas “aliadas”, e de sua consequente divisão territorial, nos primeiros anos do pós-guerra, em “zonas” e, a partir de 1949, em dois Estados nacionais: a República Federal da Alemanha (RFA; *Bundesrepublik Deutschland*, BRD, fundada em 23 de maio) e a República Democrática Alemã (RDA; *Deutsche Demokratische Republik*, DDR, fundada em 07 de outubro). Desse modo, o território da Alemanha dividida se transformou em um autêntico tabuleiro de xadrez, em que as nações aliadas, vencedoras da guerra, passaram a fazer seus movimentos em um jogo perigoso, marcado por dois universos distintos de influência geopolítica e econômica: de um lado, os Estados Unidos da América, principal potência representante do mundo capitalista e, de outro, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, principal potência representante do mundo socialista. Detentoras de arsenais nucleares, tais potências protagonizaram a Guerra Fria, de 1947 a 1991, e estavam igualmente representadas, como territórios de influência, nos respectivos “lados” da Alemanha, sendo que os Estados Unidos dividiam com a Grã-Bretanha e a França a missão de ocupação militar do território da Alemanha Ocidental, incluindo Berlim Ocidental, enquanto tropas soviéticas ocuparam o território da Alemanha Oriental, incluindo sua capital, Berlim Oriental. Para além do território alemão, as disputas entre os dois blocos se deram também no âmbito europeu, com a criação da NATO (*North Atlantic Treaty Organization*) em 1949 e, respectivamente, do Pacto de Varsóvia (*Warsaw Pact*) em 1955,² com a finalidade de integrar forças militares alinhadas às duas potências que lideravam a Guerra Fria. A RFA foi integrada à NATO em 1955, mesmo ano em que a RDA passou a integrar o Pacto de Varsóvia.

Em um quadro de permanente tensão geopolítica, com altos e baixos, seria natural nos indagarmos sobre os modos como as duas “Alemanhas” passaram a ser

¹ Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

² HOFFMANN. *Kalter Krieg und Blockintegration (1949-1955)*, p. 14.

vistas internacionalmente. Em pesquisa desenvolvida recentemente em nível de Pós-Doutorado,³ interessou-nos analisar olhares da imprensa brasileira para as seleções da Alemanha Ocidental nas Copas do Mundo FIFA de 1954, 1974 e 1990, justamente naquelas edições em que se sagrou campeã. Em 1954, menos de 10 anos do término da guerra e há cinco anos da fundação da República Federal da Alemanha em maio de 1949, a seleção alemã ocidental triunfou sobre a poderosa seleção da Hungria, em um episódio futebolístico que, posteriormente, entraria para os anais da história do futebol como o “Milagre de Berna” (*Wunder von Bern*).

Como fontes de pesquisa, a partir das quais formamos o *corpus* de análise, elegemos edições do *Jornal dos Sports* e, respectivamente do jornal *O Globo* em seu “Caderno de Esportes”, publicadas de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954. No caso da Copa de 1954, a primeira do pós-guerra para a Alemanha Ocidental, haveria um potencial de referências sobre a reconstrução do país, inclusive no âmbito do futebol.

Por sua vez, todo um trabalho de seleção de matérias, notas, crônicas e charges, nas quais havia menção à Alemanha Ocidental e a sua seleção, foi realizado em dois acervos digitais: a Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional (<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>), de domínio público, na qual se encontra o acervo digitalizado do *Jornal dos Sports*, e no Globo Digital, acervo em que se encontram armazenadas edições digitalizadas do jornal *O Globo* (<https://acervo.oglobo.globo.com>), cujo acesso é permitido mediante assinatura. Cabe ressaltar, ainda, que, para a edição de 1954, foram empregados descritores específicos, que nos auxiliaram na filtragem de todo o material jornalístico: “Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter”.

A título de hipótese, a ser verificada em sua efetividade, consideramos que haveria potencial de intersecção entre os campos esportivo e político na cobertura do *Jornal dos Sports* e de *O Globo* sobre a Alemanha Ocidental e sua seleção. Em 1954, pela primeira vez, a seleção alemã ocidental disputaria um Mundial, como fração territorial daquela Alemanha do período nazista, cuja seleção disputara as Copas do Mundo da

³ A pesquisa *Olhares da imprensa esportiva brasileira para as seleções da Alemanha Ocidental nos Mundiais de 1954, 1974 e 1990* foi desenvolvida por Elcio Loureiro Cornelsen, em período de Residência Pós-Doutoral sob supervisão do Prof. Dr. Ronaldo George Helal e da Profa. Dra. Leda Maria da Costa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCom), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no período de 01 de março de 2024 a 28 de fevereiro de 2025.

Itália, em 1934, e da França, em 1938. O país, assim como a “coirmã” Alemanha Oriental, não inscrita para disputar as eliminatórias da Copa de 1954, se encontrava em franco processo de reconstrução, incluindo o âmbito esportivo.

A seguir, versaremos sobre algumas matérias, notas e crônicas analisadas, publicadas em edições selecionadas do *Jornal do Sport* e do jornal *O Globo* em 1954, para testarmos a pertinência de nossa hipótese inicial e apresentar resultados parciais. Em publicações futuras, apresentaremos também os resultados da pesquisa em relação às edições das Copas do Mundo de 1974 e, respectivamente, de 1990. Lembremos, ainda, que este estudo possui caráter transdisciplinar, que visa a contribuir para o debate acadêmico em torno da relação entre História, Mídia, Esporte e Estudos da Linguagem no âmbito da Comunicação.

O TRABALHO COM AS FONTES DE PESQUISA: *JORNAL DOS SPORTS* E *O GLOBO*

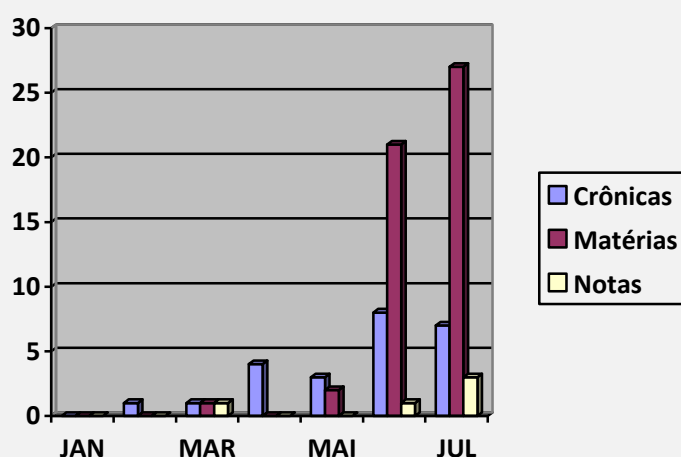


Fig. 1 - *Jornal dos Sports*: crônicas, matérias e notas selecionadas (1954).

Em nosso levantamento sobre a presença da Alemanha Ocidental e de sua seleção de futebol em matérias, notas e crônicas do *Jornal dos Sports*, referente ao período de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954 (211 edições, do nº. 7.468 ao nº. 7.641), foram selecionadas automaticamente 137 edições e levantado um total de 80 textos, sendo 51 matérias, cinco notas e 24 crônicas em que um ou mais descritores apareceriam. Para tanto, foram aplicados os descritores “Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter” (Fig. 1).

Dentre as 24 crônicas filtradas, identificamos quatro nomes específicos: Albert Laurence, que assinava a coluna “A Crônica Internacional”, com 18 ocorrências; Zé de São Januário (Álvaro Nascimento), com a coluna intitulada “Uma Pedrinha na Shooteira”, com duas ocorrências; Olympicus (Thomaz Mazzoni), sem assinar coluna, com três ocorrências; Alfredo Curvello, igualmente sem assinar coluna, com apenas uma ocorrência. Cabe ressaltar que, conforme afirma José Carlos Marques,

[a]té o início da década de 1940, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais, e o futebol mantinha discreto destaque na imprensa escrita. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do ‘metiér’ do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional da crônica de futebol é simultânea à do próprio futebol profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem da imprensa esportiva.⁴

Portanto, no período estudado, a atuação de cronistas esportivos em periódicos já era uma realidade consolidada. Cabe ressaltar, também, que, desde sua fundação no início dos anos 1930, o *Jornal dos Sports* era de fato um jornal esportivo, com muitas páginas dedicadas ao futebol e a outras modalidades, na tentativa de “ser um periódico poliesportivo mas, ao mesmo tempo, se rendendo ao sucesso editorial que o futebol causava no público leitor e comentador”.⁵ No caso específico da cobertura das Copas do Mundo, o *Jornal dos Sports* costumava destinar bom espaço para seleções que não só a brasileira. E talvez em busca de algum tipo de legitimidade de fala, costumava contar também com correspondentes de fora do Brasil. A cobertura da Copa de 1950, por exemplo, entre outros, contou com contribuições do jornalista austríaco Willy Meisl. No caso da Copa de 1954, o *Jornal dos Sports* também integrou matérias de jornalistas estrangeiros, entre eles, Peter Uebersax e Henry W. Thornberry, ambos da United Press (UP), e Marc Gaudichau, da Agência France Press (AFP).

Com relação à filtragem de textos publicados nas edições do jornal *O Globo* de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954 (176 edições, do nº. 8.484 ao nº. 8.660), referentes à cobertura da Copa de 1954 disputada na Suíça, fazendo uso dos descritores

⁴ MARQUES. *O futebol em Nelson Rodrigues*, p. 17.

⁵ COUTO. *Cronistas esportivos em campo*, p. 109.

“Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter”, foram selecionadas automaticamente 52 edições e levantado um total de 33 textos, sendo 23 matérias, 08 notas e apenas 02 crônicas em que um ou mais descritores apareceriam (Fig. 2).

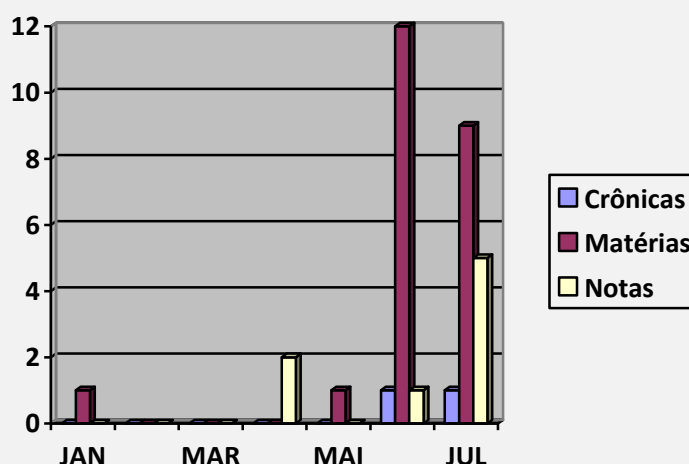


Fig. 2 - *O Globo*: crônicas, matérias e notas selecionadas (1954).

Nota-se, de maneira evidente, que o número de textos do jornal *O Globo* selecionados é bem inferior, se comparado ao mesmo período de textos do *Jornal dos Sports*, correspondendo a 1/3 do total (Fig. 3). Apenas um cronista teve dois textos selecionados: Michel Carrère, que assinava a coluna “A História da Copa do Mundo”. Embora não fosse voltado exclusivamente para o esporte, o jornal *O Globo* possuía tradição no jornalismo esportivo. O jornalista Mário Filho reformulou a seção esportiva desse jornal já no decorrer dos anos 1930, “momento em que ele teria protagonizado uma série de transformações na forma como o futebol era representado pela imprensa esportiva”.⁶

Há, pelo menos, dois aspectos a serem levados em conta como prováveis fatores que determinaram essa discrepância: por um lado, o número menor de edições do jornal *O Globo* publicadas no período analisado – 176 edições frente às 211 edições do *Jornal dos Sports* –, por outro, o fato de o primeiro não ser dedicado, majoritariamente, à cobertura esportiva.

⁶ SILVA. *Mil e uma noites de futebol*, p. 30.

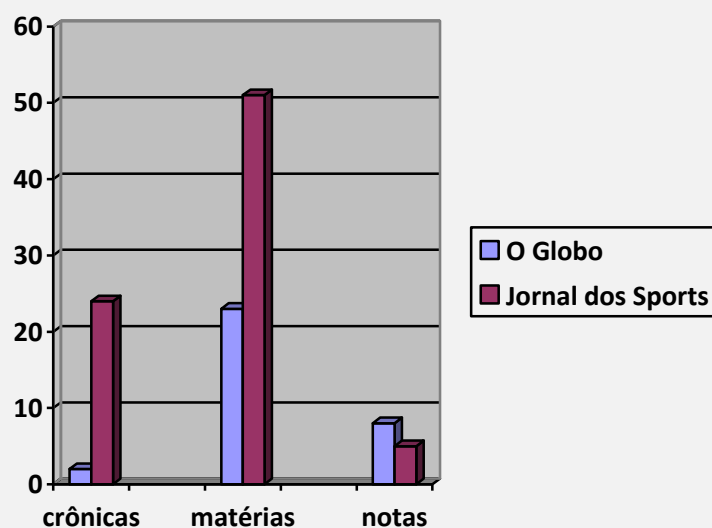


Fig. 3 – Crônicas, matérias e notas selecionadas do *Jornal dos Sports* e de *O Globo* (1954).

A TRAJETÓRIA DA ALEMANHA OCIDENTAL, DE “ELDORADO DO FOOTBALL MUNDIAL” A NAÇÃO CAMPEÃ MUNDIAL DE FUTEBOL NA COBERTURA ESPORTIVA DO *JORNAL DOS SPORTS*

Dentre o conjunto de cronistas do *Jornal dos Sports*, aquele que mais se destacou foi Albert Laurence, com sua coluna “A Crônica Internacional”. De origem francesa, o jornalista emigrou para o Brasil em 1948 e foi um dos profissionais de imprensa que apoiaram Samuel Wainer (1910-1980) na fundação do jornal *Última Hora* em 12 de junho de 1951 no Rio de Janeiro,⁷ um dos mais importantes veículos da imprensa brasileira com forte viés político. Albert Laurence demonstrava em suas crônicas um profundo conhecimento dos principais campeonatos europeus, incluindo os campeonatos disputados nas duas “Alemanhas”. Tal aspecto é atestado pela crônica publicada em 11 de março de 1954, na qual consta a seguinte frase no *lead*: “Por Que Não Podemos, Materialmente, Acompanhar Aqui Os 6 Campeonatos Germânicos de Football”.⁸ De modo quase didático, o cronista apresenta ao leitor a situação dos campeonatos disputados nas duas “Alemanhas”, na seção “Prosperidade do Football Alemão” e, inicialmente, procura justificar a ausência de cobertura desses campeonatos em “A Crônica Internacional”:

⁷ PACHECO. Jornalista da Cultura comenta Copa do Mundo com tubo de oxigênio, s/p.

⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.523, 11 mar. 1954, p. 5.

A resposta é muito simples: falta de espaço. Não é que desprezemos o football germânico, cuja prosperidade é prodigiosa e cujo valor técnico é indiscutível. Mas é conhecido que, *devido à guerra e à ocupação consequente do território alemão pelos quatro “aliados”*, ainda não foi possível organizar novamente um Campeonato nacional da Alemanha inteira.

De fato, aquele país está presentemente dividido em duas nações completamente distintas e separadas pela “cortina de ferro”.⁹

Portanto, aqui aparecem referenciadas de modo evidente a Guerra Fria e a situação da Alemanha enquanto território dividido entre as quatro nações aliadas – Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e União Soviética –, cuja cisão em dois blocos teria determinado a formação de dois Estados alemães em 1949, como consequência da derrota na Segunda Guerra Mundial e da derrocada do regime nazista.¹⁰ Um “Campeonato nacional da Alemanha inteira”, aliás, só ocorreria 37 anos mais tarde, em 1991, após a reunificação do país.

Diferindo no modo de tratamento, Albert Laurence faz apenas uma breve menção aos campeonatos disputados no território da República Federal da Alemanha na seção “Prosperidade do Football Alemão”, detalhando-os apenas posteriormente, em seção específica: “E finalmente a Alemanha Ocidental está dividida em quatro zonas, correspondendo mais ou menos às antigas zonas de ocupação dos aliados ‘ocidentais’, e cada uma tendo seu campeonato particular: Norte, Sul, Oeste e Sudoeste”.¹¹ Desse modo, o cronista procura justificar para o leitor que, por falta de espaço na coluna “A Crônica Internacional”, não seria possível cobrir 06 campeonatos simultâneos disputados nas duas “Alemanhas”, e ainda ter de dar conta da cobertura de campeonatos nacionais de outros países europeus. Separadas, cada uma criou suas próprias ligas, quatro na Alemanha Ocidental e um na Alemanha Oriental,¹² embora o modo de organização na República Federal da Alemanha não tenha se diferenciado tanto em relação aos campeonatos regionais disputados antes da guerra, e a *Bundesliga* (o Campeonato Nacional alemão ocidental) só fosse criada em 1963.¹³

⁹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.523, 11 mar. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

¹⁰ HOFFMANN. Von der Kapitulation zur doppelten Staatsgründung (1945-1949), p. 13.

¹¹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.523, 11 mar. 1954, p. 5.

¹² WÖRNER. Im anderen Deutschland, p. 182.

¹³ STOLPE. 50 Jahre Bundesliga, p. 8.

Outro cronista do *Jornal dos Sports* para o qual a Alemanha Ocidental chamaria a atenção naquele ano de Copa do Mundo é Zé de São Januário, pseudônimo de Álvaro do Nascimento Rodrigues (1894-1982), que assinava desde os anos 1940 a famosa coluna intitulada “Uma Pedrinha na Shooteira”, tendo exercido também a função de redator-gerente, além de assinar a coluna social “O Vasco em Dia”, “que tratava das ações sociais do clube”.¹⁴ Em sua coluna publicada na edição nº 7.572, de domingo, 09 de maio de 1954, cinco semanas antes da abertura do Mundial, o cronista ressalta o quanto o futebol na República Federal da Alemanha estava em voga naquele momento. Todavia, diferindo de Albert Laurence, Zé de São Januário não emprega em seu texto a designação “Alemanha Ocidental” uma única vez sequer, preferindo, pois, a designação simples de “Alemanha”:

Temos a impressão que a Alemanha é o Eldorado do football mundial. Sete ou oito quadros brasileiros enfrentaram os germânicos.

Os quadros partem para a Europa. Jogam dois jogos na Turquia, um na Bélgica e os restantes na Alemanha. O número de jogos disputados pelos quadros brasileiros na Alemanha não têm conta. Nos países latinos quase não se realizam jogos. A Alemanha absorve tudo. Temos a impressão que a Alemanha é o Eldorado do football mundial...¹⁵

As palavras de Zé de São Januário, em seu estilo direto e agudo, nos despertam para um possível aspecto: o de que o futebol possa ter funcionado como elemento fundamental no processo de “reabilitação” da Alemanha, especificamente da Alemanha Ocidental, em termos geopolíticos, no primeiro decênio do período pós-guerra. As relações internacionais do país com outras nações passariam, pois, também pelo bom relacionamento entre a Confederação Alemã de Futebol (*Deutscher Fußball-Bund*; DFB) e outras Confederações e clubes de outras partes do Mundo.

Se, até aqui, apresentamos exemplos de crônicas publicadas no *Jornal dos Sports* antes da abertura da Copa de 1954, em que os campos esportivo e político se interseccionaram, inicialmente, isso não mudou com o torneio em andamento. Mais uma vez, Albert Laurence destacou-se ao trazer em “A Crônica Internacional” um breve histórico do último confronto entre as seleções da Hungria e da Alemanha, ainda durante a Segunda Guerra Mundial. Especificamente na seção intitulada

¹⁴ COUTO. *Cronistas esportivos em campo*, p. 178.

¹⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.572, 09 maio 1954, p. 10.

“Na última vez, a Alemanha esmagou a Hungria por 7 a 0” constam as seguintes informações, apresentadas pelo cronista ao versar sobre a expectativa da partida que seria travada pela segunda rodada da fase de Grupos, que colocaria frente a frente a seleção húngara e a seleção alemã ocidental:

Hungria e Alemanha Ocidental não se encontraram mais, aliás, num campo de jogo, *desde o fim da guerra mundial, os dois países um momento aliados, de 1941 a 1944, tendo tomado, desde então, rumos políticos 100% contrários.*

Uma nota curiosa é que, *na última vez em que os dois scratches foram frente a frente num gramado, em 1941, em Colônia, a Alemanha esmagou a Hungria por 7 a 0.* E Fritz Walter, ainda hoje meia armador e capitão do scratch alemão, já jogava na linha atacante que arrasou a defesa magiar daquela época.

Mas é Fritz o único “sobrevivente” daqueles dois Seleccionados de 1941 e seria ridículo tomar aquele resultado de 7 a 0 como base de discussão para um prognóstico atualmente.

E acreditamos, ao contrário, que, desta vez, os húngaros, em imensos progressos técnicos nêstes últimos quatro anos, deverão vencer de forma clara.¹⁶

Devemos ressaltar, sem dúvida, o cuidado com que o jornalista Albert Laurence procura aprofundar determinados aspectos da cobertura esportiva em suas crônicas, num verdadeiro trabalho historiográfico, ao, por exemplo, buscar informações sobre a última vez em que alemães e húngaros teriam disputado uma partida, em 1941, portanto, em plena guerra, ou mesmo que o jovem Fritz Walter teria jogado naquela partida (e também o técnico Sepp Herberger, não mencionado na crônica, teria atuado).

Entretanto, quanto mais a competição avançava, menos presentes estiveram aspectos geopolíticos na cobertura do *Jornal dos Sports*, valendo-se também de materiais de agências internacionais de notícias – principalmente a United Press (UP) e a Agência France Press (AFP), sobre a Alemanha Ocidental e sua seleção. O próprio Albert Laurence parece ter adotado esse expediente, não mais fazendo menções a questões de ordem geopolítica. Esse quadro se modificaria apenas na edição publicada no dia da grande final, 04 de julho de 1954, quando, mais uma vez, as seleções da Hungria e da Alemanha Ocidental se enfrentariam, sendo a pri-

¹⁶ *Jornal dos Sports*. ed. 7.607, 20 jun. 1954, p. 14. (Grifos nossos).

meira considerada franco favorita para erguer a Taça Jules Rimet. Na crônica de Albert Laurence, o contexto geopolítico em relação à situação da Alemanha enquanto país dividido volta a ser tema:

[...] o último jogo da Taça Jules Rimet de 1954, vai opôr mesmo um “grande favorito”, o scratch magiar, e um “out-sider”, um “azar”, como dizem os turfistas, o *Selecionado da Alemanha Ocidental*.

Convém, de fato, frizar (*sic*) que a *Alemanha Oriental ou do Leste, ocupada pelos russos, e praticamente constituída em República popular soviética satélica (sic) da URSS*, não forneceu qualquer elemento ao scratch germânico que jogará hoje, à tarde, no Estádio de Wankdorf de Berna contra os terríveis e talentosos húngaros.

[...] A “base” do scratch é portanto o quadro do Kaiserslautern, campeão da *Alemanha do Sudoeste (Palatinado, Sarre, etc.)*, antiga zona de ocupação francesa, [...]

[...] o famoso trio central Morlock-irmãos Walter que jogam juntos praticamente desde que a *Alemanha voltou ao cenário internacional em 1950, depois de vários anos de purgatório devido à sua situação de vencido da guerra mundial*.¹⁷

Portanto, além de destacar o favoritismo da seleção húngara, que já havia vencido a seleção da Alemanha Ocidental na fase de grupos do torneio pelo placar elástico de 8 a 3, Albert Laurence, pelo menos em duas passagens evidentes e em uma supostamente alusiva, traz referências ao período pós-guerra e à divisão alemã. Uma vez que a Hungria fazia parte do bloco oriental, que se defrontaria com a seleção da Alemanha Ocidental, alinhada aos Estados Unidos e seus aliados, a questão político-ideológica surge nas seguintes frases: “Convém, de fato, frizar (*sic*) que a Alemanha Oriental ou do Leste, ocupada pelos russos, e praticamente constituída em República popular soviética satélica (*sic*) da URSS, não forneceu qualquer elemento ao scratch germânico”.¹⁸ Verifica-se que o cronista emite juízos de valor em relação à República Democrática Alemã, “ocupada pelos russos”, uma “República popular soviética satélica (*sic*) da URSS”, sem qualquer menção ao fato de que a Alemanha Ocidental estava igualmente “ocupada” por tropas aliadas ocidentais (norte-americanos, franceses e britânicos), mesmo após ter ocorrido a unificação das zonas aliadas ocidentais e a consequente fundação da República Federal da Alemanha, em 23 de maio de 1949. Um dos procedimentos básicos na análise discursiva – que a

¹⁷ *Jornal dos Sports*. ed. 7.619, 04 jul. 1954, p. 11. (Grifos nossos).

¹⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.619, 04 jul. 1954, p. 11.

diferencia da análise de conteúdo – é justamente refletir sobre o “não dito”, o “implícito”,¹⁹ evidente nessa passagem da crônica. E dentro da escalação da seleção da Alemanha Ocidental, os jogadores que integraram o meio campo – Max Morlock e os irmãos Ottmar Walter e Fritz Walter, capitão do time – são destacados por Albert Laurence, por terem jogado “juntos praticamente desde que a Alemanha voltou ao cenário internacional em 1950, depois de vários anos de purgatório devido à sua situação de vencido da guerra mundial”.²⁰ Subentende-se que os “vários anos de purgatório” se referem aos anos em que a Alemanha permaneceu banida da FIFA, sendo integrada em setembro de 1950, quando já estava dividida em dois Estados.

Pelo fato de ainda não haver publicação de edição do *Jornal dos Sports* às segundas-feiras, a ampla repercussão da conquista do título mundial pela seleção da Alemanha Ocidental se fez presente na edição nº 7.620, de terça-feira, 06 de julho de 1954, com 01 crônica e 05 matérias: a crônica de Albert Laurence;²¹ a matéria “Nova Fórmula Para Disputa Da Copa Do Mundo De 1958”, de Peter Uebersax, da United Press, de Berna;²² a matéria “Alemanha, Campeã Do Mundo, Em 54”, de Geraldo Romualdo da Silva, especial para o *Jornal dos Sports* a partir de Berna, via All America;²³ a matéria “Vencemos Porque Tivemos Melhor Moral”, não assinada, tendo por fonte a “A.F.P.” (Agência France Press), de Berna;²⁴ a matéria “Jôgo Mais Atlético E Calculado Fator Da Vitória Dos Alemães”, não assinada, tendo por fonte a “A.F.P.” (Agência France Press), de Paris;²⁵ a matéria “Pagaram Os Húngaros O Tributo Do Cansaço”, não assinada, tendo por fonte a “A.F.P.” (Agência France Press), de Berna.²⁶ Em sua crônica dedicada à partida final da Copa de 1954, Albert Laurence destaca o resultado como “surpreendente” e volta a expressar aspectos de ordem geopolítica em seus comentários sobre a Alemanha Ocidental:

A lista dos países Campeões do Mundo de football enriqueceu-se com um nome indiscutivelmente inesperado, nessa tarde chuvosa de domingo, 4 de julho de 1954, no Estádio de Wankdorf de Berna.

¹⁹ TFOUNI. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados, p. 40.

²⁰ *Jornal dos Sports*. ed. 7.619, 04 jul. 1954, p. 11.

²¹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 5.

²² *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 8.

²³ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

²⁴ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

²⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

²⁶ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 9.

Ao Uruguai (1930), à Itália (1934 e 1938) e ao Uruguai novamente (1950), veio juntar-se a Alemanha, quando todos os prognósticos eram em favor da Hungria ou do Brasil, ou até do Uruguai. *E o “rieux monsieur” francês Jules Rimet teve que entregar a Taça que traz seu nome aos representantes do povo que combateu contra o seu durante a última guerra mundial, mas que soube reerguer-se rapidamente das suas ruínas.*²⁷

Além de se referir à seleção vencedora simplesmente como “Alemanha” ao longo do texto, o cronista parece tomar a parte do país, a da Alemanha Ocidental, como um todo, cujo povo “soube reerguer-se rapidamente das suas ruínas.”²⁸ Já com relação à seleção húngara, Albert Laurence afirma que a seleção favorita à conquista do título teria vivenciado o seu “16 de Julho”, em uma referência ao “Maracanazo”, em 16 de julho de 1950, quando a seleção brasileira, franca favorita, fora derrotada no último jogo do quadrangular final pela seleção uruguaia pelo placar de 2 a 1. Já as cinco matérias publicadas na mesma edição não fazem qualquer menção a aspectos de ordem geopolítica e designam a seleção campeã como “Alemanha”, sempre destacando a surpresa do triunfo e justificando a derrota da seleção húngara devido a suposto cansaço em virtude dos duros confrontos com a seleção brasileira nas quartas de final e com a seleção uruguaia na semifinal.

Mesmo após encerrada a Copa do Mundo de 1954, o *Jornal dos Sports* continuou a dar destaque à grande final e a seu resultado inesperado. Na edição nº 7.621, de terça-feira, 07 de julho de 1954, figuram 02 crônicas e 02 matérias: a crônica de Zé de São Januário, em sua coluna “Uma pedrinha na Shooteira”;²⁹ a matéria “O Grande Football Alemão”, de Geraldo Romualdo da Silva, de Spiez, via Panair,³⁰ cidade suíça em que a seleção alemã ocidental esteve concentrada durante a Copa; a matéria “Quando O Flamengo Contou Ninguém Quis Acreditar”, de Giampaoli Pereira;³¹ a crônica de Albert Laurence em sua coluna “A Crônica Internacional”.³²

Enquanto Zé de São Januário resume, em sua crônica, o desempenho das principais seleções que disputaram o Mundial na Suíça,³³ Geraldo Romualdo da

²⁷ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

²⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.620, 06 jul. 1954, p. 5.

²⁹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 2.

³⁰ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³¹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³² *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³³ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 2.

Silva inicia sua matéria destacando o surgimento da Alemanha Ocidental, sem designá-la dessa maneira, para surpresa de muitos:

Há três anos atrás,³⁴ footballisticamente falando a Alemanha valia bem pouco. *Ela estava vindo de uma dura e cruel batalha, depois de quase varrida do mapa*, de maneira que, quando se principiou a tomar conhecimento do seu progresso esportivo, na América do Sul, em especial, poucos acreditaram que assim pudesse ser. No mínimo, que os cronistas europeus estavam exagerando. Ou, então, não seria o caso de exagero, já que se não compreendia, no sul, que no Velho Mundo alguém pudesse pensar em jogar melhor do que lá...³⁵

Desse modo, Geraldo Romualdo da Silva menciona o fato de a Alemanha ter sido “quase varrida do mapa”, destruída em decorrência de uma guerra iniciada e movida pelo Terceiro Reich, levando ao colapso do país e ao cometimento de crimes contra a Humanidade durante a Segunda Guerra Mundial. Implícitas estão a divisão do país entre as nações aliadas e a soberania controlada a partir da formação de dois blocos que deram ensejo à fundação da República Federal da Alemanha em maio de 1949, e da República Democrática Alemã em outubro de 1949. Além disso, Geraldo Romualdo da Silva destaca o papel da entidade máxima do futebol na Alemanha Ocidental: “Hoje, porém, a ‘Deutscher Fussball-Bund’, com sede em Francofort (*sic*), canta glórias bem cantadas. Não foi à toa que os seus 13 mil clubes, responsáveis por 700 mil jogadores, trabalharam com decisão e afincos para alcançar o progresso atual”.³⁶ E Giampaoli Pereira explora em sua matéria a recente excursão do Flamengo à Europa, antes da Copa, em que o clube rubro-negro teve a oportunidade de se defrontar com equipes da Alemanha Ocidental e perceber que o nível futebolístico dos clubes era elevado, o que permitiria antever uma boa preparação de sua seleção em termos técnicos e táticos.³⁷ Já Albert Laurence enfatiza a elevada qualidade da seleção húngara, embora tenha fracassado na partida final, estabelecendo um paralelo com o desfecho da Copa de 1950: “Pois em 1950 o

³⁴ Aparentemente, trata-se de um equívoco por parte do cronista, pois, para a Copa de 1950, a Alemanha Ocidental seguia banida pela FIFA, sendo reabilitada somente em 22 de setembro daquele ano, e só disputaria uma primeira partida em novembro, contra a seleção da Suíça. Seria, portanto, um pouco menos de quatro anos em relação à Copa de 1954.

³⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

³⁶ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³⁷ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

Campeão do Mundo foi o Uruguai, quando o ‘grande quadro’ do Campeonato tinha sido o Brasil, no parecer unânime. E em 1954, o Campeão é a Alemanha quando o ‘grande scratch’ do certame foi a Hungria”.³⁸ Estes dois últimos teceram suas considerações muito mais focados em questões de ordem técnica e tática, do que em questões de ordem geopolítica, evidenciando o predomínio do teor esportivo na cobertura do *Jornal dos Sports*.

Os comentários sobre a Copa de 1954 prosseguiram ocupando as páginas do *Jornal dos Sports*. Na edição nº 7.623, de sexta-feira, 09 de julho de 1954, Geraldo Romualdo da Silva, desde Berna (via Panair), publicou uma longa matéria intitulada “Por Que A Alemanha Levantou ‘A Copa’”, na qual designa a seleção alemã ocidental como “a modesta equipe do outro lado do Reno”, o que explicita o tom crítico do jornalista em relação ao desfecho daquele Mundial, embora reconheça seu mérito: “Quanto aos nossos amigos alemães, é facilmente comprovável que mereceram a vitória. Ganharam-no, sim, com um excepcional espírito de resistência, únicos, além da autoridade defensiva e a calma singular com que empreenderam as ofensivas, carreiras perigosas, desconcertantes”.³⁹ Entretanto, Geraldo Romualdo da Silva não deixa de aludir à guerra, ao descrever o treinador Sepp Herberger como “o Rommel do Football”:

Eis que a Alemanha dispõe de um estrategista estupendo, senhor de uma astúcia incomparável. Seep Herberger (sic) (guardem bem este nome!), soube conduzir seus soldados a um sucesso sem precedentes na história do football, desde os tempos mais longínquos. Graças a êle, exclusivamente a êle, a Alemanha pôde classificar-se nas oitavas de final, embora perdendo como perdeu para a Hungria, por escore esmagador, vergonhoso, justificável pelo fato de não ter lançado a sua fôrça máxima premeditadamente poupada para o obstáculo imediato, que seria a Turquia. Foi a partida para o êxito. Não se ligava importância ao golpe de Herberger, mas, silenciosamente, em seu pedaço de paraíso, que é Spiez, Herberger ia derrubando as muralhas em seu derredor.

*Como nos instantes culminantes da guerra ou das guerras de verdade, Herberger mostrou ser um general de primeira ordem. Um autêntico Rommel.*⁴⁰

³⁸ *Jornal dos Sports*. ed. 7.621, 07 jul. 1954, p. 5.

³⁹ *Jornal dos Sports*. ed. 7.623, 09 jul. 1954, p. 5.

⁴⁰ *Jornal dos Sports*. ed. 7.623, 09 jul. 1954, p. 5. (Grifos nossos).

Como se sabe, não é novidade o uso da metáfora da guerra na cobertura esportiva, e Geraldo Romualdo da Silva procede dessa maneira ao associar Sepp Herberger a um dos principais generais alemães da Segunda Guerra Mundial: Johannes Erwin Eugen Rommel (1891-1944), conhecido pela alcunha “A Raposa do Deserto” (em Alemão: *der Wüstenfuchs*), muito em decorrência de sua atuação no comando do Afrika-Korps, na campanha do exército alemão no Norte da África durante a Segunda Guerra Mundial.⁴¹ Assim, astucioso como uma “raposa”, Sepp Herberger teria sido o estrategista que levava a seleção alemã ocidental ao triunfo. Por isso, o texto está recheado de expressões como “[d]estruíu sempre, com eficiência, as cargas inimigas, de uma maneira sistemática” e “[s]ua contra-ofensiva foi mortal”.⁴²

Por fim, a última edição selecionada em nosso recorte de pesquisa, a de nº 7.642, de sábado, 31 de julho de 1954, traz 01 matéria e 01 crônica: a matéria “A Alemanha Esperou 20 Anos Para Ser Campeã”, de Geraldo Romualdo da Silva;⁴³ “O ‘À Antiga’ Football Alemão”, crônica de Olímpicus.⁴⁴ Interessante notar, na matéria de Geraldo Romualdo da Silva, que já aparecia o termo “milagre” para designar o feito obtido pela seleção da Alemanha Ocidental com a conquista do Mundial, algo que se tornaria um dos mitos daquela Copa: “Agora, para o que se denominou de milagre da época, tomando por base o certame da Suíça, Herberger procurou reunir o melhor plantel do país”.⁴⁵

A TRAJETÓRIA DA ALEMANHA OCIDENTAL, DO “PERÍODO EUFÓRICO DE CONVALESCENÇA” AO TRIUNFO NA “BATALHA FINAL”, NA COBERTURA ESPORTIVA DO JORNAL *O GLOBO*

As primeiras notícias futebolísticas relacionadas com a Alemanha, publicadas pelo jornal *O Globo* no período estudado (de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954) datam de abril de 1954. Ambas não se referem nem à Copa do Mundo daquele ano nem à seleção da Alemanha Ocidental, mas às excursões de clubes brasileiros à Europa, com jogos disputados em solo alemão. Na edição nº 8.561 de 05 de abril, figuram

⁴¹ REZENDE FILHO. *Rommel*, s/p.

⁴² *Jornal dos Sports*. ed. 7.623, 09 jul. 1954, p. 5. Salta aos olhos a naturalidade com que Geraldo Romualdo da Silva usa a guerra como metáfora, considerando o cenário de destruição e de genocídio da Segunda Guerra Mundial.

⁴³ *Jornal dos Sports*. ed. 7.642, 31 jul. 1954, p. 2 e p. 5.

⁴⁴ *Jornal dos Sports*. ed. 7.642, 31 jul. 1954, p. 2 e p. 5.

⁴⁵ *Jornal dos Sports*. ed. 7.642, 31 jul. 1954, p. 2.

as seguintes matérias: “Treinará, hoje, o Flamengo em Milão”, não assinada; “Empatou o Bangu em Berlim”, também não assinada, mas tendo como fonte a “U.P.” (United Press), de Berlim. Somente na edição nº 8.571 de *O Globo*, publicada em 17 de abril de 1954, a Alemanha Ocidental voltou a aparecer em uma matéria e em 01 nota, relacionada à excursão de clubes brasileiros na Europa e de um clube alemão na América Latina: a matéria “Jogará O Olaria Amanhã Em Mannheim”, formada por pequenas seções que apresentam “os *teams* brasileiros no exterior”, e a nota “Esperado o Rotweiss em Buenos Aires”.⁴⁶

Devemos lembrar que, por ser um periódico que contempla uma gama de temas e assuntos, não se dedicando, portanto, exclusivamente, à cobertura esportiva, como é o caso do *Jornal dos Sports*, o jornal *O Globo* demorou a trazer matérias e crônicas que se relacionassem com a Alemanha Ocidental e sua seleção no “Caderno de Esportes”, naquele ano de Copa do Mundo. Ao contrário, o interesse primeiro foi trazer aos leitores informações sobre a excursão de clubes brasileiros, sobretudo cariocas, na Europa, com passagens também por cidades da Alemanha Ocidental. No caso da matéria “Jogará O Olaria Amanhã Em Mannheim”, conforme mencionado anteriormente, seu texto foi composto por quatro seções, sendo que duas delas fazem menção à presença de clubes brasileiros na Alemanha Ocidental. A primeira seção, intitulada “A Portuguesa de Desportos atuará segunda-feira em Düsseldorf”, é de autoria de Moisés Simas, especial para o jornal *O Globo*, desde a cidade de Mannheim.

O que já havíamos constatado, recorrentemente, em matérias e crônicas publicadas no *Jornal dos Sports*, volta a se repetir em matérias de *O Globo*: o predomínio da designação “Alemanha” e do atributo “alemã”/“alemão” para a República Federal da Alemanha, ou Alemanha Ocidental.

Portanto, entre janeiro e abril de 1954, foram poucas as matérias e notas publicadas no jornal *O Globo* que, de algum modo, mencionavam a Alemanha Ocidental ou mesmo o futebol alemão. Isso se intensificou apenas a partir do mês de maio, uma vez que a Copa do Mundo da Suíça se aproximava. Mesmo em um periódico com escopo amplo de temas e assuntos, a cobertura esportiva ganharia maior

⁴⁶ *O Globo*. ed. 8.571, 17 abr. 1954, p. 2.

espaço em suas páginas, principalmente com a expectativa de que, finalmente, a seleção brasileira conquistaria seu primeiro título mundial, após a tragédia do 16 de julho de 1950.

Todavia, a primeira matéria publicada pelo jornal *O Globo*, na qual a Alemanha Ocidental e sua seleção aparecem associadas à Copa do Mundo da Suíça, que seria iniciada em algumas semanas, foi publicada em 24 de maio de 1954: “Os alemães não podem treinar com os brasileiros”, não assinada, tendo como fonte a agência “U.P.” (United Press), de “Francfort” (*sic*).⁴⁷ Nela, há a seguinte informação sobre os preparativos para a Copa, que impediriam o agendamento de amistosos entre a seleção brasileira e a seleção alemã ocidental:

A Federação Alemã de Football não pode concertar partidas previas às do torneio mundial, com a seleção brasileira, neste país, segundo o secretário-geral da Federação, Georg Xandry, porque na próxima semana começam os treinos para o campeonato.

Xandry disse: “Não podemos combinar partidas com a equipe brasileira da taça do mundo *neste país*, porque já está inteiramente formulado nosso calendário.

Recebi chamadas telefônicas do Brasil, com respeito às possibilidades de concertar partidas *neste país*. Porém me vi obrigado a rejeitar as solicitações. Os próximos treinos são muito importantes em vista das duras partidas da taça do mundo, e ademais *nossos homens necessitam algum descanso, depois das práticas e antes de seguirem para a Suíça*”.

Acrescentou que tampouco se pode contar com a realização de partidas entre os brasileiros e os teams dos clubes alemães, porque já está fechado o calendário da Liga Nacional.⁴⁸

Essa matéria evidencia que, no discurso oficial da Federação Alemã de Football (*Deutscher Fußball-Bund*), esta não faz uso nem do nome oficial do país, República Federal da Alemanha (*Bundesrepublik Deutschland*), nem da designação “Alemanha Ocidental” (*Westdeutschland*), apenas “neste país” (3x). Aliás, algo que, provavelmente, era desconhecido da redação de *O Globo*, ou mesmo do leitor, é o fato de que Georg Xandry (1890-1973), secretário geral da DFB, possuía uma longa carreira, iniciada em 1928, ainda na República de Weimar, a qual teve prosseguimento também no Terceiro Reich. No pós-guerra, Xandry passou por um processo

⁴⁷ *O Globo*. ed. 8.601, 24 maio 1954, p. 2.

⁴⁸ *O Globo*. ed. 8.601, 24 maio 1954, p. 2. (Grifos nossos).

de “desnazificação” (em Alemão: *Entnazifizierung*), para ser reabilitado e reintegrado à DFB em sua nova fase, na Alemanha Ocidental.⁴⁹

Entretanto, quanto mais a abertura do Mundial se aproximava, aumentava a quantidade de crônicas e matérias em que havia menção à Alemanha Ocidental e a sua seleção. A partir dos descritores “Alemanha”, “seleção alemã”, “Sepp Herberger” e “Fritz Walter”, foram filtradas 26 páginas do jornal *O Globo* no mês de junho de 1954, enquanto o mês de maio apresentou apenas 06 páginas. Na edição do dia 03 de junho de 1954, há uma breve informação sobre a compra antecipada de ingressos na coluna “Diário do Campeonato do Mundo”, não assinada, que dá uma dimensão da expectativa dos torcedores em relação ao confronto entre as seleções da Alemanha Ocidental e da Hungria pelas oitavas de final:

Informa-se que já foram vendidos 250 mil ingressos para os 24 matches da Copa do Mundo, esperando-se que nos próximos dias e até o início do certame, esse número seja grandemente aumentado. Os matches entre a Hungria x Alemanha, que será disputado no dia 20, na Basiléia, e a final da Copa, fixada para o dia 4 de julho, ganharam a preferência do público na procura de ingressos.⁵⁰

Mal sabia o jornalista que, no dia 04 de julho de 1954, o confronto Hungria x Alemanha Ocidental se repetiria mais uma vez, em que a seleção alvinegra se sagraria campeã, derrotando a seleção alvirrubra. Já na edição nº 8.622, de 17 de junho de 1954, segundo dia de competições, consta na matéria “Mais quatro jogos na tarde de hoje”, não assinada, a seguinte informação sobre o confronto entre as seleções da Turquia e da Alemanha Ocidental na cidade de Berna, na qual é apresentada a campanha das Eliminatórias:

Esse jogo promete ser equilibrado. Os alemães classificaram-se para o turno final como vencedores do Grupo 1 das eliminatórias, em que alcançaram três vitórias e um empate, traduzidos nestes placards (*sic*): 1 x 1 com a Noruega, em Oslo; 3 x 0 sobre o Sarre, em Stuttgart; 5 x 1 sobre a Noruega, em Hamburgo; e 3 x 1 sobre o Sarre, no Sarrebruck (*sic*). [...] Os alemães contam com um ligeiro favoritismo na peleja de hoje.⁵¹

⁴⁹ HAVEMANN. *Fußball unterm Hakenkreuz*, p. 97.

⁵⁰ *O Globo*. ed. 8.610, 03 jun. 1954, p. 16.

⁵¹ *O Globo*. ed. 8.622, 17 jun. 1954, p. 9. (Grifos nossos).

Para um leitor brasileiro nos dias atuais, ou mesmo em março de 1954, essa passagem da matéria demandaria conhecimentos específicos prévios sobre a geopolítica alemã e europeia decorrente da divisão do país e da Guerra Fria. O Sarre (em Alemão: Saarland) figuraria como um país e integraria o Grupo 1 das Eliminatórias Europeias da FIFA para a Copa de 1954, juntamente com a Noruega e a Alemanha. Baseados no próprio texto da crônica, nos indagaríamos: Se o 1. FC Saarbrücken disputava o campeonato de futebol da Alemanha do Sudoeste, por que o Sarre, cuja capital também se chama Saarbrücken, não era território da Alemanha Ocidental? Trata-se de uma região fronteiriça, cuja disputa entre a Alemanha e a França começou bem antes da Segunda Guerra Mundial. Inclusive, a ocupação militar do Sarre em 1870 por tropas francesas deflagrou a Guerra Franco-Prussiana, da qual a Prússia saiu vitoriosa e promoveu a unificação de todos os Estados alemães, fundando, assim, a Alemanha como Estado-Nação em 18 de janeiro de 1871, tendo o Sarre como parte de seu território. Décadas mais tarde, em decorrência de novo confronto bélico entre o Império alemão e a França durante a Primeira Guerra Mundial, com a derrota alemã, foi determinado pela Liga das Nações que o território do Sarre ficaria sob sua governança por 15 anos, sendo que as minas de carvão, altamente produtivas, seriam cedidas à França. Findo esse período, em 1935, portanto, em pleno Terceiro Reich, o território foi devolvido à Alemanha mediante resultado de um plebiscito. Todavia, com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, o Sarre voltou a ser administrado pela França, como um Protetorado até 1957, quando foi, definitivamente, integrado ao território da Alemanha Ocidental.⁵² Durante os anos como Protetorado francês, o Sarre disputou competições esportivas como Estado autônomo, tanto os Jogos Olímpicos de Helsinki, em 1952, quanto as Eliminatórias Europeias para a Copa de 1954, classificando-se em segundo lugar em seu grupo, ficando atrás da seleção da Alemanha Ocidental e à frente da seleção da Noruega.⁵³ Essas informações de caráter histórico e geopolítico demonstram que a passagem da matéria publicada no jornal *O Globo* demandaria conhecimentos prévios do leitor para se ter a dimensão daquele enfrentamento

⁵² STAATSKANZLEI SAARLAND. *Die Geschichte des Saarlandes*, s/p.

⁵³ RAITHEL. *Fußballweltmeisterschaft 1954*, p. 32.

das seleções do Protetorado do Sarre e da Alemanha Ocidental, uma vez que seu autor não interseccionou os campos esportivo e político ao redigi-la.

Todavia, tal expediente não parecia ser fortuito, pelo menos é o que as diversas matérias que mencionam a Alemanha Ocidental e sua seleção, publicadas pelo jornal *O Globo* durante a Copa de 1954, evidenciam. Exemplos patentes são as matérias que versam sobre o confronto entre as seleções da Alemanha Ocidental e da Hungria, ainda pela segunda rodada da fase de Grupos. Na edição nº 8.624, de 19 de junho de 1954, a matéria “A rodada de amanhã”, não assinada, inclui uma seção intitulada “Hungria x Alemanha, em Basiléia”. Além de repetir o desempenho de ambas as seleções na primeira rodada, a matéria aponta certo favoritismo para a seleção magiar.⁵⁴ Não é diferente a matéria publicada na edição do dia seguinte, repercutindo o resultado do confronto: “A Hungria goleou a Alemanha por 8 x 3”, de Ricardo Serran, correspondente especial para *O Globo*, da Basiléia. Na referida matéria, o jornalista destaca a goleada aplicada pela seleção húngara sobre a seleção alemã ocidental, que poupou oito titulares para o jogo de desempate com a Turquia, que disputaria três dias depois.⁵⁵ Nenhum aspecto de caráter geopolítico se faz presente na matéria. A mesma notícia seria repetida na coluna “Diário do Campeonato do Mundo”, não assinada: “Certas de sua derrota diante da Hungria e prevendo a realização de um novo match com a Turquia, de desempate para a classificação às quartas de final, a Alemanha colocou oito reservas em sua equipe que enfrentou os húngaros”.⁵⁶ Dois dias depois, haveria na mesma coluna uma informação sobre o público daquele confronto: “De acordo com as estatísticas procedidas, 480.000 pessoas assistiram os oito matches da série oitavas de finais. O match Hungria e Alemanha foi o que atraiu a maior assistência, de aproximadamente 56.000 pessoas”.⁵⁷ Mas o maior destaque naquela edição recairia na expectativa para os jogos de desempates, a serem realizados naquela data. Na matéria “Cartas decisivas esta tarde”, de Geraldo Romualdo da Silva, especial para *O Globo*, de Zurique, mais uma vez, ressalta-se o fato de Sepp Herberger, estrategicamente, ter poupado oito jogadores no confronto anterior contra a seleção húngara:

⁵⁴ *O Globo*. ed. 8.624, 19 jun. 1954, p. 2.

⁵⁵ *O Globo*. ed. 8.625, 21 jun. 1954, p. 2.

⁵⁶ *O Globo*. ed. 8.627, 23 jun. 1954, p. 10.

⁵⁷ *O Globo*. ed. 8.627, 23 jun. 1954, p. 10.

Duas partidas decisivas serão levadas a efeito esta tarde, para preenchimento de duas vagas nas quartas de finais da V Copa do Mundo. Assim. Aqui nesta cidade de Zurique jogarão a Alemanha e a Turquia, cada qual com uma vitória e uma derrota, buscando a classificação para o jogo seguinte em que o vencedor de hoje terá de enfrentar a Iugoslávia. Os dois quadros já tiveram oportunidade de se defrontar e os alemães venceram então de forma positiva por 4x1. Para o encontro de hoje os teutos ainda tiveram o cuidado de poupar a maioria dos seus elementos titulares, colocando reservas no prélio com os húngaros em que foram goleados por 8x3. Os turcos, que venceram por último a Coréia por 7x0, esperam esta tarde vingar os 4x1 do primeiro encontro e conseguir, assim, a classificação.⁵⁸

Na edição nº 8.628 de 24 de junho de 1954, a matéria “Classificou-se a Alemanha”, de Geraldo Romualdo da Silva, especial para *O Globo*, de Zurique, noticia a vitória da seleção alemã ocidental contra a seleção turca pelo placar elástico de 7x2: “Com essa vitória, os alemães classificaram-se às quartas de finais e terão de enfrentar domingo, em Genebra, os iugoslavos”.⁵⁹ Dois dias depois, a matéria “Outros jogos da rodada”, não assinada, apresenta uma seção sobre a expectativa para a partida entre a seleção da Alemanha Ocidental e a Seleção da Iugoslávia, que seria disputada no dia seguinte, em Genebra, em que são apresentados as prováveis escalações e o retrospecto das duas seleções no Mundial. Dois dias depois, haveria apenas uma pequena nota na coluna “Diário do Campeonato do Mundo”, não assinada, reportando mais uma vitória dos comandados de Sepp Herberger: “O football alemão deu excelente demonstração do seu extraordinário progresso e adiantamento com a grande vitória conquistada na tarde de ontem, quando os germânicos derrotaram os iugoslavos pela contagem de dois a zero”.⁶⁰ Desse modo, a seleção alemã ocidental se classificou para a semifinal, em que enfrentaria a seleção da Áustria. Em uma breve matéria, “Áustria x Alemanha na Basileia”, Geraldo Romualdo da Silva, especial para *O Globo*, de Bienne, noticia sobre o confronto, sem qualquer menção ao fato de que, pelo passado recente da guerra e pela anexação da Áustria ao Terceiro Reich em 1938, aquela partida era revestida também de certa atmosfera

⁵⁸ *O Globo*. ed. 8.627, 23 jun. 1954, p. 10.

⁵⁹ *O Globo*. ed. 8.628, 24 jun. 1954, p. 2.

⁶⁰ *O Globo*. ed. 8.631, 28 jun. 1954, p. 10.

política: “A outra semifinal da Copa do Mundo desperta também bastante interesse, pois que, embora os austríacos se apresentem com algum favoritismo, é inegável que o football alemão bem poderá determinar mais uma surpresa”.⁶¹

Por sua vez, o desfecho das semifinais ganhou pleno destaque na edição nº 8.634, de 01 de julho de 1954, três dias antes da tão esperada final da Copa. A matéria “Finalistas a Hungria e a Alemanha”, de Ricardo Serran, especial para *O Globo*, da Basiléia, é pautada por certo tom de surpresa com a vitória da seleção da Alemanha Ocidental frente à seleção da Áustria, considerada pelos comentaristas esportivos como franco favorita:

Verdadeiramente foi uma surpresa o match de ontem à tarde no estádio Sto. Jacob, reunindo as seleções da Áustria e da Alemanha. Isso porque atendendo à sua maior tradição de classe no football europeu os austríacos surgiam muito naturalmente como os favoritos da peleja semi-final da V Copa do Mundo. No entanto ratificando de forma mais categórica a boa atuação que exibira nas quartas de finais, quando afastou a Iugoslávia do certame, a seleção alemã alcançou ontem uma estrondosa vitória: 6 x 1. Em verdade um placard (*sic*) que escapou a qualquer expectativa, por muito boa vontade de que se tivesse com o progresso atual do football alemão. Foi no entanto uma vitória justa a que colocou os alemães na situação honrosa de finalistas da V Copa para decidir o título, domingo próximo, com a Hungria.⁶²

Notamos por essa sequência de matérias publicadas no jornal *O Globo* que o viés da cobertura esportiva em torno da Alemanha Ocidental e de sua seleção foi, iminentemente, pautado por questões técnicas e táticas, raramente por questões políticas que remetessem ao contexto da Segunda Guerra Mundial ou da Guerra Fria. Aliás, como bem aponta Leda Maria da Costa em *Os vilões do futebol: jornalismo imaginação melodramática*, na cobertura jornalística da imprensa brasileira sobre a seleção brasileira na Copa de 1950,⁶³ aspectos técnicos e táticos foram negligenciados em virtude de predominar um discurso focado em aspectos emocionais e raciais no afã de rotular os “vilões” pela derrota. Em contraponto, a cobertura em relação à seleção alemã ocidental de 1954 tomou rumo distinto. Na edição nº

⁶¹ *O Globo*. ed. 8.633, 30 jun. 1954, p. 12.

⁶² *O Globo*. ed. 8.634, 01 jul. 1954, p. 10.

⁶³ COSTA. *Os vilões do futebol*, p. 21-22.

8.637, de 05 de julho de 1954, esse quadro não se alterou. O título em destaque na página 6, acompanhada de uma foto exibindo os jogadores da seleção alemã ocidental perfilados no gramado, anunciava: “Caíram os ‘fantasmas’ magiares”.⁶⁴ Não era por menos, afinal, a seleção da Hungria não perdia uma partida desde 1950, tinha sido Medalhista de Ouro nos Jogos Olímpicos de Helsinki, em 1952, e derrotado a seleção inglesa em pleno Estádio de Wembley. Duas seções compõem a matéria: “Desfecho de sensação na V Copa: vitória dos alemães 3x2”; “Ficaram com o vice-campeonato os grandes favoritos”,⁶⁵ ambas não assinadas. A primeira delas assim anuncia a conquista do título pela seleção da Alemanha Ocidental:

Escreveu-se ontem em Berna a última página da V Copa do Mundo, com uma grande surpresa. Grande surpresa em verdade, porque para quase todo o mundo, com raríssimas exceções, os húngaros depois das exhibições de poderio apresentadas nos jogos com o Brasil e o Uruguai, já estavam praticamente com o título máximo nas mãos. O jogo de ontem seria apenas uma formalidade. Mas, como em 1950, quando os brasileiros também eram os francos favoritos e perderam surpreendentemente para os uruguaiois, também os famosos “fantasmas” magiares caíram ontem ante os alemães. Como os brasileiros, em 50, também os húngaros abriram o score e fizeram mais um goal (2x0), mas depois foram ceder a vitória aos alemães por 3x2. Os cracks teutos são assim, desde ontem, os novos campeões mundiais de football e todas as referências feitas até agora são as de que o honroso título ficou em boas mãos porque os alemães exibiram energia, organização e também técnica à altura dos melhores teams que passaram pelos campos da Suíça.⁶⁶

Por sua vez, uma breve nota não assinada e publicada na mesma edição, que tem por fonte a “A.F.P” (Agência France Press) e exhibe o intertítulo “A explicação do técnico”, reproduz algumas frases de Sepp Herberger sobre o triunfo alemão ocidental diante da seleção da Hungria, franca favorita, derrotada surpreendentemente na final:

“Como você explica a surpreendente vitória dos alemães”, perguntamos a Sepp Herberger, o treinador da equipe. E ele nos respondeu: – “Jogamos melhor, eis tudo. Os húngaros cometeram contra nós o mesmo erro que os austríacos nas semi-finais. Nos deixaram jogar e não marcaram

⁶⁴ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

⁶⁵ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

⁶⁶ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

suficientemente os dianteiros mais perigosos, Fritz Walter, do qual eles conhecem o poder de shoot, podia passear como quisesse nos 6 metros da área adversária”.⁶⁷

Sem dúvida, algo não captado pelo entrevistador, mas que parece reverberar nas palavras do treinador da seleção alemã ocidental, sobretudo em relação à seleção austríaca, derrotada por 6x1 nas semifinais, quando contextualizadas, é o fato de os jogadores austríacos conhecerem bem o poder de “shoot” de Fritz Walter, provavelmente, alguns ainda dos anos entre 1938 e 1942, no período pós-“Anschluss” e nos primeiros anos da guerra, quando integraram o “team” do Terceiro Reich.⁶⁸

Já a matéria da capa, exibindo a manchete “Campeões do Mundo os Alemães”, dá pleno destaque ao triunfo da seleção alemã ocidental e à derrota inesperada a seleção húngara. Assim é resumido o conteúdo no cabeçalho da matéria:

Os teutos quebraram sensacionalmente o favoritismo dos húngaros, na batalha de Berna – Três a dois o placard (*sic*) da grande vitória alemã, depois de os magiares terem marcado dois a zero em dez minutos de jogo – Puskas e Czibor marcaram pelos vencidos, e Morlock e Rahn (dois) pelos campeões do mundo – O árbitro – Como foram os teams.⁶⁹

O jornalista Geraldo Romualdo da Silva, autor da matéria, especial para *O Globo*, desde Berna, que, aliás, colaborava com crônicas e matérias para ambos os jornais aqui focados, estabelece uma relação detalhada entre o que ocorrera no Maracanã, quatro anos antes, e o desfecho da Copa na “batalha final” em Berna:

Aconteceu mais ou menos como em 1950. Os grandes favoritos para a conquista do título máximo chegando à batalha final e vendo fugir-lhe das mãos quase de surpresa o galardão da Copa do Mundo. Em 50, vimos aí no Maracanã, o Brasil, campeão por antecipação, depois das tremendas goleadas de 7 e de 6 x 1 sobre a Suécia e a Espanha, cair ante a equipe do Uruguai que se apresentara para o certame sem maiores pretensões e que havia apenas empatado com a Espanha por 2 x 2 e superado com dificuldade a Suécia. Hoje, vimos aqui em Berna a famosa seleção da Hungria, também considerada por todo o mundo já praticamente campeã depois das provas de fogo a que se submetera e passara com

⁶⁷ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 6.

⁶⁸ HAVEMANN. *Fußball unterm Hakenkreuz*, p. 133-134.

⁶⁹ *O Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1.

grande brilhantismo vencendo seguidamente as duas maiores forças do football sul-americano: o Brasil por 4 x 2 em noventa minutos e o Uruguai, também por 4 x 2, mas em cento e vinte minutos, enfrentar e perder o título que lhe parecia assegurado, para um team que também se apresentara modestamente no campeonato: o da Alemanha. Esse mesmo conjunto da Alemanha que somente chamou a atenção sobre as suas possibilidades nas quartas de finais, quando venceu a Iugoslávia e mais fortemente nas semifinais quando goleou a Áustria por 6 x 1. Mas que apesar de tudo não chegara a merecer dos observadores a confiança bastante para aparecer na batalha final como um perigo real para a poderosa seleção húngara.⁷⁰

Na matéria em questão, não falta também a narrativa sobre a cena da premiação dos campeões mundiais naquele histórico 04 de julho de 1954, que entraria, posteriormente, para os anais da história do futebol alemão e mundial como o “Milagre de Berna” (em Alemão: *Wunder von Bern*), que corresponderia ao mesmo período de reconstrução e de crescimento econômico sob a batuta do ministro Ludwig Erhard (1897-1977), conhecido como “Milagre Econômico” (em Alemão: *Wirtschaftswunder*, sem dúvida, um período de otimismo na história da Alemanha dividida durante a Guerra Fria.⁷¹

Após o jogo entre a Alemanha e a Hungria, as duas equipes se alinharam diante da tribuna de honra. O Sr. Jules Rimet, presidente da Federação, abrigado sob o guarda-chuva, entregou a taça do mundo ao capitão da equipe alemã, Fritz Walter, após uma alocução no decorrer da qual acentou a “harmonia e a cooperação universais que, graças ao football, permitiram a organização do Campeonato do Mundo”. O hino alemão foi executado pela música e cantado por vários milhares de torcedores alemães. Logo depois, verificou-se uma enorme ovação. Os jogadores alemães foram então levados em triunfo até ao vestiário.⁷²

Outro aspecto do cerimonial da FIFA e dos organizadores da Copa da Suíça, abordado brevemente na citação acima, mas que certamente não era uma obviedade, principalmente para alemães, é a execução do “hino alemão” após a conquista do título mundial. Aqui, cabe um aparte: a peculiaridade do hino alemão após a derrocada do regime nazista e da divisão do país, e da criação de dois Estados. En-

⁷⁰ O *Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1.

⁷¹ KASZA. *Fußball spielt Geschichte*, p. 186-187.

⁷² O *Globo*. ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1.

quanto a República Democrática Alemã passou a ter hino próprio a partir de 1949, “Auferstanden aus Ruinen” (Ressuscitada de Ruínas), com letra de Johannes Becher e música de Hanns Eisler e Ottmar Gester, a República Federal da Alemanha adotou como seu hino parte de “Das Lied der Deutschen” (A Canção dos Alemães), com letra de von August Heinrich Hoffmann von Fallersleben, de 1841, e música do antigo hino imperial “Gott erhalte Franz, den Kaiser” (Deus mantenha Franz, o Imperador), do compositor Joseph Haydn, de 1797, dedicado ao Imperador Francisco II, da Áustria. A datação evidencia que o hino alemão remonta a um período anterior ao da Unificação Alemã, em janeiro de 1871 e possui um longo histórico de formação do nacionalismo no país.⁷³ Proibida de ser executada após a vitória aliada em 1945, “Das Lied der Deutschen” foi adotada oficialmente, em maio de 1952, dois anos antes da Copa da Suíça, como hino da Alemanha Ocidental, com a distinção de que apenas sua terceira estrofe era executada em cerimônias, exatamente aquela que trazia em seus dois primeiros versos um sentido de afirmação da unidade “Einigkeit und Recht und Freiheit/ Für das deutsche Vaterland!” (“Unidade e justiça e liberdade/para a pátria alemã!”).⁷⁴

Por outro lado, Geraldo Romualdo da Silva também destaca o clima de tristeza e melancolia que tomou conta dos húngaros após a derrota, algo que conhecemos também do “Maracanazo”, de 16 de julho de 1950, com jogadores chorando no gramado e desolados no vestiário, mas também a busca imediata por “vilões” que contribuíram para a tragédia, como foi o caso do goleiro Barbosa em 1950:⁷⁵

No vestiário dos magiares a desolação era total após o jogo. Todos estavam tomados de integral desespero pela perda do título quando tudo lhes parecia assegurado. Para o vice-ministro Sebes o resultado do match foi oriundo de dois fatores: 1º a péssima atuação de alguns elementos de maior responsabilidade na equipe, não citando nominalmente Puskas, Czibor, Hidegkuti e Lantos, mas deixando perceber que era sobre esses jogadores que pesavam as suas palavras, 2º a perda de energias dos pla-

⁷³ GAVARINI. Deutsche Nationalhymne: Was singen die da eigentlich? Und singen sie überhaupt?, s/p.

⁷⁴ WIEDERSCHNEIN. Nationalhymne: Darum bereitet das „Lied der Deutschen“ so vielen Probleme, s/p.

⁷⁵ COSTA. *Os vilões do futebol*, p. 98-99.

yers no jogo com os uruguaiois, match que exigiu muito da seleção húngara e ainda mais por força de uma prorrogação.⁷⁶

Como bem aponta Leda Maria da Costa em relação à “vilanização” de integrantes da seleção brasileira que foram derrotados para a seleção uruguaia na Copa de 1950, “a mãe das narrativas da derrota”, “uma derrota que terá a aparência de algo vergonhoso e injustificável”, “a imprensa esportiva precisou lidar com a derrota e um incômodo vice-campeonato”.⁷⁷ De certo modo, é o que constatamos também em relação à seleção húngara, cujos “vilões” começaram a ser “construídos” logo após a derrota para a seleção alemã ocidental, chancelada pela imprensa brasileira a partir da voz do técnico Gustáv Sebes (1906-1986), equivocadamente indicado como “vice-ministro” na matéria. Embora este não tenha nomeado os “vilões”, o jornalista Geraldo Romualdo da Silva não se fez de rogado ao concluir que se tratava de Ferenc Puskas, Zoltán Czibor, Nándor Hidegkuti e Mihály Lantos.

Portanto, em sua maioria, as matérias, notas e crônicas publicadas no jornal *O Globo* por ocasião da V Copa do Mundo de Futebol, nas quais fez referência à Alemanha Ocidental e a sua seleção, centraram seu foco em questões de ordem técnica e tática, havendo pouco ou nenhum espaço para tratar de questões contextuais, tanto em relação ao passado recente da ditadura nazista e da Segunda Guerra Mundial, onde foram cometidos crimes contra a Humanidade em nome do Terceiro Reich, quanto em relação à decorrente ocupação e divisão do país e a Guerra Fria travada entre dois blocos rivais, comandados, de um lado, pelos Estados Unidos capitalista, e, de outro, pela União Soviética socialista. Por assim dizer, aquela final prefigurou tal oposição, colocando, frente a frente, as seleções da Alemanha Ocidental e da Hungria.

QUANDO A IMPRENSA MENCIONA OU INTERDITA ASPECTOS DE ORDEM POLÍTICA E GEOPOLÍTICA NA COBERTURA ESPORTIVA – À GUIA DE CONCLUSÃO

Em nossa pesquisa, pudemos constatar que a cobertura esportiva do jornal *O Globo* em relação à Alemanha Ocidental e a sua seleção no contexto da Copa de 1954 não foi pautada, explicitamente, por questões de ordem geopolítica. Ao contrário, ques-

⁷⁶ *O Globo*, ed. 8.637, 05 jul. 1954, p. 1

⁷⁷ COSTA. *Os vilões do futebol*, p. 41.

tões de ordem técnica e tática tiveram prioridade nas pautas das matérias, notas e crônicas, de uma maneira bem tradicional. Antes do início do torneio, o interesse recaiu na presença de clubes brasileiros, cariocas em sua maioria, em excursão nas duas “Alemanhas” e, durante e após a Copa, não houve intersecção entre os campos esportivo e político na cobertura, embora tenha havido momentos em que isso não só seria possível, como também desejável em termos de versatilidade e de aprimoramento do material jornalístico. Além disso, o país foi majoritariamente designado simplesmente por “Alemanha”. Se, por um lado, o jornalista e cronista Geraldo Romualdo da Silva seguiu essa linha no jornal *O Globo*, por outro, cronistas do *Jornal dos Sports*, sobretudo Albert Laurence e Zé de São Januário, primaram por promover a intersecção entre os campos político e esportivo, como também dar a verdadeira medida ao versarem sobre a Alemanha Ocidental e sua seleção em meio a todo o processo de divisão recente do país e aos ditames da Guerra Fria.

Por fim, ressaltamos que demandas do campo do jornalismo como tempo, pouco espaço e, no caso do esportivo, uma procura por um discurso mais emotivo, explicam, em parte a pouca menção a aspectos políticos e geopolíticos, pouco presentes até hoje na cobertura. O jornalismo esportivo, no Brasil, continua pouquíssimo afeito a questões de ordem política ou geopolítica. Podemos, inclusive, pensar isso em termos de despolitização do campo esportivo.

* * *

REFERÊNCIAS

COSTA, Leda Maria da. **Os vilões do futebol**: jornalismo esportivo e imaginação melodramática. Curitiba, PR: Appris, 2020.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo**: Letras, imprensa e cultura no ‘Jornal dos Sports’ (1950-1958). Curitiba, UFPR, 2016.

GAVARINI, Lorenzo. Deutsche Nationalhymne: Was singen die da eigentlich? Und singen sie überhaupt? **Der Spiegel**. 14 jun. 2024.

O Globo. Rio de Janeiro, Ano XXX, nº 8.484 a 8.660, de 02 de janeiro a 31 de julho de 1954. [176 edições]

HAVEMANN, Nils. **Fußball unterm Hakenkreuz**. Der DFB zwischen Sport, Politik und Kommerz. Bonn: Bundeszentrale für politische Bildung, 2005.

HOFFMANN, Dierk. Kalter Krieg und Blockintegration (1949-1955). **Informationen zur politischen Bildung**. n. 358, Dossiê “Gesamte deutsche Nachkriegsgeschichte 1945-1990, p. 14-23, 1/2024b.

HOFFMANN, Dierk. Von der Kapitulation zur doppelten Staatsgründung (1945-1949). **Informationen zur politischen Bildung**. n. 358, Dossiê “Gesamte deutsche Nachkriegsgeschichte 1945-1990, p. 6-13, 1/2024a.

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, nº 7468 a 7642, de 01 de janeiro a 31 de julho de 1954. [211 edições]

KASZA, Peter. **Fußball spielt Geschichte**: Das Wunder von Bern 1954. Berlin-Brandenburg: be.bra-Verlag, 2004.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC; Fapesp, 2003.

PACHECO, Paulo. Jornalista da Cultura comenta Copa do Mundo com tubo de oxigênio. **Notícias da TV**. São Paulo, 25 jun. 2024.

RAITHEL, Thomas. **Fußballweltmeisterschaft 1954** – Sport – Geschichte – Mythos. München: Bayerische Landeszentrale für politische Bildung, 2004.

REZENDE FILHO, Cyro. **Rommel**: a raposa do deserto. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noites de futebol**: o Brasil moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: Ed. UFGM, 2006.

STAATSKANZLEI SAARLAND. **Die Geschichte des Saarlandes**. 04 jan. 2022.

STOLPE, Daniel. **50 Jahre Bundesliga**: die Geschichte – die Legenden – die Bilder (1963-2013). Stuttgart: Verlag Pietsch, 2013.

TFOUNI, Elias Verdiani. Interdito e silêncio: análise de alguns enunciados. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. XVI, n. 1, p. 39-56, 2013.

WIEDERSCHNEIN, Harald. Nationalhymne: Darum bereitet das „Lied der Deutschen“ so vielen Probleme. **Focus**, 15 fev. 2017.

WÖRNER, Martin. Im anderen Deutschland. In: NEUKIRCHNER, Manuel (org.). **Mehr als ein Spiel**: Das Buch zum Deutschen Fußballmuseum. Dortmund: Deutsches Fußballmuseum, 2016, p. 182-87.

* * *

Recebido em: 11 fev. 2025.
Aprovado em: 11 jun. 2025.

Mulheres no futebol: análise dos comentários sobre o trio feminino de arbitragem na Copa do Brasil masculina

Women in football: an analysis of comments on the female referee trio in the men's Copa do Brasil

Tanise Zeppenfeld Arruda

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil
Mestranda em Ciência do Movimento e Reabilitação, UFSM
taniseza@gmail.com

Angelita Alice Jaeger

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, Brasil
Doutora em Ciências do Movimento Humano, UFRGS

RESUMO: O presente estudo analisa os comentários da postagem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Seleção Feminina de Futebol na rede social *Instagram*, a qual noticia o primeiro trio feminino a arbitrar na Copa do Brasil masculina. Com base na Análise de Conteúdo (Bardin), elencamos quatro categorias: incompetência, lugar da mulher, elogios e outros. Por fim, com aporte teórico nos estudos feministas (Butler) e conceitos como pós-verdade (Gudonis; Jones) e bolhas de filtragens (Zoglauer), concluímos que há resistências, preconceitos e opressões de gênero expressas nos comentários analisados, mas, também, existem incentivos às árbitras. Sendo assim, é preciso outros estudos para dar visibilidade às histórias das mulheres, desafiando raízes machistas da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Gênero; Redes sociais; Mulheres.

ABSTRACT: This study analyzes the comments on posts by the Brazilian Football Confederation (CBF) and the Women's National Football Team on Instagram, announcing the first all-female referee trio in the men's Copa do Brasil. Based on Content Analysis (Bardin), we identified four categories: incompetence, women's role, praise, and others. Finally, grounded in feminist studies (Butler) and concepts such as post-truth (Gudonis; Jones) and filter bubbles (Zoglauer), we concluded that the comments reflect gender-based resistance, prejudice, and oppression, but also incentives for the referees. Therefore, further studies are necessary to highlight women's stories, challenging the deeply rooted machismo in society.

KEYWORDS: Football; Gender; Social media; Women.

INTRODUÇÃO

A luta das mulheres por espaço no esporte ocorre há séculos. Entre as poucas menções encontradas sobre o tema em nossa historiografia futebolística, destacam-se a pioneira obra de 1950, *História do Futebol no Brasil*, escrita pelo jornalista Thomaz Mazzoni, na qual o tema principal é o desenvolvimento do futebol masculino. No entanto, o autor menciona o primeiro jogo no Pacaembu, disputado por São Paulo F. C. e América F. C. em 1940, e afirma que essa foi uma disputa única, sem interesse na continuidade do futebol feminino. Na década de 1990, o historiador José Sebastião Witter, em uma nota de rodapé de sua obra *Breve História do Futebol Brasileiro*, comenta sobre o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil, realizado entre equipes dos bairros da Cantareira e do Tremembé, em São Paulo, em 1913. Marcado por preconceitos e até por proibições legais, como veremos a seguir, somente a partir de 1981 surgiram as equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América, entre outros.¹

No Brasil, o anseio das mulheres por fazer parte do mundo esportivo encontrou barreiras legais, já que modalidades como lutas e futebol lhes foram proibidas durante décadas através do Decreto-Lei 3.199/1941,² reatualizado pelo Decreto-Lei 3.199/1965 e retificado pela Lei 6.251/1965 – deliberação que só foi revogada em 1979. Mesmo assim, em 1971 tivemos aqui a primeira árbitra do mundo com diploma reconhecido, embora tenha precisado insistir junto à Federação Brasileira de Futebol (FIFA) e ao então presidente da instituição, João Havelange. Além disso, ela passou por inúmeros testes físicos, pois muitos acreditavam que uma mulher não teria condições biológicas – e, consequentemente, físicas – para suportar o ritmo do jogo de futebol.

Essa mulher é Asaléa de Campos, mais conhecida como Léa Campos. Nascida em 1945 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Léa formou-se em Educação Física e Jornalismo pela Universidade de Brasília, o que a levou a trabalhar como jornalista

¹ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.

² Segundo o Decreto-Lei 3.199/1941, Art. 54º: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. O qual foi regulamentado pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) em 1965, o qual estabeleceu a Deliberação 7, item 2) “Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e baseball”. Essa Deliberação foi revogada em 1979.

em emissoras de rádios mineiras e como relações públicas do clube Cruzeiro. Iniciou sua carreira como árbitra ao fazer um curso na escola de árbitros no Departamento de Futebol Amador da Federação Mineira de Futebol (FMF) em 1967. Após apitar em diversos continentes e competições, afastou-se dos gramados aos 29 anos devido a um grave acidente de trânsito que sofreu. No entanto, sua paixão pela arbitragem a levou a outras modalidades, tais como, luta livre e boxe. Atualmente, reside nos Estados Unidos da América, ensina futebol para mulheres e é cronista esportiva.³

Mais de 50 anos depois da primeira brasileira pisar em campo para apitar um jogo de futebol, poderíamos pensar (quase ingenuamente) que os obstáculos para as mulheres exercerem essa função ficaram no passado. Infelizmente, não é o caso, e esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil. Para se ter uma ideia, somente em 2022, na Copa do Mundo do Catar, um trio de arbitragem feminino apitou pela primeira vez um jogo da competição masculina. Em nosso país, o primeiro trio de arbitragem formado por mulheres apitou uma partida da Copa do Brasil masculina em maio de 2024.⁴

Nessa profissão, as árbitras enfrentam diversas dificuldades no início da carreira, tais como: conciliar as demandas da vida social e familiar, já que, os jogos costumam ocorrer durante os fins de semana, o que pode afastá-las do convívio de pessoas próximas e; violências, as quais podem ser verbais e até físicas, provenientes frequentemente de homens.⁵ Mesmo enfrentando preconceito e tendo poucas oportunidades, elas tendem a sentir-se realizadas com a profissão e desejam que mais mulheres ocupem cargos ligados ao futebol.⁶ Além disso, comentários agressivos e degradantes nas redes sociais, que também configuram violência verbal, são recorrentes na vida dessas profissionais.

Com base nesse contexto, esse artigo busca analisar os comentários da postagem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Seleção Feminina de Fute-

³ SCHUMACHER; BRASIL. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Asaléa de Campos Fornero Medina (depoimento).

⁴ Conf.: <https://abrir.link/cvYQe>.

⁵ MONTEIRO; PIRES; NOVAIS; MOURÃO. Arbitragem em futebol como um projeto profissional de mulheres.

⁶ HARTMANN; OLIVEIRA; JAEGER. From the stands to the center of the court: the women in futsal refereeing in Brazil.

bol na rede social *Instagram*, que anunciaram o primeiro trio feminino a arbitrar na Copa do Brasil masculina. Para isso, será utilizada a Análise de Conteúdo,⁷ com embasamento teórico nos estudos feministas e conceitos como pós-verdade e bolhas de filtragens.⁸ Desse modo, tencionamos responder à seguinte pergunta de pesquisa: quais desdobramentos das relações de gênero que emergem dos comentários a respeito da postagem na rede social *Instagram*: “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina”?

PRINCIPAIS CONCEITOS

A noção de gênero difere do conceito de sexo biológico. Na realidade, ela desestabiliza a ideia de um determinismo biológico que associa homens necessariamente à masculinidade e mulheres à feminilidade com base em suas características corporais. O conceito de gênero entende que as posições que homens e mulheres assumem ao longo da vida são construídos socialmente e influenciam a maneira como os corpos são percebidos, treinados e disciplinados. Sendo assim, gênero é uma construção social, a qual molda comportamentos e expectativas sociais.⁹ Sendo que a performatividade de gênero é influenciada socialmente através de práticas repetidas, que não estão necessariamente atreladas ao sexo biológico.¹⁰ Ou seja, aprendemos a nos comportar (performar) a partir de exemplos e práticas sociais que nos incentivam a reproduzir e reiterar.

O movimento sufragista marcou o início da primeira onda do feminismo, que estava fortemente vinculada aos interesses de mulheres brancas e de classe média.¹¹ No entanto, mais de um século depois, o movimento feminista está na sua quarta onda, passou por inúmeras mudanças e rupturas que ampliaram seu escopo para incluir questões que atravessam o gênero, como classe social, raça e inclusão de pessoas com deficiência nas pautas e discussões. Assim, podemos afirmar que hoje não há um movimento feminista uniforme e único, mas sim um movimento multifacetado e plural.

⁷ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

⁸ ZOGLAUER. *Constructed truths: truth and knowledge in a post-truth world*. GUDONIS; JONES. “Who Controls the Past?”

⁹ GOELLNER. *Dicionário Crítico de Educação Física*.

¹⁰ BUTLER. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*.

¹¹ LOURO. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*.

Além disso, no que tange ao ciberespaço, as redes sociais têm sido ativamente utilizadas como ferramentas na luta contra a violência de gênero, assédio, misoginia e como espaços de promoção da interseccionalidade – conceito que considera as múltiplas formas de opressão que se cruzam, como raça, classe e orientação sexual.¹²

Dessa forma, as redes sociais estão profundamente conectadas aos espaços de lutas feministas. Todavia, também se configuram como ambientes onde violências de gênero acontecem repetidamente. A partir de uma análise de matérias jornalísticas do blog Dibradoras,¹³ que através de textos críticos expõem a realidade das profissionais do futebol, desconstróem a narrativa sobre mulher e futebol na mídia hegemônica. Em contrapartida, mulheres envolvidas com o futebol sofrem atos de intolerância, discriminação e até violência, independentemente do cargo que ocupam – sejam jornalistas esportivas ou narradoras¹⁴ ou atletas,¹⁵ sendo constantemente alvo de comentários preconceituosos.

Dessa maneira, o esporte, enquanto artefato social e cultural, pode representar tanto um espaço de liberdade para as mulheres quanto um local onde elas são alvo das mais variadas formas de violência. O esporte generifica corpos, foi (e muitas vezes, ainda é) concebido e pensado por homens e para homens, com base em conceitos puramente biológicos para regulamentar as políticas esportivas que objetivam a ordem de gênero.¹⁶ A própria historiografia esportiva, em sua maior parte, é constituída por narrativas masculinas sobre feitos masculinos. Dessa maneira “é preciso reescrever a história das mulheres no esporte situando-as como objeto central da pesquisa”.¹⁷ Embora hoje tenhamos maior acesso a histórias de mulheres esportistas, muitas foram distorcidas ou apagadas ao longo do tempo, já que não havia interesse em destacar conquistas femininas.

Por isso, torna-se fundamental compreender o gênero como categoria de análise – a qual interpreta as relações de gênero como fluidas, dinâmicas, multifacetadas,

¹² PEREZ; RICOLDI. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva.

¹³ SCHUSTER; SILVEIRA. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia: o drible do blog Dibradoras.

¹⁴ LIMA; FERNANDES. Interatividade e parâmetros tecnodiscursivos em práticas textuais impostas no contexto do futebol feminino. JACOBOWSKI. *A voz das mulheres: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação à narração feminina na Globo*.

¹⁵ SILVA JUNIOR; FREITAS; FÉLIX. Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino.

¹⁶ GOELLNER. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes.

¹⁷ DEVIDE. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos*, p. 82.

permitindo uma análise ampla das relações sociais.¹⁸ Nesse âmbito, além de compreender as relações entre homens e mulheres, é importante entender como as narrativas históricas do passado moldam e influenciam as histórias do presente. Tais relações são, em essência, são de poder e estruturam as relações sociais:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido.¹⁹

Nessa conjuntura, um/a árbitro/a ocupa uma posição de poder durante uma partida de futebol. Ao decidir marcar uma falta, aplicar um cartão amarelo ou expulsar um/a jogador/a – mesmo quando baseado em critérios válidos estabelecidos pelas regras oficiais – ele/a está determinando os rumos da partida. Quando essa autoridade é uma mulher em um jogo de futebol masculino, ela frequentemente é vista como uma transgressora que estaria ocupando um espaço que não lhe pertenceria. Assim, constroem-se narrativas para justificar sua suposta inadequação àquela posição de poder. Esses argumentos se manifestam tanto através de discursos machistas explícitos (“lugar de mulher é em casa, cuidando das tarefas domésticas”) quanto pelo questionamento sistemático de sua competência profissional.

Essas percepções sobre a presença feminina no futebol são frequentemente distorcidas e amplificadas nas redes sociais. O fenômeno da pós-verdade é fundamental para entender como se constroem e se propagam essas narrativas digitais. Basicamente, a pós-verdade consiste em ignorar fatos e tornar emoções verdades incontestáveis. Embora esse fenômeno não seja novo nem exclusivo das mídias digitais, ele encontra nas redes sociais um terreno particularmente fértil para sua disseminação. Nesses espaços, os usuários frequentemente expressam opiniões desvinculadas de evidências empíricas, tomando suas crenças como verdades absolutas e pautando-se por emoções.²⁰

Esse processo é intensificado pelas chamadas bolhas de filtros (ou filtragem), nas quais os usuários são sistematicamente expostos apenas a conteúdos que refor-

¹⁸ SCOTT. Gênero: uma categoria útil da análise histórica.

¹⁹ SCOTT. Gênero, p. 91-2.

²⁰ ZOGLAUER. *Constructed truths*. GUDONIS; JONES. “Who Controls the Past?”.

çam suas visões pré-existentes, sem contato com perspectivas. Essa perspectiva é alimentada por algoritmos que, embora fora do controle individual, criam ecossistemas de informação que reforçam continuamente as mesmas visões, limitando a exposição a pontos de vista diversos.²¹ Essas bolhas de filtro são formadas através de algoritmos que analisam as predileções de cada usuário e criam um universo digital formado pelo gostos e crenças de cada um, o que modifica as relações com as informações e ideias, tornando o contraditório não bem-vindo a esse mundo.²² No caso das árbitras de futebol, discursos misóginos podem ser amplificados e reforçados por meio de visões preconceituosas estimuladas por outras falas provindas de pensamentos semelhantes, além de ignorar todas as vozes dissonantes a tais narrativas.

CAMINHOS METODOLÓGICOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa descritiva, tendo como objeto de análise os comentários do *post* intitulado “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina” publicado de maneira compartilhada na rede social *Instagram* das contas oficiais da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Seleção Feminina de Futebol. A divulgação ocorreu no dia 22 de maio de 2024 e conta com o seguinte texto de legenda:

De forma inédita, uma equipe de arbitragem 100% feminina trabalhou em um jogo da Copa Betano do Brasil. Nesta quarta-feira (22), às 19h, Fluminense e Sampaio Corrêa disputaram a classificação para as oitavas de final do torneio, 11 árbitras atuaram e fizeram história.

O número de profissionais escaladas pela Comissão de Arbitragem da CBF é maior do que para a partida entre Internacional e Atlético-GO, pelo Brasileirão Betano, em que dez mulheres estiveram presentes.

Também foi a primeira vez que um time de arbitragem inteiramente feminino foi designado para um confronto válido pela Série A do Campeonato Brasileiro.²³

A divulgação é ilustrada pela imagem da árbitra da partida, Edina Alves Batista e, pela primeira assistente, Neuza Inês Back (Fig. 1). Ademais, a equipe de arbitragem foi formada por: a segunda assistente, Fabrini Bevilaqua Costa; a quarta

²¹ ZOGLAUER. *Constructed truths*.

²² PARISER. *The filter bubble*.

²³ Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e Seleção Feminina de Futebol. Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina. *Instagram*, 22 maio 2024.

árbitra, Andreza Helena de Siqueira; a assessora, Ana Karina Marques Valentin; a árbitra de vídeo, Charly Wendy Straub Deretti; e a árbitra de vídeo (VAR), Amanda Matias Masseur. Até o momento que essa análise foi realizada, a publicação tinha 1005 comentários, 38,8 mil *likes* e 811 envios. Todos foram capturados e tiveram a identidade do usuário omitida.



Fig. 1: Fotografia que ilustra o *post* “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina”. Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Para o exame dos dados será utilizada a Análise de Conteúdo²⁴ por oferecer uma abordagem já consolidada na pesquisa qualitativa e bem estruturada que permite uma análise aprofundada. Em uma primeira etapa realizamos uma leitura flutuante dos comentários, técnica que nos permitiu identificar alguns padrões de respostas ao *post*. A partir da exploração mais detalhada dos comentários e da codificação dos dados enquadrámos todos os comentários em quatro categorias: incompetência, lugar da mulher, elogios e outros. A seguir analisaremos cada uma das categorias estabelecidas.

ANÁLISE E DISCUSSÕES

Nessa seção apresentaremos e discutiremos cada uma das categorias citadas no parágrafo anterior.

²⁴ BARDIN. *Análise de conteúdo*.

Incompetência

Em nossas leituras, deparamo-nos com 289 comentários que colocavam em xeque a aptidão técnica da equipe de arbitragem, especialmente, a árbitra da partida, Edna. Esses usuários sugerem que a árbitra não tem condições técnicas para ocupar o cargo, ou seja, que não é competente na sua profissão. Como o recorte abaixo ilustra (Fig. 2):

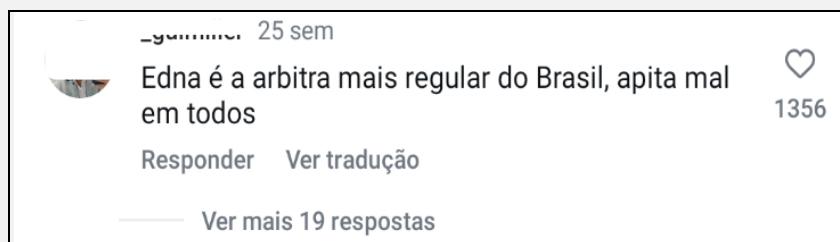


Fig. 2: Comentário com um tom de deboche que questiona a competência da árbitra.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

À primeira vista, notamos que o usuário recorre ao artifício do deboche para insinuar que a árbitra não é competente em seu ofício. Outro detalhe que chama a atenção é o grande número de curtidas, 1.358, o que sugere que são pessoas que concordam com o texto.

Quando as mulheres adentram um território dito masculino, é comum que enfrentem questionamentos sobre sua competência. Ao entrevistar treinadoras de futebol no Brasil, os autores²⁵ perceberam que as mulheres encaram constantemente a desconfiança em relação às suas capacidades e precisam, repetidamente, provar que são dignas do cargo que ocupam. As dúvidas e o ceticismo sobre a competência delas geralmente vêm dos homens, o que se torna uma barreira a mais para a consolidação de suas carreiras.

Não é de hoje que o esporte é representado como “um território onde os homens produzem e demonstram sua masculinidade”, sendo assim, é perceptível que, no senso comum, os treinadores devem ser homens. Essa realidade contribui para “produzir certos questionamentos acerca das competências das mulheres nessa posição”;²⁶ situação essa que é semelhante aos casos de árbitras de uma partida de futebol.

²⁵ FERREIRA; SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil.

²⁶ JAEGER; GOMES; SILVA; GOELLNER. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades, p. 255.

Os preconceitos em relação às mulheres no futebol são gerados “pela ideia de incompetência e fragilidade, as quais mais uma vez se fundamentam no discurso da diferença biológica entre os gêneros”.²⁷ O pensamento de que o homem é superior em muitos aspectos, especialmente, o físico, vem da noção de que, biologicamente, o ser humano masculino é superior ao feminino, independentemente do treinamento a que os corpos se submetam. Esse discurso biologicista encontrou apoio na opinião pública e foi, historicamente, utilizado para proibir as mulheres de praticarem esportes, mas também criou âncora no discurso sociocultural. Desse modo, “os aspectos socioculturais que fundamentam estas formas de preconceito são o mito do sexo frágil, e as ideias de incapacidade e incompetência atlética feminina”.²⁸ A seguir, outros comentários que reforçam a pouca confiança em relação à capacidade da árbitra (Fig. 3).



Fig. 3: Comentários que questionam a competência da árbitra principal ou demonstram desgosto por ela ter sido escalada. Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Para se tornar árbitro/a de futebol da CBF, é preciso passar por testes físicos e de conhecimentos sobre as regras do jogo e interpretação dos lances, bem como de obter experiência para ser credenciado/a pela instituição, além de passar por reciclagens periódicas.²⁹ Mesmo assim, colocações como “precisa é de árbitro com algum critério” e lamentações pelos nomes escalados para a equipe de arbi-

²⁷ TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática, p. 282.

²⁸ TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro, p. 282.

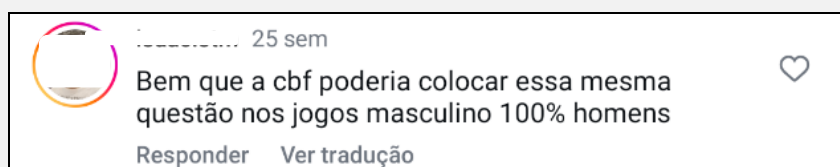
²⁹ Conf.: <https://abrir.link/Liqej>.

tragem, além das já citadas alegações da incompetência da árbitra aparecem em 289 comentários da postagem aqui estudada. Essas declarações corroboram a afirmação de que há “inúmeros discursos de interdição cerceando as mulheres que ousam adentrar territórios histórica e socialmente ocupados majoritariamente por homens como o futebol”.³⁰

Isso geralmente não acontece com homens, como por exemplo, no caso de treinadores de futebol. Muitos treinadores são ex-atletas que não passaram por formações que possam comprovar sua qualificação para ocupar tal cargo; no entanto, sua competência não é posta em descrédito, já que, por serem do sexo masculino, parece legítimo que sejam treinador.³¹ Sendo assim, o simples fato de serem mulheres causa uma resistência ao reconhecimento delas como profissionais qualificadas e isso parece também acontecer com as árbitras.

Lugar de mulher

Um número expressivo de comentários, 235, insinua que o futebol não é lugar de mulheres. Cabe destacar que, “princiado no Brasil no início do século XX, o futebol de mulheres foi tratado por décadas como algo “bizarro” e inferiorizado em relação à prática da modalidade por homens”.³² Dessa maneira, percebemos que, mesmo atualmente, a atuação de mulheres no futebol é, no máximo, tolerada – desde que elas não ‘invadam’ o território dominado pelos homens. Enquanto atuar no futebol feminino é socialmente aceito, a inserção no futebol masculino continua a ser vista como inaceitável. Podemos ver alguns exemplos abaixo (Fig. 4):



³⁰ NOVAIS; MOURÃO; SOARES. A dona da bola: questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol, p. 7.

³¹ NOVAIS; MOURÃO; SOARES. A dona da bola.

³² ACCOCELLA; SILVA; MARTINS; GALAT. Da proibição à ascensão: mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro, p. 3.

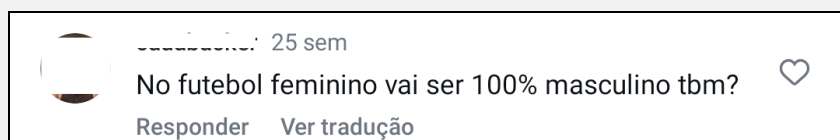


Fig. 4: Comentários que relativizam a presença feminina na arbitragem do futebol masculino.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Levando em consideração que “o futebol ainda é um espaço em que a participação das mulheres permanece restrita e elas são julgadas ou afastadas dele por motivos relacionados a valores e características da condição de ser mulher”,³³ muitos comentários reforçam a ideia de que o futebol masculino é ‘coisa de homem’, tratando a presença feminina como inadequada e como uma invasão a um território historicamente masculino. Seguem outros exemplos (Fig. 5):

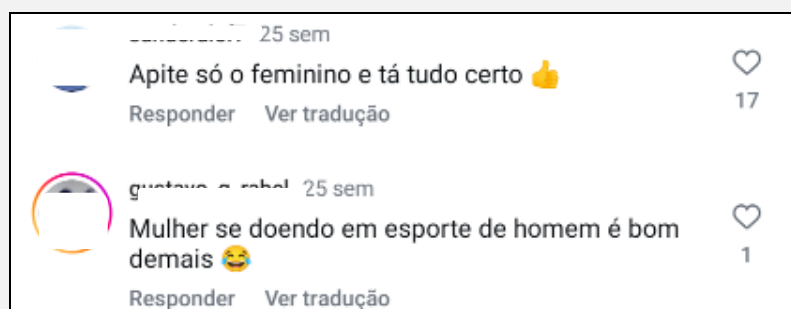
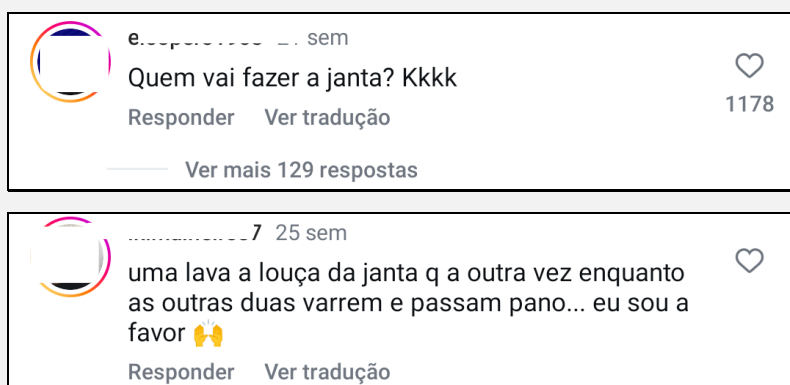
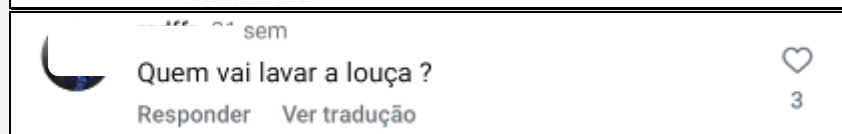


Fig. 5: Comentários que afirmam que as mulheres só deveriam arbitrar jogos femininos.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Além disso, há insinuações de que o ‘lugar delas é em casa’, associando-as exclusivamente aos afazeres domésticos. Esses discursos aparecem de forma recorrente, inclusive por meio de memes, como ilustrado na figura abaixo (Fig. 6):



³³ SCHUSTER; SILVEIRA. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia, p. 20.



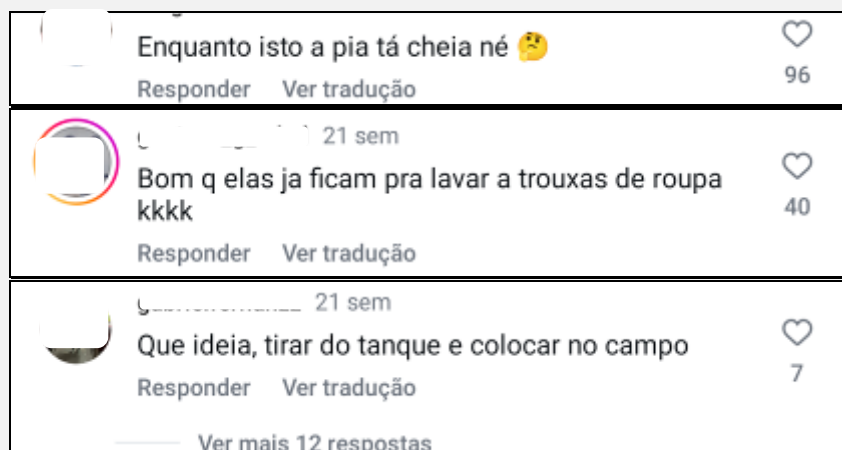


Fig. 6: Comentários que atribuem afazeres domésticos as mulheres.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Chama-nos a atenção o fato tentarem confinar as mulheres ao espaço doméstico, como se esse fosse seu lugar natural e inquestionável. Desde o da presença feminina no futebol, elas são vistas como invasoras de um espaço ‘que não lhes pertenceria’. Inicialmente, a resistência se justificava por uma suposta preocupação com seu bem-estar, e saúde – argumento que o machismo se apropriou, respaldado pela ciência da época.³⁴

Na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas “funções naturais” para invadirem o espaço dos homens. Não por acaso, o foco do debate centrava-se nos usos que as mulheres faziam de seu próprio corpo, daí derivando-se o tema da maternidade. Nos anos 30 e 40, a associação entre o autoritarismo político e as ideias da eugenia fazia do corpo uma questão de Estado e o colocava na ordem do dia.³⁵

Mesmo após mais de 70 anos, o legado dessas ideias ainda persiste em nossa sociedade. Afirmar que uma mulher deveria estar em casa realizando afazeres domésticos é reforçar a noção de seu ‘lugar natural’ seria o lar, enquanto sua presença em espaços ditos masculinos – como os esportes – seria anormal. Sendo assim, o futebol ainda é visto como ‘coisa de homem’. Nos comentários analisados, percebemos a tentativa de relegar “no seu devido lugar, banindo-as de dentro das

³⁴ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?.

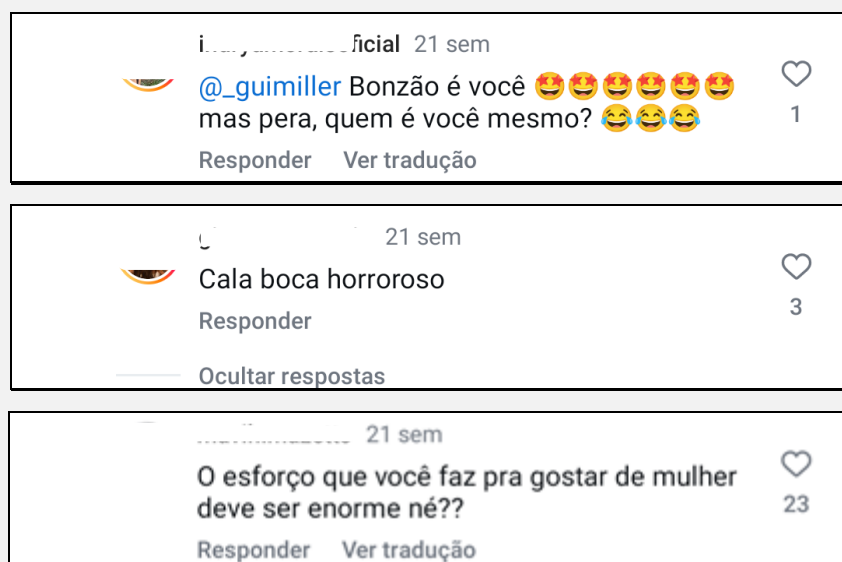
³⁵ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?, p. 321.

quatro linhas, espaço próprio ao homem”.³⁶ O aspecto mais preocupante é que, embora essa afirmação tenha sido feita em 1940, o discurso atual nas redes sociais – a nova praça pública – mostra-se similar em 2024.

Em uma análise sobre as produções científicas acerca do futebol e futsal femininos, os autores³⁷ constataam que o preconceito em relação a presença feminina nesses espaços permanece evidente, embora menos explícito do que durante a vigência do Decreto-Lei. Embora esse preconceito não seja mais evidente nos discursos médicos ou na mídia tradicional, ele continua a se manifestar nos comentários da internet, onde os usuários se sentem à vontade para expor suas opiniões sem considerar o impacto sobre os leitores.

Essas manifestações nos comentários funcionam como mecanismos de manutenção da exclusão feminina de espaços tradicionalmente masculinos, como o futebol. Tais crenças são reforçadas dentro das bolhas que se criam nas redes sociais, onde, “a verdade se torna uma crença de grupo. Aqueles que não compartilham dessa crença são excluídos do grupo”.³⁸ Esse entendimento da dinâmica das redes sociais explica o alto engajamento em comentários como o primeiro da figura 6 – “Quem vai fazer a janta? kkk” – que recebeu 1.178 curtidas e 129 respostas, a maioria concordando e reforçando o pensamento que liga mulheres a trabalhos domésticos.

Abaixo vemos algumas respostas aos comentários acima.



³⁶ FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”?, p. 324-5.

³⁷ ALMEIDA-SILVA; RIBEIRO. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços.

³⁸ ZOGLAUER. *Constructed truths*, p. XI. Tradução das autoras.

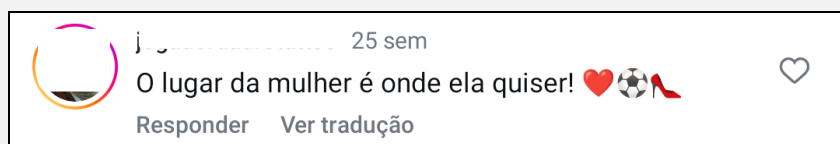


Fig. 7: Comentários que contrapõem os comentários machistas.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Diante disso, existe a tentativa de contrapor as colocações machistas apresentadas na figura 9 que, no entanto, demonstram pouco efeito prático, já que geram ainda mais comentários depreciativos e baixo engajamento positivo nas respostas que se opõe as ideias machistas.

Esses posicionamentos podem derivar de um comportamento de manutenção de normas sociais patriarcais que persistem mesmo em espaços digitais supostamente democráticos como as redes sociais. Esses espaços, por sua vez, são moldados pelas bolhas de filtragem nas redes sociais, nas quais os usuários tendem a interagir apenas com indivíduos de pensamentos semelhantes, criando grupos alinhados por convicções ideológicas que suprimem vozes críticas e reprimem opiniões dissidentes.³⁹ Ainda, “as plataformas de mídia social e as buscas na Web são uma criação dialética entre o usuário e a máquina”.⁴⁰ Nesse contexto, os comentários que excluem as mulheres ao mundo do futebol atuam como mecanismos de perpetuação dessas ideias. Desse modo, são reforçados preceitos machistas e preconceituosos, que reafirmam a noção de que as mulheres não deveriam ocupar espaços como o futebol masculino.

Elogios

Nessa categoria, identificamos 99 comentários que valorizam o trabalho da equipe de arbitragem, com destaque para a árbitra principal. Essas manifestações incluem mensagem de incentivo à participação feminina em todos os espaços sociais, particularmente no futebol. Destacamos que a maioria dos apoios vem de outras mulheres, mas não se limita a elas, registrando-se também a adesão de homens nesse grupo. Abaixo seguem alguns exemplos (Fig. 8):

³⁹ ZOGLAUER. *Constructed truths*.

⁴⁰ STEINHAUER. *History, disrupted: how social media and the world wide web have changed the past*, p. 12. Tradução das autoras.

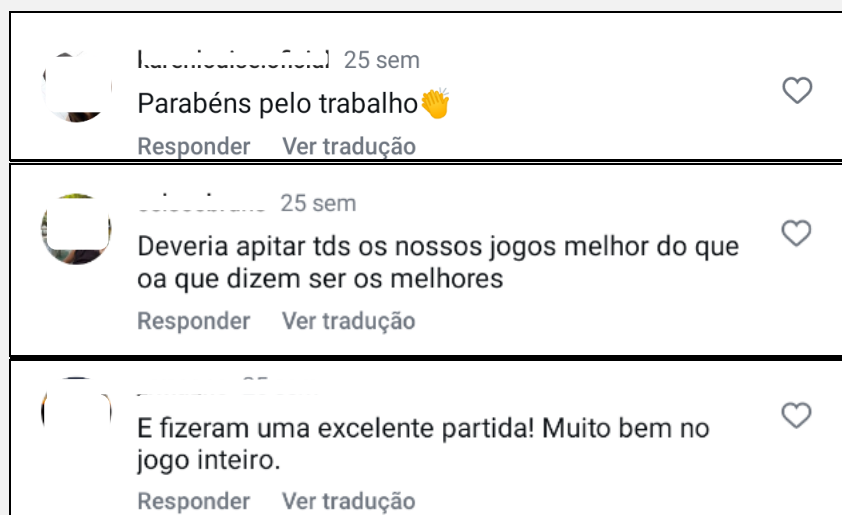
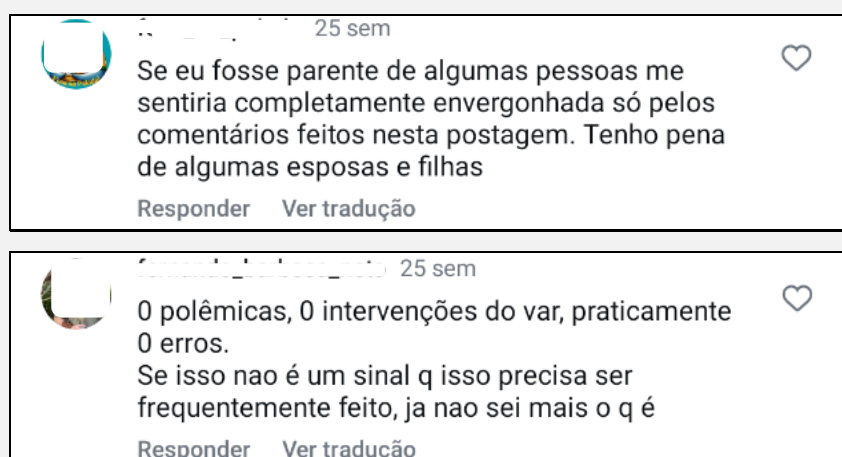


Fig. 8: Comentários que parabenizam e incentivam as árbitras.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Nos comentários analisados, podemos perceber apoio e incentivo às mulheres árbitras, evidenciando a existência de pessoas que acreditam no trabalho delas em contraste com as falas agressivas e depreciativas. Para enfrentar as violências que também acontecem nos campos de futebol, algumas árbitras participam de Grupos de Pertencimento da CBF, “espaços virtuais de afinidade usados para estudar regras, debater arbitragem e discutir notícias sobre mulheres no futebol. Esses grupos funcionavam como redes de apoio e sororidade, celebrando as conquistas das árbitras”.⁴¹ Desse modo, encontrar mensagem de elogios às suas performances também pode funcionar como uma rede de apoio. No total, registramos 99 comentários dessa natureza. Incluindo respostas às colocações que desmerecem a convocação da equipe de mulheres para a arbitragem (Fig. 9).



⁴¹ MONTEIRO; PIRES; NOVAIS; MOURÃO. Arbitragem em futebol como um projeto [...], p. 118.

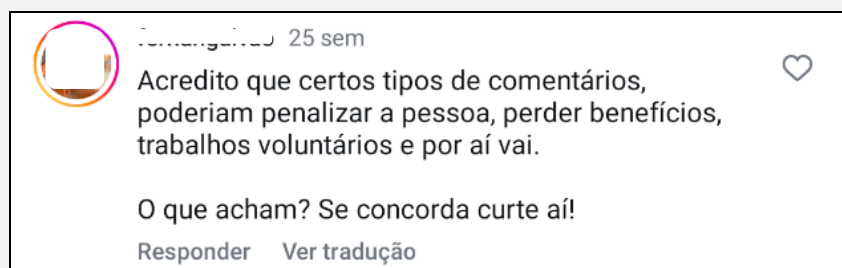


Fig. 9: Comentários que elogiam as árbitras e desaprovam as falas machistas.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

Na figura 9, além de registrar incentivos às árbitras e reconhecer o bom trabalho em campo, também se manifestam indignações diante de comentários como os da figura 6. Essas reações instigam compaixão por quem convive os autores de tais comentários, e/ou apontam que algumas falas são tão graves que poderiam configurar infrações legais.

A cultura da pós-verdade, em que fatos, opiniões e emoções são equiparados, impacta tanto o discurso histórico profissional quanto o popular, muitas vezes de maneira prejudicial, distorcendo a realidade e legitimando narrativas baseadas em crenças.⁴² Portanto, preservar e amplificar os registros positivos sobre árbitras pode ser uma estratégia para difundir comentários favoráveis à participação de mulheres no futebol masculino. Essa abordagem pode fomentar bolhas de filtros⁴³ e comunidades que promovem valores progressistas, ampliando o alcance dessas ideias.

Outros

Nessa categoria, elencamos 382 comentários que não podem ser classificados nas categorias anteriores. Nesse conjunto, encontramos uma diversidade de conteúdos, como: sexualização das árbitras, manifestação de desinteresse pelo assunto, críticas à Copa do Brasil e à CBF por incluírem árbitras mulheres e discussões irrelevantes em relação ao *post* original.

⁴² GUDONIS; JONES. "Who Controls the Past?".

⁴³ ZOGLAUER. *Constructed truths*.



Fig. 9: Comentários que menosprezam a presença das árbitras no futebol masculino.
Fonte: *Instagram* CBF e Seleção Feminina de Futebol.

No primeiro comentário da figura 9, o autor demonstra desinteresse pelo acontecimento, afirmando que “ninguém queria saber”. Nesse caso, parece haver um esforço para ignorar e até menosprezar a presença de mulheres na arbitragem dos jogos masculinos de futebol. É importante destacar que dar visibilidade a eventos com protagonismo feminino é fundamental para a normalização da ocupação desses espaços por mulheres. Portanto, classificar como irrelevante a histórica formação do trio de arbitragem constitui uma forma de machismo, que invisibiliza conquistas femininas.

Quanto aos comentários que criticam a CBF por incluir árbitras ou que a acusam de ser ‘militante’ e negligenciar suas obrigações, eles transmitem a ideia de que a inserção feminina no futebol representa uma ameaça a tradição do esporte. Essa perspectiva revela mais uma faceta do machismo intrínseco em nossa sociedade. Essa fala dialoga com a afirmação “como é bom ter privilégio”, como se a presença de mulheres nesse espaço fosse apenas uma concessão por serem mulheres ou uma estratégia de marketing, e não o resultado de seu trabalho e mérito. Ao

analisar comentários sobre a estreia de Renata Silveira como narradora, a autora⁴⁴ encontrou algo semelhante que sugeriam que a Rede Globo estaria perdendo audiência e caminhando para a falência por incluir uma mulher nessa função.

Por último, temos os comentários do tipo que sexualizam as árbitras. No exemplo da figura 9, um usuário faz uma observação vulgar “a da direita me apetece”, referindo-se a foto que mostra a árbitra da partida, Edina Alves Batista e a primeira assistente, Neuza Inês Back (Fig. 1). Podemos notar que essas mulheres são vistas como objetos para serem desejados e não como profissionais exercendo seus deveres. Vale ressaltar que, nessa publicação, houve apenas dois comentários dessa natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões de gênero, assim como a democracia, exigem uma luta constante por parte da sociedade, uma vez que nenhuma delas é consolidada de forma definitiva – é preciso um enfrentamento constante para manter os direitos adquiridos. A *internet* desempenha um papel ambivalente nesse contexto, pois pode ser usada tanto para causas progressistas, difundindo informações a pessoas com menor acesso a elas e ampliando a compreensão da sociedade, quanto para distorcer fatos, criar bolhas de informação que fazem com que as pessoas aceitem mentiras como verdades absolutas, comprometendo sua compreensão do mundo.

É importante ressaltar que “a *Internet* é uma fonte de informação que nos dá acesso ao mundo, mas não representa simplesmente o mundo”.⁴⁵ Em especial, nas redes sociais, onde se encontram realidades distorcidas e representações conflitantes e manipuláveis. É preciso discernimento para julgar o que é falácia e o que é fato, no entanto, não parece existir a preocupação em instruir para o bom uso das mídias, principalmente por parte das grandes empresas responsáveis pelas redes sociais. Nesse contexto, verificamos uma diversidade de respostas ao *post* “Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina” na rede social *Instagram*. No total,

⁴⁴ JACOBOSKI. *A voz das mulheres*.

⁴⁵ ZOGLAUER. *Constructed truths*, p. 1. Tradução das autoras.

foram 1.005 comentários, que revelam diferentes opiniões e emoções que movem as pessoas a se expressarem sobre a participação feminina no futebol masculino.

Para análise, organizamos os comentários em quatro categorias: *incompetência, lugar da mulher, elogios e outros*. Na categoria “Incompetência”, identificamos 289 comentários que questionam a capacidade profissional das árbitras, especialmente da árbitra principal. Essa desconfiança em relação a competência feminina também foi observada em outros estudos sobre mulheres no futebol.⁴⁶

Na categoria “Lugar de mulher” identificamos 235 comentários que afirmam que o futebol não seria lugar para mulheres. No máximo, as mulheres são toleradas se ficarem restritas ao futebol feminino, reservando-se o futebol masculino aos homens. Além disso, há comentários que associam as mulheres aos afazeres doméstico, sugerindo que elas deveriam estar em casa para “cumprir com o papel que as cabe”. Essa visão encontra eco na história do futebol como um lugar que, desde seu início, foi designado para homens e ainda mantém essa reserva, a qual é alimentada por preconceitos expressos e reiterados por outros usuários nas redes sociais.⁴⁷ Mesmo assim, também identificamos respostas que expressam indignação com a forma machista e misógina de alguns comentários, porém esses não obtiveram tanto engajamento.

Por sua vez, na categoria “Elogios”, 99 comentários apreciam e apoiam o trabalho das árbitras, mormente, da árbitra do jogo. Notadamente, a maioria vem de usuárias mulheres. Entendemos que esses comentários podem servir como uma contraposição às respostas negativas, preconceituosas e, por vezes, agressivas. Visto que, é importante que elas se sintam acolhidas e valorizadas.⁴⁸

Enfim, na categoria “Outros” encontramos 382 comentários que apresentam uma variedade de colocações, como: sexualização das árbitras, desinteresse pelo assunto, afirmações de que a Copa do Brasil e a CBF estão ruins por escalarem árbitras mulheres e discussões alheias ao conteúdo do *post*. Resultado semelhante a

⁴⁶ FERREIRA; SALLES; MOURÃO. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. JAEGER; GOMES; SILVA; GOELLNER. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal. NOVAIS; MOURÃO; SOARES. A dona da bola. TEIXEIRA; CAMINHA. Preconceito no futebol feminino brasileiro.

⁴⁷ ACCOCELLA; SILVA; MARTINS; GALAT. Da proibição à ascensão. ALMEIDA-SILVA; RIBEIRO. Futebol e futsal de mulheres. FRANZINI. Futebol é “coisa para macho”? SCHUSTER; SILVEIRA. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia.

⁴⁸ MONTEIRO; PIRES; NOVAIS; MOURÃO. Arbitragem em futebol como um projeto [...].

análise de comentários no *Twitter* (atualmente X) sobre a primeira participação da narradora Renata Silveira na Rede Globo.⁴⁹

Concluimos que, ao adentrarem em espaços tradicionalmente masculinos como o futebol, as mulheres ainda enfrentam resistências diversas, acompanhadas de preconceitos e dúvidas sobre suas capacidades profissionais. Nessa conjuntura, as redes sociais são um campo fértil de opressões de gênero, regadas por emoções e crenças que moldam a realidade percebida em relação ao trabalho das arbitras. No entanto, há também incentivos e elogios a essas profissionais. Ressaltamos a necessidade de dar maior visibilidade para as histórias femininas no esporte, para que mais pessoas tenham a possibilidade de compreender que as mulheres são parte do mundo esportivo e têm o direito de participarem dele em todas as esferas. Por fim, destacamos as limitações desse estudo que foi baseado em apenas uma publicação e, também, a necessidade de outros estudos a respeito do tema.

* * *

REFERÊNCIAS

ACCOCELLA, Luã Rebollo; SILVA, Luis Felipe Nogueira; MARTINS, Mariana Zuaneti; GALAT, Larissa Rafaela. Da proibição à ascensão: mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023.

ALMEIDA-SILVA, Gustavo Henrique de; RIBEIRO, Victor Barbosa. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 20, 2022.

BARDIN, Laurenece. **Análise de conteúdo**. Trad.: Luis Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Trad.: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF); SELEÇÃO FEMININA DE FUTEBOL. Copa Betano do Brasil tem inédita arbitragem 100% feminina. **Instagram**, 22 maio 2024. Disponível em: <https://abrir.link/cvYQe>.

⁴⁹ JACOBOWSKI. *A voz das mulheres*.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo do Carmo; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 26, n. 1, p. 21-9, 2015.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-28, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 207-09.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 29-38, 2016.

GUDONIS, Marius; JONES, Benjamin T. “Who controls the past?”. In: GUDONIS, Marius; JONES, Benjamin T. (eds.) **History in a Post-Truth World**: Theory and Praxis. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2021.

HARTMANN, Andressa; OLIVEIRA, Myllena Camargo; JAEGER, Angelita Alice. From the stands to the center of the court: the women in futsal refereeing in Brazil. In: **Women’s Football in Latin America**, Springer, 2022, p. 221-37.

JACOBOWSKI, Bruna dos Passos. **A voz das mulheres**: uma análise da percepção dos torcedores de futebol no Twitter em relação à narração feminina na Globo. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2022.

JAEGER, Angelita Alice; GOMES, Paula Botelho; SILVA, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. Trajetórias de mulheres no esporte em Portugal: assimetrias, resistências e possibilidades. **Revista Movimento**, v. 16, n. 1, p. 245-67, 2010.

LIMA, Isabel Muniz; FERNANDES, Jéssica Oliveira. Interatividade e parâmetros tecnodiscursivos em práticas textuais impolidas no contexto do futebol feminino. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 37, p. 249-67, 2023.

LOURO, Guacira. Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEDINA, Asaléa. Asaléa de Campos Fornero Medina (depoimento). Igor Chagas Monteiro. **Projeto Garimpando Memórias**, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler; NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila. Arbitragem em futebol como um projeto profissional de mulheres. **Peer Review**, v. 5, n. 9, 2023.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila Nunes; SOARES, João Paulo Fernandes. A dona da bola: questões de gênero na trajetória de uma treinadora de futebol. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 11 & 13th Women’s Worlds Congress, Florianópolis. Anais eletrônicos... Florianópolis, 2017.

PARISER, Eli. **The filter bubble**. New York: Penguin Press, 2009.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. **X Congresso Latino-americano de Ciência Política** (ALACIP), 31 jul., 1, 2 e 3 ago. 2019.

SCHUMAHER, Schuma; BRASIL, Erico Vital. **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade – biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SCHUSTER, Patrícia Regina; SILVEIRA, Fernanda Nunes da. A desconstrução da narrativa sobre mulher e futebol na mídia: o drible do blog Dibradoras. **Mo-vento Ideias**, v. 25, n. 1, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil da análise histórica. Trad.: Guacira L. Louro. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SILVA JUNIOR, Oliveira da Silva; FREITAS, Mayanne Júlia Tomaz; FÉLIX, Jeane. Corpo e tecnologias digitais: implicações de gênero no futebol feminino. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 276-94, 2019.

STEINHAUER, Jason. **History, disrupted**: how social media and the world wide web have changed the past. Cham, Suíça: Palgrave MacMillan/ Springer, 2022.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-87, 2013.

ZOGLAUER, Thomas. **Constructed truths**: truth and knowledge in a post-truth world. Wiesbaden, Alemanha: Springer Nature, 2023.

* * *

Recebido em: 09 dez. 2024.

Aprovado em: 31 jul. 2025.

O infotenimento esportivo digital e sua relação com o capitalismo contemporâneo

Digital sports infotainment and its relationship
with contemporary capitalism

Juliana Cristina da Silva

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Mestranda em Comunicação e Territorialidades, UFES
jucristinajorn@gmail.com

Guillermo Néstor Mastrini

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, Brasil
Doutor em Ciências da Informação, Universidade Complutense de Madri

RESUMO: Este ensaio tem como objetivo analisar o jornalismo esportivo digital produzido pela mídia comercial brasileira, especificamente o infotenimento – junção da informação com o entretenimento – com destaque para a potencial deturpação de critérios da produção jornalística, como o de valor-notícia, com base no conceito de Indústria Cultural e os estudos da Economia Política da Comunicação. O trabalho estuda as relações entre o jornalismo e o esporte, enquanto negócios lucrativos, e aborda como o capitalismo contemporâneo e as novas tecnologias de comunicação influenciam na escolha e proliferação do infotenimento esportivo digital. Por fim, busca-se discutir o contexto de trabalho dos jornalistas digitais e como as mídias alternativas estão presentes no esporte. Os exemplos de infotenimento são ilustrados a partir do objeto de pesquisa ge.globo.

PALAVRAS-CHAVE: Infotenimento; Jornalismo esportivo; Jornalismo digital; Capitalismo contemporâneo; Indústria cultural.

ABSTRACT: This essay aims to analyze digital sports journalism produced by the Brazilian commercial media, specifically infotainment – the combination of information and entertainment – with emphasis on the potential distortion of journalistic production criteria, such as news value, based on the concept of the Culture Industry and studies in the Political Economy of Communication. The study examines the relationship between journalism and sport as profitable businesses, and addresses how contemporary capitalism and new communication technologies influence the selection and proliferation of digital sports infotainment. Finally, it seeks to discuss the working context of digital journalists and the presence of alternative media in sports. Examples of infotainment are illustrated using the research object ge.globo.

KEYWORDS: Infotainment; Sports journalism; Digital journalism; Contemporary capitalism; Cultural industry.

INTRODUÇÃO

As novas tecnologias de informação e comunicação mudaram a forma e velocidade do jornalismo, incluindo a editoria esportiva. No Brasil, especificamente ao tratar sobre infotainment esportivo, o formato não é uma novidade trazida pelo jornalismo digital ou mídias sociais. Nas clássicas mesas redondas da televisão ou no tradicional Globo Esporte, da TV Globo, já era possível identificar características padrões do infotainment. A representação do esporte como um todo é construída pela mídia brasileira de forma espetacularizada, e seguindo conceitos de Guy Debord¹ e também da Indústria Cultural, este direcionamento é feito sobretudo para as massas.²

A Indústria Cultural é um conceito primeiramente trazido por Adorno e Horkheimer ainda na primeira metade do século XX. O termo remete à fabricação seriada de produtos culturais, com objetivo de manutenção do sistema capitalista. Engloba o cinema, a música e a comunicação, entre outras áreas. Segundo os autores, a partir desse formato, a cultura é transformada em mercadoria e o consumidor tem uma falsa sensação de escolha.

A relativização acerca da conceituação de Adorno e Horkheimer se faz necessária em relação à passividade do espectador e impossibilidade de saída. Para este artigo, acredita-se sim, em tentativa de controle social e manutenção do sistema, mas ainda com possibilidade de ação crítica do consumidor.

Este trabalho é um ensaio que tem como objetivo analisar a combinação de informação e entretenimento no jornalismo esportivo digital da mídia comercial brasileira. Estudará a relação entre este tipo de linguagem e o capitalismo contemporâneo, sob a ótica das Indústrias Culturais – conceito amplificado pela Economia Política da Comunicação, com agregação das novas tecnologias de informação e comunicação.³

¹ O conceito de sociedade do espetáculo foi criado pelo filósofo francês Guy Debord, em que afirma que a realidade é mediada por imagens e representações, com a transformação da vida cotidiana em um espetáculo contínuo, com crítica direcionada à mídia.

² Leitura de Adorno e Horkheimer sobre a cultura das massas. A Indústria Cultural tem como público-alvo as massas, que recebem produtos culturais homogêneos, com consequente padronização de consumo e preferências.

³ MIEGE. As indústrias culturais e mediáticas: uma abordagem sócio-econômica.

Para além da pesquisa bibliográfica, serão apresentados exemplos do ge.globo, a fim de ilustrar os conceitos teóricos debatidos. As coletas foram realizadas em março de 2025.

Este site foi o escolhido, pois, além da audiência estabelecida, faz parte de um conglomerado atuante em multiplataformas, o Grupo Globo. Ele é o veículo mais acessado no Brasil sobre esportes, segundo a análise do software *semrush* e dados divulgados pelo próprio portal. Criado em 2005, tem a liderança de audiência no País desde 2007. Tem como última atualização o número de 35 milhões de usuários por mês, em 2022.⁴

O estudo de Figueiredo Sobrinho e Santos corrobora a relevância do objeto no aspecto de infotenimento. Os autores verificaram a predominância do entretenimento nas coberturas esportivas do Grupo Globo, com o jornalismo em segundo plano.⁵

A importância deste trabalho se dá sobretudo pela quantidade de pessoas consumidoras de esportes, o que torna o assunto relevante midiaticamente. O estudo Faces do Esporte, da MindMiners,⁶ divulgado em dezembro de 2024, afirma que 67% dos brasileiros consomem esporte, e este ocorre por meio da televisão e/ou pelas plataformas digitais (97%). Há grande influência sobretudo das mídias sociais, que representam 48% do consumo de esporte, especialmente na geração Z,⁷ em que o número chega a 56%.

Outro fator relevante é a falta de referências bibliográficas que tratem sobre o infotenimento, em especial o esportivo, na perspectiva crítica. Este recorte reúne duas áreas em que há relativização da importância nos estudos científicos: o entretenimento e o esporte. Ainda nos anos 1990, Elias e Dunning já apontavam essa problemática acerca das pesquisas sociológicas: “o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor económico”.⁸ Mais recentemente, em 2023, Santos

⁴ GE.GLOBO. Sobre o ge. Disponível em: <https://abrir.link/aZhzO>. Acesso em: 8 set. 2025.

⁵ FIGUEIREDO SOBRINHO; SANTOS. Do jornalismo esportivo ao infotretenimento: o caso do contrato entre Neymar Jr. e Globo como paradigma.

⁶ MindMiners é uma empresa de tecnologia brasileira voltada para pesquisas e análise de dados para empresas. Em dezembro de 2024 ela fez um levantamento sobre hábitos e consumos esportivos dos brasileiros.

⁷ A pesquisa considerou como geração Z de 18 a 27 anos.

⁸ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*, p. 17.

e Santos⁹ constataram novamente a escassa produção científica nesta temática, com base na Economia Política da Comunicação.

BREVE HISTÓRIA DO ESPORTE E A MÍDIA

Souza e Zanolla¹⁰ lembram que no início da popularização do esporte, ele servia para representar a nação, mas também era uma forma de demarcação social, ou seja, era elitizado, com apenas classes privilegiadas na prática esportiva.

No entanto, o futebol se popularizou entre a classe trabalhadora operária no século XIX na Inglaterra, o que contrariava os interesses da burguesia. Assim, um caminho utilizado para a apropriação novamente pelo capital foi a normatização. De acordo com Santos, as justificativas eram acerca de uma desigualdade nos esportes, em que a falta de regras fazia com que inclusive se chegasse à violência.¹¹

O problema não estaria na normatização em si, mas em quem está nesse comando, já que “por mais que a habilidade e a técnica estejam com os jogadores, o ordenamento da lei e a organização institucional e corporativa convergem numa grande entidade paraestatal, que no caso do futebol vem a ser a FIFA”.¹²

Dessa forma, o que aparentemente poderia ser um campo acessível para os trabalhadores, se volta novamente ao capital, com posterior produção e circulação de notícias, transmissões de jogos, a escolha do que é transmitido, valorizado ou noticiado sendo definidos entre imprensa e clubes profissionais regulamentados.

Com a profissionalização dos esportes e dos atletas e clubes que disputam campeonatos valendo dinheiro, ingressos pagos, produtos personalizados para torcedores, a união entre federações e mídia, se forma um novo mercado que passa a movimentar a economia mundial, seja de atletas, treinadores, comissões técnicas e também de jornalismo e mídia. Este desenvolvimento ocorreu durante o século XX.

Nas palavras de Gastaldo,

⁹ SANTOS; SANTOS. Apresentação do dossiê “Economia Política do esporte-espetáculo: mercantilização e resistência frente à contradição economia-cultura”, p. 8.

¹⁰ SOUZA; ZANOLLA. Futebol-mercadoria: da origem moderna à absorção pela indústria cultural.

¹¹ SANTOS. Os três pontos de entrada da economia política no futebol.

¹² SANTOS. Os três pontos de entrada da economia política no futebol.

Mais do que fenômenos paralelos, esporte e mídia constituíram-se mutuamente. A característica "espetacular" (isto é, "para ser vista") inerente às competições esportivas e seu poder de mobilização coletiva (pela metonímia que coloca nações ou bairros dentro de campos, pistas ou ringues) articulam-se perfeitamente com o surgimento de jornais impressos em rotativas, destinados a grande número de leitores, em pleno processo de expansão urbana na virada do século.¹³

Moraes também associa o esporte à mídia, principalmente o futebol, e pontua sobre como todo esse processo de mercantilização do esporte contrastou com o significado do futebol como expressão da identidade de um país:

O cálculo da cultura mercantilizada converte o esporte em uma das mais lucrativas indústrias capitalistas. As difusões midiáticas constituem a pedra de toque para a mundialização dos eventos. Os planos de comercialização levam em conta direitos de transmissão, patrocínios, sorteios, promoções, merchandising de marcas. [...] No caso do futebol, a lógica transnacional dos negócios alterou o tipo de relação tradicionalmente estabelecido entre clubes e seleções e os imaginários culturais dos diferentes países. A internacionalização das competições – envolvendo clubes com patrocínios e elencos caríssimos, com jogadores recrutados em todo o mundo – entrou em conflito com o futebol como expressão de identidade nacional.¹⁴

Cria-se então o "torcedor-consumidor", como mencionado por Souza e Zanolla:

Sob as malhas da indústria cultural, o futebol espetáculo não é planejado e elaborado para atender aos anseios dos consumidores apenas, embora ela ajuste os desejos dos torcedores ao espetáculo esportivo, mas sim para vender os produtos relacionados ao futebol para fins lucrativos – especialmente por meio do consumo virtual de pacotes de jogos, publicidade e marketing. O que está em causa nessa dinâmica não é o esporte em si, mas o quanto de mercadoria ele se torna e, ao mesmo tempo, vende ao torcedor-consumidor – que por sua vez desenvolve o gosto e anseia por aqueles produtos.¹⁵

Ao tratar especificamente sobre o jornalismo esportivo digital, ele é influenciado pela publicidade, como em qualquer outra editoria, devido à mídia comercial ter como principal mantenedor os seus patrocinadores. Há uma cobrança relevante por venda de espaços publicitários – afinal é o que mantém um *site* no ar, como em qualquer outro veículo –, e assim, uma pressão por conquistar audiência. No digital, isso se dá pelo clique, tempo de permanência na matéria, ida para outras publicações

¹³ GASTALDO. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas, p. 41.

¹⁴ MORAES. *Mídia, poder e contrapoder*, p. 39-40.

¹⁵ SOUZA; ZANOLLA. Futebol-mercadoria.

por meio de *hyperlink*, compartilhamento em mídias sociais. Ainda é importante apontar que as próprias ferramentas de medição de audiência são mais eficazes, com dados em tempo real.¹⁶

Com a velocidade da contemporaneidade, conquistar essa audiência se torna mais difícil do que em um ambiente mais tradicional, em que a televisão poderia ficar ligada o dia todo em um mesmo canal, sem grandes possibilidades. Todavia, uma diferenciação deste público esportivo é que o consumidor de jornalismo esportivo digital é, antes de tudo, um consumidor do espetáculo esportivo, mesmo que tenha acompanhado desde veículos anteriores às mídias digitais. Pelo teor do conteúdo é mais permissível que o esporte seja espetacularizado e diversional, afinal é o que se é conhecido desde o início.

Como apontam Adorno e Horkheimer,

Todavia, a indústria cultural permanece a indústria da diversão. Seu controle sobre os consumidores é mediado pela diversão, e não é por um mero decreto que esta acaba por se destruir, mas pela hostilidade inerente ao princípio da diversão por tudo aquilo que seja mais do que ela própria.¹⁷

Mas é preciso destacar que as escolhas por conteúdos espetacularizados e emocionais, e possivelmente até com características bobas, não são por falta de competência dos profissionais envolvidos nesse trabalho. Há uma manutenção das relações no capitalismo que vai para além da mera conquista de audiência para fornecimento de público para as marcas anunciantes, mas também de mudança em critérios jornalísticos como valor-notícia, que podem estar sendo deturpados quando se tem uma escolha por uma matéria sem teor jornalístico ou que prefere enfatizar um viés de entretenimento em vez do que seria mais relevante naquela pauta. Neste sentido, Santos, Borges e Figueiredo Sobrinho ressaltam:

há uma relação de reciprocidade simbólica e econômica entre mídia e esporte, com o campo midiático se sobrepondo em alguns momentos ao campo esportivo, prevalecendo os interesses comerciais e de linguagem das plataformas de comunicação.¹⁸

¹⁶ FIGUEIREDO SOBRINHO; SANTOS. Do jornalismo esportivo ao infotretenimento.

¹⁷ ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, p. 111.

¹⁸ SANTOS; BORGES; FIGUEIREDO SOBRINHO. Quando um treinador substitui o nome do clube: uma análise do “Time de Ceni” como exemplo da lógica do clickbait na cobertura esportiva do Brasil, p. 124.

Traquina torna-se importante para a explicação de critérios de noticiabilidade, em que define valores-notícia de seleção e de construção. O valor-notícia de seleção se dá pela transformação de um fato ou acontecimento de matéria-prima a notícia. O autor elenca valores-notícia de seleção, como a notoriedade de um ator social, a proximidade daquele acontecimento. Já os de construção são “critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia”,¹⁹ ou seja, é um trabalho posterior ao valor-notícia de seleção. Traquina menciona a dramatização como valor-notícia de construção, que é o reforço dos aspectos mais críticos, do lado emocional, a natureza conflitual, o que é adequado ao estudo do jornalismo de infotenimento analisado nesta pesquisa. Há uma escolha por tais características como valor-notícia.

Na lógica do cotidiano contemporâneo da produção em mídias digitais, Moretzsohn e Schneider afirmam que “o surgimento da internet e de suas mídias e redes sociais digitais não rompeu com a lógica da indústria cultural”.²⁰ Aplicado ao jornalismo esportivo digital, é possível notar que a mídia comercial continua no controle das narrativas esportivas, apenas se mudou o meio e a forma, porém a lógica comercial do jornalismo e do esporte continua, e por isso neste trabalho se faz uso de autores da Economia Política da Comunicação, que revisitam conceitos como o de Indústria Cultural, e o aplicam na realidade contemporânea das mídias sociais, jornalismo digital, e de forma mais ampla, das novas tecnologias de informação e comunicação.

[...] essas tecnologias foram desenvolvidas e são controladas pelo colossal complexo de ITCs que se formou nesse processo e se estrutura como o grande porta-voz do capitalismo financeiro globalizado, embora apareça incorporado à vida cotidiana como se fosse um simples e inofensivo conjunto de instrumentos para aproximar as pessoas, diverti-las e torná-las mais felizes.²¹

As empresas proprietárias de mídias digitais, assim como o jornalismo tradicional, também têm interesses econômico-políticos. No caso dos conglomerados de mídia presentes na *Internet*, isso não é diferente, e assim há diversos interesses comerciais em pauta – com mais um ator neste caso: a própria plataforma de mídias sociais.

¹⁹ TRAQUINA. *Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são*, p. 70.

²⁰ MORETZSOHN; SCHNEIDER. Sobre flores, grilhões, consciência e afetos: a disputa pela captura do gosto para desmontar as engrenagens de produção social da ignorância, p. 110.

²¹ MORETZSOHN; SCHNEIDER. Sobre flores, grilhões, consciência e afetos, p. 110.

Com quase metade da população brasileira consumindo esportes por mídias sociais (48%),²² este ambiente se torna uma importante articulação entre o sistema capitalista, a comunicação e o esporte enquanto negócio.

CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO, COMUNICAÇÃO E ESPORTE

Tanto os setores da comunicação quanto o do esporte se tornaram, sobretudo na contemporaneidade, negócios lucrativos. Logo, não seria exagero afirmar que na união de ambos há uma influência significativa do sistema capitalista vigente.

Cabe ressaltar que o modelo não se limita ao desenvolvido durante o século XX. Há alguns marcadores mais recentes de elitização, como a construção de arenas de futebol no Brasil para grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014. O local do evento esportivo passa a ser mais caro e com menos capacidade de público, fazendo com que estas pessoas se voltem ao consumo midiático de esporte. Outro exemplo é a aprovação das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) em 2021.

A proliferação das novas tecnologias de informação e comunicação junto com a alta valorização do mercado esportivo acentuaram a importância dos meios de comunicação que veiculam notícias e fazem transmissões esportivas, e colocam ainda mais o capital como fundamental no esporte, especialmente no futebol, principal esporte no Brasil.

A premissa, para tanto, é a de que, cada vez mais, a comunicação não apenas se torna parte, mas consiste em um setor fundamental das estruturas de poder no capitalismo, incidindo nos aspectos subjetivo e material, os quais estão profundamente relacionados.²³

Assim, não é possível ignorar o papel da comunicação, e no caso analisado por este ensaio, a comunicação esportiva. Baseado em Debord,²⁴ que afirma que “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”, Dantas e Leo posicionam o “futebol em particular e os

²² Dados do estudo Faces do Esporte, da MindMiners.

²³ MARTINS. *Comunicações em tempos de crise: economia e política*, p. 187.

²⁴ DEBORD. *A sociedade do espetáculo*.

esportes em geral como o espetáculo imagético por excelência”.²⁵ Os autores dão como exemplo a Copa do Mundo:

É que o futebol, cujo momento apoteótico ainda é a Copa do Mundo de seleções, não somente cultiva o consumo as identidades consumistas de multidões, como alimenta toda uma cadeia produtiva necessária para a realização dos jogos. Os meros 90 e pouco minutos de uma partida, demandam produtos fabricados e fornecidos por indústrias que vão desde a têxtil à eletroeletrônica, passando pelas que atendem às demandas dos serviços de transporte e turismo, financeiros, mediáticos etc. Ou seja, esse tempo “ideal”, como poderia dizer Marx, movimenta boa parte da economia capitalista. Só que o consumidor final de todos esses materiais físico-químicos na forma de mercadorias não consome imediatamente esses produtos, mas, sim, os consome mediados semioticamente por suas imagens comportamentais.²⁶

Voltamos então ao conceito de torcedor-consumidor, que como retratado pelos autores, não diz respeito apenas à venda de produtos, mas sobretudo de uma ideia, um estilo de vida, além de comportamentos, gostos e emoções – despertados e influenciados pela mídia comercial. Potencializado pelos algoritmos das mídias sociais digitais e também da personalização em *sites*, por meio de login ou simplesmente histórico de acesso, os conglomerados esportivos conseguem direcionar suas tentativas de venda de forma muito mais precisa, por meio de um mapeamento dos gostos, como apontado por Moretzsohn e Schneider:

A capilaridade seletiva dos fluxos informacionais contemporâneos tecnologicamente mediados, viabilizada pela vigilância digital, permite ao mesmo tempo um mapeamento dos gostos e uma ação mais customizada sobre eles do que os tradicionalmente produzidos por pesquisas de consumo e pela indústria cultural convencionais.²⁷

No que tange a linguagem do jornalismo esportivo digital e seleção das pautas, uma estratégia adotada para a captação deste torcedor, já mencionada, é o infotenimento, e no próximo tópico será detalhado seu *modus operandi*.

²⁵ DANTAS; LEO. Futebol-empresa: o capitalismo chegou, afinal, no futebol brasileiro, p. 122.

²⁶ DANTAS; LEO. Futebol-empresa, p. 134.

²⁷ MORETZSOHN; SCHNEIDER. Sobre flores, grilhões, consciência e afetos, p. 119.

O QUE É INFOTENIMENTO

O conceito de infotenimento é relativamente novo, datando dos anos 1980. Infotenimento é um termo constituído por um neologismo das palavras “informação” e “entretenimento”, também chamado de infoentretenimento, com o mesmo significado. Tem como algumas de suas características o inusitado, o curioso, a busca por entreter – como o nome já sugere – mas ainda inserido no jornalismo. Segundo Dejavite, o conceito “só ganhou força no final dos anos de 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e acadêmicos da área comunicacional”.²⁸

Nas pesquisas sobre infotenimento, é possível encontrar defensores da junção, como a própria Dejavite que é uma referência relevante no Brasil sobre o tema. Lemos e Ferreira encontram no infotenimento a possibilidade de cobertura para esportes menos visados.²⁹ Porém também há a perspectiva de que o entretenimento, na verdade, degrada a informação no jornalismo.³⁰

É importante ressaltar que ainda há poucas referências bibliográficas relevantes sobre especificamente infotenimento tanto no Brasil, quanto a nível internacional.³¹ Por isso, é necessário entender como se chega a esse formato, porque, apesar de parecer novo, já existiam características desta linguagem desde o jornal impresso do final do século XIX, apenas sem esta denominação, com notícias de conteúdos espetacularizados e sensacionalistas:

[...] os assuntos preferidos pelos leitores não poderiam ser outros que os que levam a sensação ao limite, como a predileção por crimes bárbaros nas cidades e as catástrofes planetárias, que vão desde as naturais (terremotos, vulcões, maremotos) até as produzidas pela segunda natureza da tecnologia (acidentes aéreos, ferroviários, urbanos). É como se através do jornal os traumas decorrentes da percepção do choque nas grandes cidades e da opressão causada pelo automatismo do trabalho fossem amenizados e devolvidos em forma de entretenimento.³²

²⁸ DEJAVITE. A Notícia light e o jornalismo de infotenimento.

²⁹ LEMOS; FERREIRA. Esportes eletrônicos na pauta da mídia sonora: levantamento de podcasts na plataforma de streaming Spotify.

³⁰ AGUIAR; CRUZ. O infotenimento no jornalismo: estudo de caso sobre o programa Greg News.

³¹ SAVOLAINEN. Infotainment as a hybrid of information and entertainment: a conceptual analysis.

³² SANTOS. O sensacionalismo e o jornal: casos pioneiros, p. 157.

Como exemplo no esporte, Dejavit traz a Zebrinha, personagem do jornalismo esportivo da TV Globo durante os anos 1970 e 1980:

[...] que anunciava os resultados dos jogos da Loteria Esportiva. Ao mesmo tempo em que eram divulgados os resultados da rodada futebolística no país, o público era brindado pelo bom humor do animalzinho (que ria quando um time tradicional perdia para um de menor destaque).³³

Na televisão da grande mídia é possível dar vários exemplos ao longo dos anos, como mais recentemente, o do Cavalinho do Fantástico, também da TV Globo, com personagens para o esporte do programa dominical.

No digital, os veículos se dividem em multiplataformas, como mídias sociais digitais e os sites. O infotenimento não surge em um quadro ou em um programa, como na televisão, mas em pautas que podem agregar elementos desta linguagem. Inclusive, ao analisar as nuances econômicas que envolvem o jornalismo esportivo na contemporaneidade, Figueiredo Sobrinho e Santos apontam uma aproximação da Ciência da Comunicação à discussão sobre o infotenimento.³⁴ Portanto, o recorte da produção *online* se torna relevante ao estudar o fenômeno. Assim, com suas características específicas, mas ainda com semelhanças com os canais anteriores, predominaremos daqui em diante o estudo nos meios digitais.

INFOTENIMENTO ESPORTIVO E JORNALISMO DIGITAL

Como retratado anteriormente, o infotenimento não surgiu com o jornalismo digital ou as mídias sociais digitais, mas é possível afirmar, com base em Moraes, que neste cenário o formato ficou muito mais visível e viral. Localizada em uma lógica neoliberal, capitalista contemporânea, mas ainda com a base da Indústria Cultural, “os megagrupos midiáticos detêm a propriedade dos meios de produção, a infraestrutura tecnológica e as bases logísticas como parte de um sistema que rege habilmente os processos de produção material e imaterial”.³⁵ O poder continua nas mãos dos grandes conglomerados midiáticos, mesmo na era digital.

³³ DEJAVITE. Infotenimento nos impressos centenários brasileiros, p. 43.

³⁴ FIGUEIREDO SOBRINHO; SANTOS. Do jornalismo esportivo ao infotretenimento, p. 329.

³⁵ MORAES. *Mídia, poder e contrapoder*, p. 19.

Para compreender a complexidade do sistema midiático, devemos considerar que a digitalização favoreceu a multiplicação de bens e serviços de “infoentretenimento”; atraiu players internacionais para operações em todos os continentes; intensificou transmissões e fluxos em tempo real; instituiu outras formas de expressão, conexão, intercâmbio e sociabilidade, sobretudo por meio da internet (comunidades virtuais, redes sociais); e agravou a concentração e a oligopolização de setores complementares (imprensa, rádio, televisão, internet, audiovisual, editorial, fonográfico, telecomunicações, informática, publicidade, marketing, cinema, jogos eletrônicos, celulares, redes sociais etc.). Hoje, executivos de corporações midiáticas aludem a “multiplataformas integradas” para definir a junção de interesses estratégicos em distintos suportes: papel, digital, áudio, vídeo e móvel. Tudo isso sob a égide de três vetores: a tecnologia que possibilita as sinergias; o compartilhamento e a distribuição de conteúdos gerados nas mesmas matrizes produtivas; e a racionalidade de gastos, custos e investimentos.³⁶

Assim, pode-se dizer que a mídia comercial domina em todos os setores possíveis, com pequenas diferenças no canal de transmissão, na linguagem – a fim de se adequar ao público, entre outros fatores, mas de forma irrisória. No fim, a grande mídia tem destaque em qual seja o meio, pois domina os meios de produção, que garantem o poder.

Ao pensar em uma produção baseada na racionalização de custos e investimentos, perde-se a preocupação com a qualidade, mas o quanto de lucro que aquele produto pode proporcionar com o menor custo possível, mesmo que isso seja um problema para a qualidade. No entanto, quando se trata de jornalismo, a preocupação principal não deveria ser o lucro, e sim, o próprio jornalismo. Logo há uma lógica mercantil errônea em relação aos critérios jornalísticos, já que estes estão dando lugar a critérios de negócios.

Não significa que antes ao modelo digital não existissem vieses político-econômicos, afinal a mídia comercial é constituída de interesses. Todavia, a relação de exploração se intensifica.

A convergência entre mídia, telecomunicações e informática viabiliza o aproveitamento de um mesmo produto em diferentes plataformas e suportes e distintos meios de transmissão, distribuição, circulação, exibição e consumo, fazendo sobressair a mais-valia na economia digital.³⁷

³⁶ MORAES. *Mídia, poder e contrapoder*, p. 19.

³⁷ MORAES. *Mídia, poder e contrapoder*, p. 20.

Logo, uma mesma pauta será explorada em diversos meios ou plataformas digitais, a fim de popularizar aquele assunto, em uma forma de agenda, a partir do mesmo viés. Ou seja, se tem o mesmo conteúdo jornalístico, dito pelo mesmo conglomerado de mídia, apenas com uma roupagem diferente, adaptada.

No jornalismo esportivo digital, um jogo de futebol pode render diversas publicações nas mídias sociais de um veículo esportivo, no próprio *site*, no aplicativo do veículo (normalmente baseado no site) e ainda passará em outros meios, como na televisão. Inclusive, é comum que matérias do *site* também apareçam nos programas televisivos, como é o caso do Globo Esporte, com o “ge em 1 minuto”.³⁸ Tornou-se comum a inserção do mundo digital em programas de televisão da grande mídia, a fim justamente dessa integração em multiplataforma, pois assim uma vende o conteúdo da outra, e no fim são todos um só.

Especificamente sobre o infotenimento esportivo digital, os memes nas mídias sociais são as grandes fontes para matérias baseadas em imagens, seja vídeos ou montagens estáticas. A concorrência nos meios digitais é a maior, pois a mídia comercial disputa lugar também com produtores não-jornalistas. Como exemplo, o canal Desimpedidos soma 7,8 milhões de seguidores apenas no *Instagram*, com a seguinte biografia no perfil na mídia social no momento da pesquisa deste artigo: “O lar da ousadia e alegria! Siga pra memes, zueiras e desafios!”. Ou seja, o perfil, que começou na plataforma *YouTube*, não se vende como jornalismo, mas sim de entretenimento esportivo. O perfil no *Instagram* do *site* do Globo Esporte, o ge.globo, tem 5,7 milhões, logo, menos que o citado anteriormente.

Dessa forma, a concorrência de produtores de fora da grande mídia é real, o que faz com que o jornalismo dito como profissional tente imitar a fórmula de sucesso, mesmo que isso custe o compromisso com o jornalismo em si. O caso do Globo Esporte foi apenas um exemplo, mas outros veículos de mídia, como a TNT Sports, que é internacional, apelam constantemente para memes em mídias sociais, na tentativa de imitar estes padrões de sucesso.

³⁸ Exemplo do “ge em 1 minuto” pode ser encontrado no Globoplay. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/12135548/>. Acesso em 22 fev. 2025.

Se memes – em seu significado mais básico – são postagens engraçadas que viralizam,³⁹ ou seja, atingem grande quantidade de pessoas, ele alcança, em termos mais jornalísticos, uma audiência. Audiência se traduz em venda de espaços publicitários, o que é a principal receita do jornalismo, inclusive o digital. Produzir cultura a fim de atingir o maior número de pessoas e definir uma agenda social é exatamente o que a Escola de Frankfurt afirma sobre a Indústria Cultural. Logo, na tentativa de se apropriar dos memes, que surgiram de forma espontânea na *Internet*, por meio dos próprios usuários, que não eram detentores de meios de produção, a grande mídia reflete os mesmos interesses anteriores, desde o início da apropriação do jornalismo pelo capital.

Como exemplo do infotenimento esportivo digital da grande mídia, tem-se a seguinte matéria do ge.globo, de 26 de fevereiro de 2025: “Rato é flagrado no gramado de Old Trafford em Manchester United x Ipswich”.

Um fato inusitado chamou a atenção na partida Manchester United x Ipswich, pela 27ª rodada da Premier League. Um rato apareceu no gramado do estádio Old Trafford.

O rato foi flagrado nas imagens próximo à linha lateral do campo pouco antes de a bola rolar para a partida. Em campo, o Manchester United foi apoiado pelos seus torcedores para tentar melhorar sua situação na tabela.

O time iniciou a rodada em 15º lugar, com 30 pontos. Logo no primeiro tempo, contudo, ficou com um a menos. O lateral-esquerdo Dorgu, que havia entregado um gol, foi expulso aos 42min. A partida estava 2 a 2 quando foi para o intervalo.⁴⁰

No corpo da matéria também há três imagens do rato, em diferentes ângulos. Logo pelo primeiro parágrafo há uma característica marcante do infotenimento, o “inusitado”. Apenas em um *hiperlink* no meio do texto, que diz “Estádio tem infestação de ratos”, é possível entender, ao clicar, que na verdade se trata de uma nova aparição de ratos no estádio, o que mostra que, de fato, há um interesse público naquela pauta que parecia apenas para entreter a primeiro momento.

³⁹ SOUZA. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço.

⁴⁰ Rato é flagrado no gramado de Old Trafford em Manchester United x Ipswich. ge.globo, 26 fev. 2025. Disponível em: <https://abrir.link/sjnri>. Acesso em 26 fev. 2025.

O que pode se observar é que a pauta poderia ser mais bem trabalhada, caso mencionasse na própria matéria e/ou no título, que é mais um caso de rato que aparece no gramado do Old Trafford. Ou seja, houve um valor-notícia de construção em que o inusitado do rato foi escolhido como mais relevante que o problema de infestação.

O uso de um hiperlink que nem menciona o nome do estádio ou time generaliza e não traz precisão jornalística, tornando-se insuficiente. Pode-se concluir que a pauta em si não é irrelevante, mas o enquadramento dado, buscando-se apenas o curioso, inusitado, características do infotenimento.

ROTINA DO JORNALISTA ESPORTIVO DIGITAL

A rotina de um jornalista que trabalha em meios de comunicação digitais é diferente, pois o imediatismo no jornalismo se torna muito mais presente, tendo que ser quase instantâneo, pois se demorar para noticiar um acontecimento, por minutos que seja, outro veículo já publicou antes. Souza explica que a profissão de jornalista, que já era precária, piorou com a chegada e posterior popularização dos meios digitais, e os relaciona diretamente ao modelo de trabalho contemporâneo:

As tecnologias, em vez de ajudarem na atividade laboral, como muitos creem, têm uma aplicabilidade que intensifica a exploração do trabalho, aumentando o espaço de controle sobre o tempo de vida do jornalista. As tecnologias de comunicação e suas distintas aplicações representam o auge do capitalismo contemporâneo, sendo parte dele.⁴¹

Figueiredo Sobrinho e Santos associam a convergência ao aumento da exploração do trabalhador, que neste processo se viu obrigado a aumentar sua produtividade, pois deve produzir para diversos meios. Diminui-se assim o tempo de apuração de uma pauta, de redação e revisão, o que torna o jornalismo mais passível de erros. Os fatores, majoritariamente financeiros, causam “mudanças nos critérios de noticiabilidade e para a queda da qualidade na cobertura”.⁴²

Muito por causa dos cortes de orçamento e desvalorização da profissão em si, os repórteres do *online* diversas vezes são obrigados a noticiar um fato ou

⁴¹ SOUZA. *Jornalismo, trabalho e marxismo*, p. 70.

⁴² FIGUEIREDO SOBRINHO; SANTOS. *Do jornalismo esportivo ao infotretenimento*, p. 329.

acontecimento pela lente de outro veículo, como o caso comum do jornalista que escreve sobre um jogo de futebol ao assisti-lo na televisão, como aponta Frange:

Ao optar pelo superficial e rápido - e também por conta da demanda que o ambiente online exige -, o jornalista pula etapas que agregam valor para a reportagem, como é o caso da investigação dos fatos e a ida ao local do evento para compreender o mais possível as dimensões humanas, os contextos e os personagens dos fatos e situações a serem reportados. No jornalismo esportivo, grande parte dos repórteres escreve sobre as partidas de dentro da redação, bem longe do local de jogo. Alguns veículos de comunicação só enviam seus profissionais aos estádios em jogos especiais, como finais de campeonato ou clássicos regionais. É inegável a importância de estar no local do confronto para se ter a perspectiva do acontecimento, e a diferença que estar presente assume na produção do texto. [...] Tornou-se comum o relato de uma partida de futebol ser redigido com o uso da televisão, por mais perto que o estádio seja da redação [...] O relato todo é baseado em imagens de TV, e o jornalista não consegue viver a experiência do evento.⁴³

Outra característica do digital é a quantidade de matérias publicadas em um único dia. Os veículos da grande mídia estão sempre publicando notícias de forma quase instantânea, como verificado nesta pesquisa, com os exemplos de ge.globo. Os conteúdos são atualizados ao longo do dia, tendo a página inicial matérias publicadas em menos de uma hora. Não é possível todos os dias ter tanta notícia e informação relevante no esporte, devido aos próprios calendários esportivos não durarem o ano todo. Nesse cenário de enxugamento dos profissionais e jornalistas sobrecarregados, as assessorias de comunicação e o infotenimento são ferramentas utilizadas como apoio. Para este trabalho, não será estendida a relação com as assessorias, mas pode-se dizer que assim como o infotenimento e as nuances da Indústria Cultural, elas têm características sobretudo comerciais, com interesse de venda – neste caso, do seu cliente –, e como afirma Souza (2024),

o perfil que se tem construído é mais de um organizador de informação do que um profissional responsável pela apuração e divulgação de acontecimentos de relevo social. Diante da facilidade em adquirir conteúdos, os empresários do setor comunicacional aproveitam para diminuir custos e maximizar lucros com o enxugamento dos trabalhadores [...] Os referenciais norteadores da profissão são substituídos pela eficiência em agradar clientes e atender nichos de mercado cada dia mais descompromissados com conhecimentos capazes de mudar a vida social.⁴⁴

⁴³ FRANGE. *A produção do jornalismo esportivo na Internet*, p. 16-9.

⁴⁴ SOUZA. *Jornalismo, trabalho e marxismo*, p. 53.

Assim, se as assessorias de comunicação querem vender seus clientes para aparecerem nos jornais e os veículos querem publicar um conteúdo instantâneo, os interesses se agregam. Ao voltar para o infotenimento, a afirmação de Souza sobre a facilidade de adquirir conteúdos e como isso afeta a desvalorização do jornalismo também se encaixa no cenário debatido como tema principal neste artigo. O infotenimento é de rápida e prática produção e seus produtores, que são jornalistas, parecem mais organizadores – neste caso de imagens, memes, vídeos, conteúdos engraçados em geral.

NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Além de estratégias de captação de público por meio de imagens e textos, como o infotenimento, precisa-se mencionar a importância das ferramentas trazidas pelas novas tecnologias da informação e comunicação – já citadas neste artigo antes, mas faz-se necessário um tópico somente para estas, dada grande influência para o que se produz no jornalismo na contemporaneidade.

Os algoritmos das mídias sociais são formas de personalizar o conteúdo em rede distribuídos para cada usuário, mas para além disso, ao pensar em sites de mídia esportiva, é possível apontar o *login*, como no caso do *ge.globo*, que pede para escolher o time do coração do usuário, e ainda dá opções como selecionar campeonatos ou esportes preferidos. Sobre o time, segundo o próprio conteúdo disponibilizado no site em 2023: “[...] as notícias do seu clube do coração passam a aparecer com mais frequência, além das informações sobre os campeonatos que o time disputa”.⁴⁵ Logo, para além de uma linguagem e seleção de pauta que não favorece o jornalismo no sentido de valor-notícia, o jornalismo se curva ainda mais para a tendência de agradar o consumidor esportivo, dando aquilo que ele quer, e não o que seria de interesse público.

Para além das informações disponibilizadas voluntariamente, há dados que são coletados por ferramentas de busca, como o *Google*. Se aquele consumidor esportivo gosta de determinado conteúdo, os seus acessos também serão salvos no seu

⁴⁵ Rápido e fácil: declare seu time no ge e fique por dentro de todas as novidades. *ge.globo*. Disponível em: <https://abrir.link/nLYMy>. Acesso em 22 fev. 2025.

navegador, havendo outra tendência no conteúdo jornalístico. A localização do usuário, por exemplo, é um dos fatores levados em consideração. Como teste, este artigo foi escrito no estado do Espírito Santo e foi feita uma busca no *Google* sobre conteúdo do ge.globo.



Figura 1 – Pesquisa no Google sobre ge.globo. Fonte: Reprodução/Google.

Um dos conteúdos da primeira página é exatamente sobre o futebol capixaba, que não é um dos mais relevantes no Brasil. A princípio pode parecer que foi escolhida a personalização, mas mesmo selecionando na ferramenta que não se quer a personalização, esse conteúdo continua na primeira página do *Google*, o que mostra clara alteração de conteúdo relevante por causa da localização.

INEFICÁCIA DO CONTRAPODER

Como contra-hegemonia para a grande mídia, alguns autores, como Martins⁴⁶ e Moraes,⁴⁷ sugerem e apoiam uma mídia alternativa livre, e destacam a importância dela em vários momentos da história. No entanto, ao pensar a mídia esportiva digital e os

⁴⁶ MARTINS. *O papel dos meios de comunicação na disputa por hegemonia*.

⁴⁷ MORAES. *Mídia, poder e contrapoder*.

meios alternativos disponíveis, cabe mais a visão de Leal,⁴⁸ que afirma que a mídia alternativa não consegue escapar da lógica mercantil, havendo assim um livre mercado de subjetividades, e trazendo para o recorte aqui estudado, o torcedor continua um “torcedor-consumidor”, mesmo quando escolhe por mídias alternativas. Isso porque os jornalistas e os *sites* alternativos em geral não têm financiamento e, sem conseguir se manter, recorrem à publicidade, *clickbait*⁴⁹ ou infotenimento, assim como os grandes veículos, com a única diferença sendo o alcance menor, o que contradiz o seu próprio princípio. Como exemplo, pode-se citar o site *Torcedores.com*, que de início não pertencia a nenhum grupo grande de mídia, mantendo-se sobretudo a partir do funcionamento colaborativo, como idealizadores da mídia alternativa poderiam imaginar. No entanto, desde 2023 faz parte de um grupo global de mídia de apostas esportivas.⁵⁰

Por outro lado, mesmo no caso de bons veículos alternativos, que não se propõem ao modelo comercial e buscam de fato ser independentes e alternativos, falta sustentabilidade, o que prejudica a continuidade do projeto, como pontua Moraes, ao tratar sobre a impossibilidade de continuidade de diversos veículos alternativos, principalmente por falta de financiamento:

Os problemas se traduzem na vida útil às vezes reduzida de projetos, que não se mantêm financeiramente e se desagregam; em inadequadas infraestruturas físicas, técnicas e tecnológicas, o que se pode constatar em redações acanhadas; no baixo índice de profissionalização das equipes, obrigando jornalistas e ativistas a terem empregos paralelos; sem falar nas limitações financeiras para desenvolver plataformas digitais mais modernas ou para realizar reportagens fora das capitais. A maioria das equipes das agências trabalha por militância política, ou seja, em muitas delas não há escala de profissionalização nem os direitos decorrentes. Daí advêm rotinas produtivas improvisadas, já que poucas têm estruturas físicas de redação e seus sites são atualizados nos computadores pessoais dos editores. Os debates e as avaliações, em geral, acontecem em reuniões nas casas de alguns deles, em bares ou restaurantes. As decisões editoriais mais imediatas, na prática, são tomadas por telefone, correio eletrônico ou em listas restritas de discussão, das quais fazem parte as pequenas equipes de redação. Se, por um lado, esses procedimentos

⁴⁸ LEAL. Ideology, Alienation and Reification: concepts for a Radical Theory of Communication in Contemporary Capitalism.

⁴⁹ *Clickbait* é o “clique no link”. São chamadas que não revelam o título principal, despertando a curiosidade do leitor para que clique no *link* e assim o veículo ganhe audiência.

⁵⁰ Anúncio oficial: Torcedores.com agora faz parte da Better Collective. Torcedores.com. Disponível em: <https://abrir.link/rfOFF>.

desburocratizam as sistemáticas editoriais, por outro, deixam claras as insuficiências operacionais.⁵¹

O trabalho acaba sendo temporário e fraco no sentido de contrapoder à grande mídia. Também não se pode ignorar o tópico anterior sobre a influência das novas tecnologias da informação e comunicação, pois os algoritmos das mídias sociais e ferramentas de ranqueamento do *Google*, por exemplo, não se baseiam em qualidade jornalística para entregar conteúdos, pois seus objetivos são comerciais. Fazer jornalismo alternativo dentro de plataformas comerciais ou utilizando de recursos digitais fornecidos por grandes empresas de tecnologia também cai em um paradoxo, pois um contradiscurso à hegemonia não será potencializado pela hegemonia. Faz-se necessário repensar os meios e o formato para um bom jornalismo esportivo alternativo, com menos visões de mercantilização da informação e do esporte, se esse é o objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O infotenimento é uma característica da linguagem, do formato, da seleção, da roupagem que é dada a um acontecimento e/ou uma notícia. A imprensa sempre teve como característica inevitável escolher o que é notícia e o que não é, o que se deve dar mais relevância em um jornal, com suítes⁵² nos dias seguintes, meses e até anos depois e o que no máximo ganhará uma nota. Esses critérios, inclusive, podem ter grande influência de patrocinadores por meio da verba publicitária. Mas no cenário atual, além disso, soma-se o infotenimento exacerbado, que é explorado intensamente no digital, a profissão de jornalista ainda mais precarizada, a personalização em rede.

No conjunto da obra, o jornalismo esportivo digital que está sendo produzido pela grande mídia reproduz as características da Indústria Cultural, pensadas no início do século XX por Adorno e Horkheimer, com adaptações para o mundo digital e aprimoramento trazido pelas tecnologias informacionais e comunicacionais. Se o cenário descrito por eles parecia caótico, no atual há muito mais fatores envolvidos em busca da manutenção do sistema, de forma a ser entregue de forma como se fosse

⁵¹ MORAES. *Mídia, poder e contrapoder*, p. 129.

⁵² Desdobramento de uma pauta.

agradável para o consumidor esportivo. Mas ao contrário do que a visão pessimista dos autores da Escola de Frankfurt, neste ensaio foram explicitadas as razões, o modo de funcionamento e como isso alimenta o capitalismo contemporâneo, mas não se acredita em não ter uma saída. A conscientização da sociedade da importância de um tema que é o esporte para o sistema político-econômico já é um passo importante. A banalização do jornalismo esportivo não pode ser perpetuada sobretudo pelos profissionais e pesquisadores da área da Comunicação.

Claro que não é apenas no esporte que acontece o infotenimento ou só ele que reproduz as características do sistema vigente, mas o jornalismo esportivo movimenta uma grande massa populacional e de forma específica, ele envolve paixão, criação e manutenção dos gostos. Como estudam Moretzsohn e Schneider, trazidos neste trabalho, a formação do gosto é de suma importância para a comunicação e para a sociedade de forma geral. A mídia esportiva molda os gostos conforme noticia mais sobre um esporte em detrimento do outro, por exemplo. A própria narrativa acerca de determinado esporte, time ou jogador também pode influenciar.

Não se pode menosprezar o potencial do jornalismo esportivo e do esporte em si para o capitalismo contemporâneo. Assim, mais estudos são necessários sobre a influência do jornalismo digital atual, personalizado em rede, multiplataforma, e com características de infotenimento, analisando desde a sua linguagem, produzida por jornalistas profissionais influenciados pelos interesses econômicos dos conglomerados de mídia até sua distribuição através de moldagens algorítmicas.

* * *

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. ; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGUIAR, Leonel Azevedo de; CRUZ, Júlia Fatima de Jesus. O infotenimento no jornalismo: estudo de caso sobre o programa Greg News. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 48, p. e022017, 2022.
- DANTAS, Marcos; LEO, Luiz. Futebol-empresa: o capitalismo chegou, afinal, no futebol brasileiro. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristóvão, v. 25, n. 1, p. 129-48, 2023.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Railton Sousa Guedes. São Paulo: Projeto Periferia, 2003.
- DEJAVITE, Fábila. A Notícia light e o jornalismo de infotenimento. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2007, Santos, 15 p.
- DEJAVITE, Fábila. Infotenimento nos impressos centenários brasileiros. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, Ano V, n. 1, p 37-48, 2008.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Rio de Janeiro: Difel, 1992.
- FIGUEIREDO SOBRINHO, Carlos Peres de; SANTOS, Anderson David Gomes dos. Do jornalismo esportivo ao infotretenimento: o caso do contrato entre Neymar Jr. e Globo como paradigma. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 17, n. 49, p. 322-43, 2020.
- FRANGE, Marcelo Bechara Souza Nassar. **A produção do jornalismo esportivo na internet**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2016.
- GASTALDO, Édison. Comunicação e esporte: explorando encruzilhadas, saltando cercas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 39-51, 2011.
- GE.GLOBO. Sobre o ge. Disponível em: <https://abrir.link/aZhzO>. Acesso em: 8 set. 2025.
- LEAL, Leila. Ideology, Alienation and Reification: concepts for a Radical Theory of Communication in Contemporary Capitalism. **Triple C**, v.16, n. 2, 2018.
- LEMO, Ariane Barbosa; FERREIRA, Ayllana da Cunha. Esportes eletrônicos na pauta da mídia sonora: levantamento de podcasts na plataforma de streaming Spotify. **Paradoxos**, v. 6, n. 1, p. 86-102, 2021.
- MARTINS, Helena. O papel dos meios de comunicação na disputa por hegemonia. In: _____. **Comunicações em tempos de crise**. São Paulo: Expressão Popular; Fundação Rosa Luxemburgo, 2020, p. 29-58.
- MIÈGE, Bernard. As indústrias culturais e mediáticas: uma abordagem sócio-econômica. **MATRIZES**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 41-54, 2007.
- MINDMINERS. **Faces do esporte**: as diferentes formas de interação e consumo dos brasileiros no universo esportivo. São Paulo, 2024.

MORAES, Dênis de. (Org.). **Mídia, poder e contrapoder**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan; SCHNEIDER, Marco. Sobre flores, grilhões, consciência e afetos: a disputa pela captura do gosto para desmontar as engrenagens de produção social da ignorância. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, São Cristovão, v. 24, n. 1, p. 107-24, 2022.

Rato é flagrado no gramado de Old Trafford em Manchester United x Ipswich. **ge.globo**, 26 fev. 2025.

SANTOS, Anderson David Gomes dos. Os três pontos de entrada da economia política no futebol: como a Indústria Cultural auxiliou a construção do futebol mercantilizado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, p. 561-75, 2014.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; BORGES, Mellyna Andréa Reis dos Santos; FIGUEIREDO SOBRINHO, Carlos Peres de. Quando um treinador substitui o nome do clube: uma análise do "Time de Ceni" como exemplo da lógica do clickbait na cobertura esportiva do Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 120-38, 2020.

SANTOS, Anderson David Gomes dos; SANTOS, Irlan Simões da Cruz. Apresentação do dossiê "Economia Política do esporte-espetáculo: mercantilização e resistência frente à contradição economia-cultura". **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**, v. 25, n. 1, p. 7-13, jan./abr. 2023.

SANTOS, Jeana. O sensacionalismo e o jornal: casos pioneiros. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 154-63, 2011

SAVOLAINEN, Reijo. Infotainment as a hybrid of information and entertainment: a conceptual analysis. **Journal of Documentation**, v. 78, n. 4, p. 953-70, 2021.

SOUZA, Carlos Fabiano de. Memes: formações discursivas que ecoam no ciberespaço. **Revista Vértices**, v. 15, n. 1, p. 127-48, 2013.

SOUZA, Luís César; ZANOLLA, Sílvia Rosa da Silva. Futebol-mercadoria: da origem moderna à absorção pela indústria cultural. In: **XIX Conbrace**, 2015, Vitória, 13 p.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. **Jornalismo, trabalho e marxismo**. Vitória: Edufes, 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

* * *

Recebido em: 13 mar. 2025.
Aprovado em: 21 set. 2025.

Análise dos enquadramentos jornalísticos na cobertura da tragédia do Ninho do Urubu no jornal *O Globo*

Analysis of journalistic frameworks in the coverage of the Ninho do Urubu tragedy in jornal *O Globo*

Carlos Roberto Praxedes dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC, Brasil
Doutor em Comunicação e Linguagens, UTP
carlospraxedes@gmail.com

Leticia Fontanive dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí/SC, Brasil
Graduanda em Jornalismo, UNIVALI

RESUMO: A cobertura de tragédias esportivas no Brasil destaca questões de responsabilidade e sensibilidade jornalística. Este estudo busca analisar os enquadramentos jornalísticos utilizados na versão digital do jornal *O Globo*, na primeira semana de cobertura da tragédia do Ninho do Urubu, em 2019, explorando o espaço dedicado ao tema e os principais enfoques adotados. Para tanto, foram realizadas pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, com foco nos temas abordados e no espaço ocupado pelas matérias. Os resultados revelaram uma cobertura ampla e variada, com ênfase nas histórias de vida das vítimas e de seus familiares, e em questões legais e políticas. Observou-se, assim, um esforço editorial em manter o tema em destaque e explorar suas múltiplas facetas, mesclando uma abordagem emocional com aspectos de responsabilidade institucional e governamental.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadramento jornalístico; Flamengo; Cobertura jornalística; Tragédia do Ninho do Urubu.

ABSTRACT: Coverage of sports tragedies in Brazil highlights issues of journalistic responsibility and sensitivity. This study seeks to analyze the journalistic framing used in the digital version of the newspaper *O Globo*, in the first week of coverage of the Ninho do Urubu tragedy in 2019, exploring the space dedicated to the topic and the main approaches adopted. To this end, bibliographic research and content analysis were carried out, focusing on the topics covered and the space occupied by the articles. The results revealed broad and varied coverage, with an emphasis on the life stories of the victims and their families, and on legal and political issues. Thus, an editorial effort was observed to keep the topic in the spotlight and explore its multiple facets, combining an emotional approach with aspects of institutional and governmental responsibility.

KEYWORDS: Journalistic framing; Flamengo; Journalistic coverage; Ninho do Urubu tragedy.

INTRODUÇÃO

Em 08 de fevereiro de 2019, o Brasil testemunhou um dos episódios mais trágicos de sua história no universo do futebol: um incêndio devastador no Ninho do Urubu, centro de treinamento do Clube de Regatas do Flamengo, localizado na Estrada dos Bandeirantes, 25.997, Vargem Grande, que resultou na morte de dez jovens atletas, todos com idades entre 14 e 16 anos. Esses meninos, que sonhavam em se tornar jogadores profissionais e ídolos do esporte, tiveram suas vidas interrompidas, deixando famílias e uma nação em luto. A tragédia é considerada a maior do futebol carioca, não apenas pelo número de vidas perdidas, mas também pelas circunstâncias alarmantes que cercaram o desastre.

Inaugurado em 2016, o Ninho do Urubu era visto como um símbolo de modernidade e excelência na formação de jovens talentos. No entanto, o incêndio expôs a fragilidade das condições oferecidas aos jovens atletas, levantando críticas sobre a responsabilidade dos clubes em garantir ambientes seguros. O luto coletivo provocou uma reflexão profunda sobre a cultura do futebol brasileiro, na qual a busca incessante por resultados muitas vezes ofusca a proteção e o bem-estar dos atletas em formação.

A resposta emocional à tragédia foi imediata e abrangente. As famílias das vítimas tornaram-se vozes críticas em relação à gestão do Flamengo e às práticas de segurança nas categorias de base. O luto coletivo foi acompanhado por um intenso debate sobre as condições de treinamento dos jovens jogadores, gerando uma demanda urgente por reformas nas estruturas que acolhem esses talentos. Muitos clubes de futebol do Brasil se uniram em solidariedade, adiando jogos e decretando luto em respeito aos jovens perdidos, evidenciando a força da união em momentos de dor.

Neste cenário, a cobertura jornalística da tragédia tornou-se uma ferramenta vital para moldar a percepção pública e fomentar discussões sobre segurança e responsabilidade no futebol. O jornal *O Globo* desempenhou um papel fundamental na narrativa. As reportagens informativas e emocionais permitiram que o público entendesse não apenas o ocorrido, mas também as questões envolvidas. A forma como a mídia aborda eventos trágicos pode impactar profundamente a opinião pública e a imagem das instituições envolvidas.

A questão central que orienta este estudo é: quais enquadramentos foram utilizados pelo *O Globo* durante a primeira semana de cobertura da tragédia do Ninho do Urubu? Diante desse contexto, este trabalho se propõe a analisar os enquadramentos jornalísticos na cobertura da tragédia do Ninho do Urubu pelo *O Globo*. Entre os objetivos específicos estão identificar o espaço do site do jornal *O Globo* destinado à cobertura durante a primeira semana após a tragédia, bem como elencar os principais temas abordados pelo *O Globo* ao cobrir o assunto;

Essa análise busca não apenas expor as narrativas apresentadas, mas também contribuir para uma reflexão mais ampla sobre o papel da mídia na representação de crises e na formação de uma memória coletiva sobre eventos trágicos no esporte.

CONCEITO DE ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO

O conceito de enquadramento jornalístico, ou *framing*, é essencial para compreender como a mídia constrói narrativas e dá sentido aos eventos sociais. Robert Entman, um dos principais teóricos dessa abordagem, argumenta que os enquadramentos não apenas moldam a apresentação da informação, mas também influenciam a interpretação do público. Entretanto, é importante ressaltar que a crença de que a mídia determina o pensamento dos indivíduos não é aceita universalmente, pois, como afirma Muniz Sodré, a mídia não manipula, mas sugere pautas.¹ Os receptores da informação possuem meios para reinterpretar e apropriar-se dos conteúdos midiáticos de acordo com suas próprias vivências e inclinações.

Entman² defende que os enquadramentos aumentam a saliência de certas ideias, ativando esquemas mentais que encorajam o público a pensar, sentir e decidir de maneiras específicas. Estudos empíricos demonstram que os assuntos podem ser abordados pela mídia sob formatos específicos. Por exemplo, a cobertura de eleições frequentemente adota enquadramentos de "conflito", enfatizando as rivalidades entre candidatos e partidos, enquanto negligencia discussões mais profundas sobre propostas e suas implicações.

¹ SODRÉ. *O social irradiado! Violência urbana, neogrotesco e mídia*.

² GONÇALVES. A abordagem do enquadramento nos estudos do Jornalismo, p. 162.

Conforme Silva,³ a teoria do enquadramento fundamenta-se em como as mídias tratam as informações. A análise de enquadramento fornece instrumentos para examinar os padrões de apresentação, seleção, ênfase e exclusão textuais através dos quais os jornalistas organizam o discurso. Silva⁴ destaca que esse processo envolve escolher, separar, excluir ou enfatizar determinados aspectos de uma realidade, desenhando uma angulação específica.

De acordo com Aita,⁵ é crucial que as informações sejam apresentadas de maneira objetiva e imparcial. Para Porto, citado por Aita,⁶ é imprescindível medir os espaços dados para assuntos que apresentam dois lados de confronto, como é o caso da política.

O enquadramento midiático conceitua-se em aspectos de seleção e saliência. Toda notícia passa por um processo de seleção, que muitas vezes está associado ao posicionamento do jornalista ou da própria empresa que ele representa.⁷ Isso está frequentemente relacionado com o interesse do público, levando à publicação de conteúdos que atendem a essas expectativas.

ENQUADRAMENTOS E A COBERTURA DE TRAGÉDIAS

A cobertura jornalística de tragédias, como a do Ninho do Urubu em 2019, é marcada por decisões editoriais que moldam a forma como os eventos são percebidos pelo público. O campo mercadológico da produção das notícias pode ser sentido no uso de um certo “mostrar o que a audiência vai se interessar” e não mostrar o que o público precisa saber. Desse modo, Moraes, Ramonet e Serrano⁸ acrescentam que o jornalista não deve manipular a informação, nem a utilizar em benefício próprio.

O conceito de enquadramento, ou *framing*, é central para entender como a cobertura de uma tragédia é construída. Ele envolve a seleção e a ênfase de determinados elementos de uma realidade, o que pode influenciar a interpretação do pú-

³ SILVA. Veja e o Dossiê dos Gastos FHC: os enquadramentos de um escândalo político midiático, p. 1.

⁴ SILVA. Veja e o Dossiê dos Gastos FHC, p. 1.

⁵ AITA. Olimpíadas de 2016 na Revista Veja: um estudo da teoria do enquadramento, p. 2.

⁶ AITA. Olimpíadas de 2016 na Revista Veja, p. 5.

⁷ AITA. Olimpíadas de 2016 na Revista Veja, p. 6.

⁸ MORAES; RAMONET; SERRANO. Mídia, poder e contrapoder, s/p.

blico. Essa escolha de quais informações destacar e quais silenciar gera questionamentos sobre a responsabilidade dos jornalistas em representar a verdade dos fatos. Por exemplo, em situações de crise, a cobertura pode enfatizar aspectos emocionais ou técnicos, alterando a percepção do impacto do evento.

Alguns teóricos do “Agenda Setting”, por exemplo, consideram o “*framing*” uma evolução da teoria do agendamento, que se funde com esta na investigação de um segundo nível de efeitos, que sugere, além da transferência de relevância, uma agenda de atributos.⁹ Assim, a maneira como o jornal *O Globo* apresenta a tragédia do Ninho do Urubu pode influenciar as preocupações e percepções do público sobre o que ocorreu.

No caso específico da cobertura digital, o enquadramento se manifesta por meio da escolha de imagens, manchetes, textos e da disposição gráfica do conteúdo. Cada um desses elementos contribui para a formação de uma narrativa que pode ressoar de maneira diferente dependendo do contexto em que é apresentado. A análise dos textos e das imagens escolhidas pode revelar como a intencionalidade de certos interesses está implícita na apresentação dos fatos.

Além disso, Shoemaker e Reese¹⁰ afirmam que o enquadramento é influenciado por uma série de fatores, incluindo normas sociais, pressões organizacionais e orientações políticas dos jornalistas.

Esses elementos não apenas moldam as decisões editoriais, mas também afetam as fontes consultadas e os tipos de narrativas construídas. Assim, as vozes que são ouvidas e os ângulos que são explorados desempenham um papel crucial na construção da realidade apresentada ao público.

O JORNAL *O GLOBO*

O Globo é um jornal diário de notícias brasileiro, fundado em 29 de julho de 1925 e sediado no Rio de Janeiro. De circulação nacional pela assinatura mensal nas formas impressa ou digital, é o jornal mais lido no Brasil desde 2021.¹¹

⁹ GONÇALVES. A abordagem do enquadramento nos estudos do Jornalismo, p. 164.

¹⁰ SHOEMAKER; REESE. Mediating the message: Theories of influence on mass media content, s/p.

¹¹ BAPTISTA. *O Globo*, o jornal mais lido pelos brasileiros, s/p.

Pertencente ao Grupo Globo, as publicações se destacaram ao longo dos anos por sua abrangente política, economia, cultura e esportes.

O Globo se posiciona como um dos principais veículos de comunicação do país, desempenhando um papel central na formação da opinião pública. Com uma forte presença no meio impresso, digital e audiovisual, o jornal se destaca por suas reportagens investigativas e análises aprofundadas. No contexto do futebol, *O Globo* tem uma longa tradição de cobertura, refletindo a paixão nacional pelo esporte e os eventos que o cercam.

A cobertura de tragédias, como o incêndio no Ninho do Urubu, é uma das áreas em que *O Globo* se empenha em oferecer um relato abrangente e reflexivo. Vale destacar que a forma como o jornal aborda tais eventos pode impactar significativamente a percepção pública, mobilizando debates sobre responsabilidade e segurança, como evidenciado pela sua cobertura após a tragédia.

***O GLOBO* E A IMPORTÂNCIA PARA O JORNALISMO BRASILEIRO**

O jornal *O Globo* se destaca como uma das principais referências do jornalismo no Brasil, consolidando sua posição não apenas pela quantidade de leitores, mas também pela qualidade e relevância de seu conteúdo. Desde sua fundação em 1925.

De acordo com dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), *O Globo* superou a *Folha de S. Paulo* a partir de 2021 e se tornou o jornal mais lido do Brasil.¹² Naquele ano, o jornal registrou uma média de 27,8 milhões de visitantes únicos. Essa ampla audiência não só demonstra a preferência do público, mas também destaca a confiança depositada no jornal como uma fonte de informação.

Assim como outros veículos de comunicação da chamada mídia de referência, *O Globo* tem demonstrado preocupação em tempos de crescente desinformação e *fake news*.¹³ Outro fator atrelado a esse tipo de apreensão diz respeito à diversificação de seu conteúdo e a ampliação de seu time de colunistas. Com nomes como Míriam Leitão e Lauro Jardim, o jornal busca pluralidade de vozes que enriquecem o

¹² BAPTISTA. *O Globo*, o jornal mais lido pelos brasileiros, s/p.

¹³ CAMPANHA publicitária contra as 'fake news', s/p.

debate público e atraem um público diversificado. Essa abordagem não apenas cativa leitores, mas também proporciona uma análise interpretativa dos eventos, permitindo que os cidadãos formem opiniões sobre os assuntos do dia a dia.

O Globo se adaptou às novas tecnologias e plataformas. A migração de conteúdos da revista *Época* para o jornal¹⁴ e o fato de ter sido o primeiro diário da América Latina a disponibilizar conteúdo no Kindle¹⁵ são exemplos de como o jornal busca alcançar leitores em diferentes formatos. Essa estratégia multiplataforma garante que a empresa se mantenha relevante em um cenário no qual o consumo de notícias está em constante evolução.

CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO

O Clube de Regatas do Flamengo, fundado em 17 de novembro de 1895, é um dos clubes mais emblemáticos do Brasil e da América Latina. Com origens no remo, o Flamengo se transformou em um ícone do futebol brasileiro a partir de sua entrada no esporte em 1912. Desde então, o clube construiu uma rica história marcada por conquistas, rivalidades e uma base de torcedores apaixonados.

O Flamengo é reconhecido como o maior vencedor do Campeonato Carioca, tendo conquistado o título em 38 ocasiões até 2023.¹⁶ Essa soberania no torneio estadual é um reflexo da força do clube nas competições locais. No âmbito nacional, o Flamengo também se destaca, sendo campeão do Campeonato Brasileiro em diversas edições, consolidando-se como uma potência do futebol brasileiro.¹⁷

Além disso, o clube tem um papel significativo em competições internacionais. O Flamengo conquistou a Copa Libertadores da América em várias oportunidades, incluindo os títulos de 1981 e 2019, e a Copa Intercontinental, solidificando sua posição como um dos maiores clubes do continente.

Com uma base de torcedores que ultrapassa os 40 milhões, o Flamengo é considerado o clube mais popular do Brasil.¹⁸ Essa popularidade não é apenas uma

¹⁴ A NOVA época no Globo, s/p.

¹⁵ SOBRE a Infoglobo, s/p.

¹⁶ FLAMENGO conquista seu 38º título do Campeonato Carioca, s/p.

¹⁷ FLAMENGO ganhou 13 títulos desde 2019; veja lista, s/p.

¹⁸ FLAMENGO tem maior torcida do Brasil; veja ranking, s/p.

questão de números; o Flamengo representa a identidade de milhões de pessoas e está intrinsecamente ligado a questões sociais, econômicas e culturais no Brasil.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise de um enquadramento pode ser feita por métodos quantitativos e qualitativos. O método quantitativo avalia o espaço ou tempo dedicado a certos temas, enquanto a análise qualitativa foca na interpretação dos textos e imagens, permitindo uma compreensão mais rica das narrativas.

Nesta pesquisa, utiliza-se pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo. A pesquisa bibliográfica consiste na coleta de informações a partir de textos, livros, artigos e demais materiais de caráter científico.¹⁹ Pela regra da representatividade proposta por Bardin,²⁰ a amostra principal deste trabalho que passou pela análise de conteúdo foram as matérias publicadas pelo jornal *O Globo* durante a semana seguinte à tragédia do Ninho do Urubu. A análise de conteúdo é, de acordo com Krippendorff,²¹ “uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reprodutíveis e válidas que podem ser aplicadas em seu contexto”.

Para efeito desta análise de conteúdo, levou-se em considerações os seguintes enquadramentos: *A análise*, que se refere às reflexões sobre as implicações da tragédia no contexto do futebol e na gestão de centros de treinamento. *Documentação*, que aborda as falhas administrativas e legais que permitiram que o alojamento funcionasse sem a devida segurança. *Famíliares*, que compartilham relatos emocionais e situações vividas, evidenciando o impacto humano da tragédia. *Incêndio*, que traz informações sobre as circunstâncias do ocorrido e as condições do alojamento no momento. *Indenização e responsabilização* discutem o processo de responsabilização do Flamengo e as reivindicações de indenização pelas famílias. *Sobreviventes*, que narram suas experiências ao escapar do incêndio, destacando o heroísmo e as tragédias pessoais que enfrentaram. *Esclarecimento*, que aborda comunicados de outras instituições. *Estrutura*, que detalha as condições físicas e de manutenção do

¹⁹ BORGES. Métodos qualitativos e quantitativos: conceitos, aproximações e divergências, p. 50

²⁰ BARDIN. *Análise de conteúdo*, p. 127.

²¹ KRIPPENDORFF. *Metodología de análisis de contenido*. Teoría y práctica, p. 28.

alojamento. *Solidariedade*, que destaca as manifestações de apoio e solidariedade, com homenagens de outros clubes, jogadores e torcedores. *Tragédia*, que aparece para caracterizar o evento. E por fim, *Vítimas*, que enfoca a história e identidade das vítimas, descrevendo quem eram esses jovens atletas, suas aspirações, e o impacto irreparável de suas perdas para as famílias e amigos.

TRAGÉDIA NO NINHO DO URUBU

O evento mais trágico da história do Flamengo ocorreu em 08 de fevereiro de 2019, quando um incêndio no centro de treinamento Ninho do Urubu resultou na morte de dez jovens jogadores das categorias de base.

A tragédia no Ninho do Urubu, centro de treinamento das categorias de base do Flamengo, aconteceu na madrugada de 08 de fevereiro de 2019, quando um incêndio atingiu o alojamento improvisado onde dormiam os jovens atletas do clube. Dez jogadores da base, com idades entre 14 e 16 anos, perderam a vida, e outros três ficaram feridos. O caso gerou repercussão nacional, levando a investigações sobre a falta de condições de segurança nas instalações.

O incêndio ocorreu no alojamento improvisado para os jovens, que era composto por contêineres adaptados. Esta estrutura estava localizada dentro do Ninho do Urubu, em Vargem Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro. A área atingida ainda estava em processo de regularização junto às autoridades e operava sem o alvará de funcionamento necessário.²² Além disso, o alojamento não possuía um sistema eficaz de combate a incêndios.

Na noite da tragédia, 26 jovens jogadores estavam dormindo no alojamento. Dez deles faleceram devido ao incêndio, três ficaram feridos, e outros 13 conseguiram escapar ilesos ou com ferimentos leves. As vítimas foram: Athila Paixão, Arthur Vinícius, Bernardo Pisetta, Gedson Santos e Pablo Henrique Matos, todos com 14 anos; Christian Esmério, Jorge Eduardo Santos, Samuel Thomas e Vitor Isaías, com 15; e Rykelmo de Souza, que tinha 16 anos.

²² NINHO do Urubu não tinha alvará de funcionamento, diz prefeitura do Rio, s/p.

Logo após o incidente, investigações foram abertas para apurar as causas do incêndio e identificar os responsáveis. Foi revelado que o Flamengo não possuía alvará para o funcionamento daquela estrutura e que as condições de segurança eram inadequadas. O clube enfrentou processos judiciais e críticas públicas, tanto por parte das famílias das vítimas quanto de entidades governamentais. Em 2020, dirigentes do Flamengo, incluindo o ex-presidente Eduardo Bandeira de Mello, além de engenheiros e responsáveis pela instalação do alojamento, foram indiciados por homicídio culposo, que ocorre quando não há intenção de matar.²³

Alguns acordos financeiros foram feitos com as famílias das vítimas, mas outras continuam em processos judiciais buscando maiores indenizações e responsabilizações.

A tragédia do Ninho do Urubu também trouxe à tona a discussão sobre as condições de segurança para jovens atletas nos centros de formação esportiva no Brasil, levantando questionamentos sobre a fiscalização de estruturas esportivas e o cuidado com a integridade física dos jogadores em formação.

Meses depois, em setembro de 2020, novos desdobramentos vieram à tona. Documentos e e-mails publicados pelo site UOL revelaram que, nove meses antes do incêndio, o Flamengo já havia sido alertado sobre os riscos no sistema elétrico do alojamento.

O QUE FOI NOTICIADO

08 de fevereiro de 2019: O dia da tragédia foi o mais intenso em termos de cobertura jornalística, com várias análises e reportagens que destacavam a gravidade do evento. O jornal publicou uma análise sobre a tragédia, a maior da história do futebol carioca, e diversas matérias informativas sobre a falta de licenciamento e as condições inadequadas do alojamento. Revelou-se que o Ninho do Urubu não possuía o certificado de segurança dos Bombeiros. Esse dia contou com um forte foco na documentação relacionada às irregularidades da estrutura, como a afirmação de que uma área destinada a alojamento não tinha

²³ MP INDICIA ex-presidente do Flamengo e mais sete por homicídio culposo no incêndio do Ninho do Urubu, s/p.

permissão para tal uso e deveria ser um estacionamento. Além disso, foram destacados os relatos de sobreviventes, que compartilharam suas experiências de fuga durante o incêndio. O apoio emocional também foi um tema recorrente, com famosos e figuras públicas enviando mensagens de força e solidariedade às famílias das vítimas.

09 de fevereiro de 2019: O segundo dia de cobertura trouxe mais informações sobre a tragédia, incluindo uma análise sobre o descaso com a prevenção e a confirmação de que o Flamengo havia pago multas por irregularidades no Ninho do Urubu. Nesse dia, começou a surgir o assunto de indenização, com destaque para as reações emocionais dos familiares das vítimas e a fragilidade do sistema de segurança do clube.

10 de fevereiro de 2019: O foco da cobertura passou para as reuniões do Flamengo com autoridades para regularizar as documentações do centro de treinamento. Além disso, houve admissão por parte dos Bombeiros de que não realizaram a fiscalização do alojamento que pegou fogo. O dia também trouxe informações sobre os sobreviventes, com relatos de jovens que conseguiram escapar do incêndio. Nesse dia, foram feitas as últimas identificações dos corpos dos jovens mortos, trazendo um alívio para algumas famílias, mas também uma dor imensa para aqueles que ainda aguardavam notícias.

11 de fevereiro de 2019: As matérias continuaram a relatar a evolução da situação, com destaque para as pendências listadas pelo Ministério Público e a não interdição do CT, apesar das irregularidades encontradas. Os relatos das famílias e sobreviventes, incluindo a luta de um jovem que escapou com queimaduras, foram enfatizados.

12 de fevereiro de 2019: A cobertura alcançou um espaço dedicado às homenagens às vítimas e à solidariedade manifestada por clubes e jogadores. O foco estava nas ações de apoio às famílias afetadas e na mobilização da torcida do Flamengo em memória dos jovens atletas.

DATA	TÍTULO	ENQUADRAMENTO
08/02/2019	Análise: A maior tragédia da história do futebol carioca	Análise
08/02/2019	MP cria força-tarefa e não descarta pedir bloqueio de bens do Flamengo	Documentação
08/02/2019	Ninho do Urubu não tinha certificado de Bombeiros que atestasse segurança contra incêndios	Documentação
08/02/2019	No novo projeto do Fla, área de incêndio no Ninho não teria licença para ser dormitório, diz Prefeitura	Documentação
08/02/2019	Sem licença para alojamento, parte utilizada deveria ser um estacionamento	Documentação
08/02/2019	Pai de jogador que dormia no Ninho do Urubu conta que jovem conseguiu correr e salvar colega	Familiares
08/02/2019	Famílias vão ao Ninho do Urubu para homenagens, mas são barradas pelo Flamengo	Familiares
08/02/2019	Pais e amigos dos jogadores fazem uma oração na porta do Ninho do Urubu	Familiares
08/02/2019	Vítimas de incêndio no Ninho do Urubu dormiam quando fogo começou, diz oficial do Corpo de Bombeiros	Incêndio
08/02/2019	Incêndio deixa dez mortos no Ninho do Urubu, centro de treinamento do Flamengo	Incêndio
08/02/2019	Incêndio no CT do Flamengo: o que sabemos até agora	Incêndio
08/02/2019	Vinte meninos dormiam no Ninho do Urubu na noite do incêndio, dizem pais	Incêndio
08/02/2019	Incêndio no CT do Flamengo: o que sabemos até agora	Incêndio
08/02/2019	Incêndio no Flamengo: o que diz o clube sobre a negociação com as famílias	Indenização
08/02/2019	Flamengo considera 'exorbitante' valor de indenização cobrado por família de vítima do Ninho do Urubu	Indenização
08/02/2019	Presidente do Flamengo se pronuncia sobre incêndio no Ninho: 'Maior tragédia do clube'	Responsabilização
08/02/2019	Me sentindo acabado por não ter conseguido tirar todos', diz sobrevivente de incêndio no Ninho do Urubu	Sobrevivente
08/02/2019	Incêndio no Fla: Jhonata, 15 anos, luta contra queimaduras em 35% do corpo	Sobrevivente
08/02/2019	Jogador da base escapou de incêndio no Ninho do Urubu por causa de treino cancelado	Sobrevivente
08/02/2019	Sobrevivente de incêndio no Ninho manda mensagem para tranquilizar a família; veja vídeo	Sobrevivente
08/02/2019	Jean Salles salvou três pessoas ao lado de companheiro em incêndio do Flamengo	Sobrevivente
08/02/2019	Clubes brasileiros e estrangeiros manifestam solidariedade às vítimas de incêndio no Fla	Solidariedade

08/02/2019	Messi e Cristiano Ronaldo publicam mensagens de solidariedade após tragédia no Ninho do Urubu	Solidariedade
08/02/2019	Crias do Flamengo, Vinicius Júnior e Paquetá lamentam tragédia no Ninho	Solidariedade
08/02/2019	Amigos de vítima de incêndio no Flamengo lamentam: 'Corria atrás do sonho'	Solidariedade
08/02/2019	Jogadores de basquete do Flamengo lamentam incêndio: 'Tristeza muito grande'	Solidariedade
08/02/2019	Fluminense cancela treino em solidariedade a tragédia no Ninho do Urubu, CT do Flamengo	Solidariedade
08/02/2019	Saiba quem são as vítimas do incêndio no Ninho do Urubu	Vítimas
08/02/2019	Vítimas de incêndio no Ninho do Urubu dormiam quando fogo começou, diz oficial do Corpo de Bombeiros	Vítimas
08/02/2019	Goleiro morto em tragédia no Flamengo tinha ascensão meteórica na seleção	Vítimas
08/02/2019	Atletas tentaram apagar fogo no Ninho do Urubu com extintores	Vítimas
08/02/2019	Arthur Silva, o ansioso zagueiro do Fla que vivia o melhor momento da breve carreira	Vítimas
08/02/2019	Rykelmo, o quase homônimo do meia argentino que também traçava um caminho de vitórias	Vítimas
08/02/2019	Vídeos mostram jogadores em momentos de descontração no Ninho do Urubu	Vítimas
08/02/2019	Gedinho estava há apenas uma semana no Rio de Janeiro	Vítimas
09/02/2019	Cuida deles, Flamengo	Análise
09/02/2019	Tragédia no Fla expõe descaso com prevenção	Documentação
09/02/2019	Em um ano, Flamengo pagou 10 multas por irregularidades no Ninho do Urubu	Documentação
09/02/2019	Flamengo reforça apoio às vítimas de incêndio, mas indica que não tem alvará do Ninho	Documentação
09/02/2019	Em um ano, Flamengo pagou 10 multas por irregularidades no Ninho do Urubu	Documentação/irregularidade
09/02/2019	Mãe de sobrevivente de incêndio no Ninho se encontra com filho: 'Pena que algumas mães não podem fazer isso'	Familiares
09/02/2019	Tio de Samuel passa mal a caminho do IML e não consegue reconhecer corpo	Familiares
09/02/2019	Órgãos públicos e o Flamengo podem ser responsabilizados judicialmente, dizem especialistas	Responsabilização
09/02/2019	Diretoria do Flamengo será intimada a depor em investigação sobre incêndio no Ninho	Responsabilização
09/02/2019	Sobreviventes de incêndio no Fla contam que tentaram salvar amigos quebrando as janelas	Sobreviventes

09/02/2019	Com queimaduras, Jhonata é submetido a broncoscopia e tem lesões nas vias aéreas	Sobreviventes
09/02/2019	Flamengo se apresenta de luto e Abel cita filho em oração	Solidariedade
09/02/2019	Corpo do volante Rykelmo Viana é reconhecido; faltam ainda duas vítimas	Vítimas
09/02/2019	Goleiro vítima de incêndio morreu sem saber que teria contrato profissional com Flamengo	Vítimas
09/02/2019	Morto no incêndio do Flamengo, Arthur Silva é enterrado em Volta Redonda	Vítimas
09/02/2019	Vítima de incêndio no Flamengo, Arthur é homenageado pelo aniversário nas redes	Vítimas
10/02/2019	Flamengo se reúne com autoridades para esclarecer documentação e regularizar CT	Documentação
10/02/2019	Fla e NHJ admitem uso de poliuretano em contêiner, mas alegam que material não é propagador de incêndios	Esclarecimento
10/02/2019	Ele ficou no Ninho para o aniversário do amigo', diz familiar em velório de Christian Esmério	Familiares
10/02/2019	Preferia perder minha vida e salvar todos', diz segurança do Fla que resgatou sobreviventes	Sobrevivente
10/02/2019	Recuperando-se de incêndio, Cauan Emanuel deixa o CTI, informa o Flamengo	Sobrevivente
10/02/2019	Jhonata Ventura segue em estado grave no Hospital Municipal Pedro II	Sobrevivente
10/02/2019	Tragédia na base do Flamengo precisa ao menos fechar a porta para outras	Tragédia
10/02/2019	Últimos corpos de incêndio no Ninho do Urubu são identificados por antropologia forense	Vítimas
10/02/2019	Bernardo Pisetta e Vítor Isaías são enterrados sob comoção em Santa Catarina	Vítimas
10/02/2019	Atletas não identificados após incêndio no CT do Flamengo eram melhores amigos	Vítimas
11/02/2019	Bombeiros admitem que não fiscalizaram alojamento que pegou fogo	Documentação
11/02/2019	Flamengo pagou ao todo R\$ 5.372,06 em nove infrações	Documentação
11/02/2019	Contêiner do Flamengo incendiado era usado como academia; entenda evolução dos alojamentos	Estrutura
11/02/2019	Especialistas dizem que rede elétrica do CT do Flamengo foi decisiva para o incêndio	Incêndio
11/02/2019	Em último comentário na rádio, Boechat falou sobre impunidade de tragédias	Responsabilização
11/02/2019	Flamengo confirma a autoridades ausência de alvará e vai se responsabilizar por atletas em incêndio no CT	Responsabilização
11/02/2019	Ferido em incêndio no Fla, Jhonata Ventura tem	Sobrevivente

	sedação suspensa e seu estado é estável	
11/02/2019	Perdi dez filhos', diz técnico de jogadores do Flamengo que morreram em incêndio	Solidariedade
11/02/2019	Acidentes que poderiam ter sido evitados ou atenuados mataram mais de 1.700 pessoas	Tragédia
12/02/2019	MP lista pendências, Bombeiro notifica, mas CT do Flamengo não é interditado	Documentação
12/02/2019	Mãe de volante morto na tragédia faz pedido a presidente do Flamengo	Familiares
12/02/2019	Vítima de incêndio no Fla, Jhonata Ventura acorda pela primeira vez e tenta interagir	Sobrevivente
12/02/2019	Torcida do Flamengo e time preparam homenagem a garotos do Ninho no Maracanã	Solidariedade
12/02/2019	Arão atende pedido de mãe de vítima e usará nome de Jorge Eduardo no Fla x Flu	Solidariedade
12/02/2019	Diego se emociona ao falar sobre tragédia no Fla: 'Temos que manter esse sonho vivo'	Solidariedade
12/02/2019	Jogadores do Flamengo visitam vítimas em Hospital	Solidariedade

Tabela: Relação das matérias analisadas e o respectivo enquadramento. Fonte: Pesquisa dos autores.

As matérias abordam uma variedade de temas com as seguintes distribuições: Análise com duas matérias, Documentação com 12 matérias, Esclarecimento com uma matéria, Estrutura com uma matéria, Familiares com sete matérias, Incêndio com seis matérias, Indenização com duas matérias, Responsabilização com cinco matérias, Sobreviventes com 12 matérias, Solidariedade com 12 matérias, Tragédia com duas matérias e Vítimas com 15 matérias.

No dia 08, foram publicadas uma matéria de Análise, quatro de Documentação, três de Familiares, cinco de Incêndio, duas de Indenização, uma de Responsabilização, 11 de Sobreviventes e oito de Vítimas.

No dia 09, foram publicadas uma matéria de Análise, quatro de Documentação, duas de Familiares, duas de Responsabilização, duas de Sobreviventes, uma de Solidariedade e quatro de Vítimas.

No dia 10, foram publicadas duas matérias de Documentação, uma de Esclarecimento, uma de Familiares, três de Sobreviventes, uma de Tragédia e três de Vítimas.

No dia 11, foram publicadas duas matérias de Documentação, uma de Estrutura, uma de Incêndio, duas de Responsabilização, uma de Sobrevivente, uma de Solidariedade e uma de Tragédia.

No dia 12, foram publicadas uma matéria de Documentação, uma 1 de Familiares, uma de Sobreviventes e quatro de Solidariedade.

O ENQUADRAMENTO JORNALÍSTICO NO CASO NINHO DO URUBU

O enquadramento jornalístico no caso da tragédia do Ninho do Urubu, ocorrido em 08 de fevereiro de 2019, é marcado por uma cobertura intensa e variada, refletindo as diferentes dimensões da tragédia.

Em termos de enquadramento, a cobertura do Ninho do Urubu pelo jornal evidenciou uma combinação de elementos factuais e interpretativos, refletindo diferentes aspectos e perspectivas sobre o evento. Foram destacadas as dimensões emocionais, de solidariedade e responsabilidade, incluindo, por exemplo, matérias que priorizaram os relatos das famílias e a situação dos sobreviventes.

Essa análise foi realizada através do enquadramento por método quantitativo, focado no espaço dedicado à tragédia, revelando a diversidade de abordagens, com temas como: a análise (duas matérias), documentação (12 matérias), familiares (sete matérias), incêndio (seis matérias), indenização (duas matérias), responsabilização (cinco matérias), sobreviventes (12 matérias), esclarecimento (uma matéria), estrutura (uma matéria), solidariedade (12 matérias), tragédia (duas matérias), e vítimas (15 matérias).

Esse enfoque na dimensão humana da tragédia reflete uma preocupação editorial em explorar o impacto emocional e social, enquanto se discutem responsabilidades institucionais. A escolha das imagens, manchetes e organização dos textos, além da sequência de publicações, contribui para uma narrativa que explora o drama humano e, ao mesmo tempo, levanta questões estruturais.

A teoria do enquadramento ajuda a entender como esses elementos foram selecionados e enfatizados, moldando a percepção pública sobre a tragédia. A cober-

tura focada nas falhas de segurança, na reação das autoridades e nas histórias pessoais dos envolvidos pode influenciar o entendimento do público sobre o evento e a responsabilidade das partes.

Durante a cobertura da tragédia do Ninho do Urubu, a cobertura do jornal se tornou fundamental para a compreensão das questões envolvidas e para denunciar o descaso do Flamengo com a segurança de seus atletas de base. *O Globo* não apenas reportou os fatos, mas também analisou as causas, permitindo ao público uma visão crítica.

Outro aspecto relevante da cobertura do *O Globo* é a humanização das histórias. Ao dar voz às vítimas e suas famílias, o jornal não apenas informou, mas também criou conexões emocionais com o público, promovendo empatia e compreensão em momentos de crise. Essa humanização é particularmente importante em tragédias, nas quais a narrativa pode se desviar de números e estatísticas, focando nas histórias de vida dos afetados.

Além disso, a diversidade de temas abordados pelo *O Globo*, que vão desde questões de segurança até aspectos culturais e emocionais, enriquece a discussão pública da tragédia. O jornal atua como um agente de mudança, destacando problemas pré-existentes, o que pode impactar diretamente decisões políticas e sociais sobre assuntos correlatos à tragédia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar os enquadramentos jornalísticos presentes na primeira semana da cobertura da tragédia do Ninho do Urubu, em 2019, pelo jornal *O Globo*.

Ao longo da pesquisa, alcançamos os objetivos propostos. Em primeiro lugar, observou-se que *O Globo* dedicou um espaço significativo à cobertura do evento, utilizando uma variedade de temas para construir uma narrativa com forte ênfase na dimensão humana da tragédia. A cobertura destacou as histórias de vida das vítimas e de seus familiares, ao mesmo tempo em que abordou questões legais e políticas envolvidas. Assim, o jornalismo adotou uma abordagem emocional, mas também

trouxe à tona aspectos de responsabilidade, tanto da instituição esportiva quanto das autoridades.

Os dados coletados e organizados demonstram uma diversidade de abordagens, refletida na escolha dos temas, que revelam um esforço editorial para manter a tragédia em pauta e explorar suas múltiplas facetas.

Em relação a novas propostas de abordagens, sugere-se que estudos futuros explorem a cobertura de tragédias esportivas sob diferentes enfoques, como o papel das redes sociais na amplificação da narrativa midiática, ou a variação da abordagem da mídia conforme a linha editorial do veículo. Outra possibilidade seria investigar o impacto da cobertura jornalística na formação da opinião pública, especialmente quanto à responsabilização das instituições envolvidas. Estudos comparativos entre diferentes veículos de comunicação sobre a mesma tragédia também poderiam oferecer insights sobre os tratamentos midiáticos.

Por fim, há um campo fértil para a análise do papel das representações midiáticas na preservação da imagem das vítimas, famílias e sobreviventes, e como isso pode influenciar a percepção pública sobre justiça e as respostas sociais após eventos dessa magnitude.

* * *

REFERÊNCIAS

A NOVA ÉPOCA no Globo. *O Globo Online*. 28 maio 2021. Disponível em: <https://abrir.link/aVova>. Acesso em 21 mar. 2025.

AITA, Priscila Aparecida. Olimpíadas de 2016 na Revista Veja: um estudo da teoria do enquadramento. **Revista Anagrama**, USP, v. 4, n. 1, 2010.

BAPTISTA, Luiza. *O Globo*, o jornal mais lido pelos brasileiros. 22 Abr. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/yMQso>. Acesso em: 21 mar. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Rev. e Ampl. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2011.

BORGES, Luciana. Métodos qualitativos e quantitativos: conceitos, aproximações e divergências. In: Taquette, Stella R. **Pesquisa qualitativa para todos**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2020.

CAMPANHA publicitária contra as ‘fake news’. *O Globo*. 12 mar. 2017. Disponível em: <https://abrir.link/AUekK>. Acesso em: 24 out. 2024.

FLAMENGO conquista seu 38º título do Campeonato Carioca; veja ranking. Esporte News Mundo. Portal Terra. 07 abr. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/ie-caL>. Acesso em: 25 out. 2024.

FLAMENGO ganhou 13 títulos desde 2019; veja lista. Placar. Online. 10 Nov. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/uzlFY>. Acesso em 21 mar. 2025.

FLAMENGO tem maior torcida do Brasil; veja ranking. Sportbuzz. 01 out. 2024. Disponível em: <https://abrir.link/vDEda>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GONÇALVES, Telmo. A abordagem do enquadramento nos estudos do Jornalismo. **Caleidoscópio**. Revista de Comunicação e Cultura. Universidade Lusófona. Centro Universitário de Lisboa, n. 5, 6. 2004, 2005.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodología de análisis de contenido**. Teoría y práctica. Trad. Leandro Wolfson. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à concentração da informação. Rio de Janeiro: Faperj; Boitempo Editorial, 2020. Disponível em: <https://abrir.link/QEMMa>. Acesso em: 25 out. 2024.

MP INDICIA ex-presidente do Flamengo e mais sete por homicídio culposo no incêndio do Ninho do Urubu. G1 Globo. 29 jun. 2020. Disponível em: <https://abrir.link/KsUME>. Acesso em: 23 out. 2024.

NINHO do Urubu não tinha alvará de funcionamento, diz Prefeitura do Rio. G1 Globo. 08 Fev. 2019. Disponível em: <https://abrir.link/yGsog>. Acesso em: 23 out. 2024.

REESE, Stephen. Journalism research and the hierarchy of influences model: a global perspective. **Brazilian Journalism Research**, fev. 2011. Disponível em: <https://abrir.link/SQTlg>. Acesso em: 02 nov. 2024.

SANTOS, Rafaela Vieira. **Análise de processos de framing na cobertura jornalística de escândalos bancários**: o caso do BES, Lehman Brothers, HSBC. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação – Variante de Estudos dos Media e Jornalismo. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SHOEMAKER, P.; REESE, S. **Mediating the message**: theories of influence on mass media content. New York: Longman, 1996.

SILVA, Beatriz Maia Guimarães da. Veja e o Dossiê dos Gastos FHC: os enquadramentos de um escândalo político midiático. **Anais**: Compólitica. Universidade Estadual de São Paulo, 2008, p. 1.

SOBRE a Infoglobo. 2009. Disponível em: <https://abrir.link/FLAWH>. Acesso em 21 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. **O social irradiado! Violência urbana, neogrotesco e mídia**. São Paulo: Cortez, 1996.

* * *

Recebido em: 04 jun. 2025.
Aprovado em: 09 set. 2025.

Dublê de etnógrafo II: ou diários do futebol na Alemanha

An ethnographer stuntman II: or a diary on the football in Germany

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O manuscrito segue a forma de um diário futebolístico de viagem, fruto por sua vez de uma missão de pesquisa de duas semanas em diferentes partes da Alemanha, durante o final do ano de 2024. Em primeira pessoa, descrevo personagens, espaços e eventos relacionados à temática do futebol nesse país europeu, com o fito de colher impressões acerca do imaginário esportivo nacional, seja em reuniões formais de pesquisa seja em situações informais de passagem pelo território. Graças à colaboração de um nativo que é também um jovem professor na universidade de Bayreuth, na Bavária, e já um pesquisador de referência na sociologia alemã do esporte, procuro reconstituir sob diferentes ângulos práticas e representações do futebol em cidades como Munique, Nuremberg e Gelsenkirchen, entre outras. Numa espécie de *pot-pourri*, comento a dinâmica das torcidas “ultras” e de seus espaços urbanos de sociabilidade; apresento a atmosfera dentro e fora dos estádios e das arenas, em dias com e sem jogos; relato cenas prosaicas de um domingo de futebol de mulheres num centro de treinamento de um tradicional clube da região industrial do Ruhr; por fim, em destaque, reporto uma visita ao Museu do Futebol, em Dortmund, com uma descrição e uma análise do percurso museal nesse equipamento expositivo, tencionando bosquejos comparativos com seu homônimo em São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol na Alemanha; Torcidas ultras alemãs; Museu do Futebol em Dortmund.

ABSTRACT: The manuscript follows the form of a football diary trip, due to a work mission of two weeks in different parts of Germany, during the end of 2024. In first person, I depict actors, spaces and events related to the football subject in this European country, collecting impressions on the national sports imaginary, even at formal academic meetings or at informal situations while crossing the territory. Thanks to the collaboration of a native that is also a young professor from the University of Bayreuth, in Bavaria, as well as a reference researcher in the sports German sociology, I aim to reconstitute, based on different angles, the practices and representations of the football in cities as Munich, Nuremberg and Gelsenkirchen, among others. Like a kind of a mosaic, I comment on the dynamics of the “ultras” supporters and its urban spaces of sociability; I introduce the inside and outside atmosphere of the stadiums and the arenas, during days with and without matches; I narrate prosaic scenes of a Sunday of women’s match in a training centre from a traditional club linked to the industrial region of Ruhr; finally, I stress and report a visiting to the Football Museum in Dortmund, with a description and an analysis of the long and short term exhibitions of this cultural equipment, seeking a brief comparison with its homonym in São Paulo city, Brazil.

KEYWORDS: Football in Germany; German ultra groups; Football Museum in Dortmund.

No dia seguinte à partida do Borussia, um domingo (29/09), procuramos nos refazer da experiência futebolística e da jornada noturna.¹ De todo modo, aproveitamos o dia ensolarado para conhecer o complexo industrial, berço da história do futebol alemão: o Ruhr. Visitamos um sítio tombado pela UNESCO, com as antigas minas de carvão que fomentaram a pujança da indústria nacional na Westfália. São trinta minutos de carro até Essen, onde se inscrevem fábricas remanescentes do século XIX, com seu tradicional processo de restauração, musealização e reaproveitamento para fins de lazer e turismo regional interno nos fins de semana.



A região do Ruhr é muito marcada pela história de indústrias e da mineração de carvão na Vestefália, desde o século XIX. A imagem reproduz um dos complexos industriais tombados pela UNESCO, área também muito associada ao berço do futebol na Alemanha, em princípios do século XX.

Os arredores nos permitiram ir, além disso, a Gelsenkirchen, cidade do maior rival do Borussia Dortmund, o time do Schalke 04. Hoje na segunda divisão, Schalke é uma equipe importante do país, com um passado de títulos e conquistas nacionais. A grandeza corresponde à altura de sua “moderna” arena, construída na época da organização da Copa de 2006 e que causa impacto em quem a avista de longe. Mesmo sem dia de jogo, resolvemos fazer uma incursão à região do estádio naquele domingo frio, mas ensolarado. A caminhada no entorno do clube possibilita uma visada do complexo clubístico, dotado de uma estrutura profissional de primeira grandeza a um observador externo.

¹ Este texto foi possível graças a uma missão de trabalho de duas semanas no exterior, sob os auspícios do Programa Capes-Print.

Os diversos gramados circunvizinhos à arena assistiam a partidas da Liga feminina. Aproximamo-nos de um dos jogos, em que havia familiares e espectadores no perímetro do campo, com o incentivo e até alguns instrumentos sonoros de apoio às futebolistas. Do outro lado, uma delegação de mulheres reunia-se para o ônibus, após o que parecia ser um treino preparatório. Notou-se ainda um campo à moda antiga, com vestígios de sua antiga arquibancada circular e as tradicionais barras de contenção dos torcedores em pé.



Visita às dependências do clube Schalke 04, principal rival regional do Borussia Dortmund, na cidade de Gelsenkirchen. O complexo esportivo inclui a Veltins Arena, equipamento para a prática do time atualmente na segunda divisão. Esta é ladeada por campos abertos para, entre outros, a prática de um amistoso do futebol de mulheres do clube.



Duas fotografias do entorno do campo antigo do Schalke 04, com arte de rua em paredes e muros com desenhos alusivos à torcida no bairro de origem do clube.

O caminho entre o estacionamento, a arena e o conjunto de campos ensejaram perceber as marcas da torcida Ultra do clube azul-e-branco. Desenhos grafitados nos

muros e os onipresentes adesivos autocolantes timbravam diversas vias de passagem, seja para pedestres seja para automóveis. A colagem em postes e placas visa, por suposto, a demarcação do território e a exibição da importância e da influência do grupo na existência do clube, com a estilização dos personagens torcedores, que parecem remeter ao universo gráfico dos *comics* ou dos quadrinhos. Tais desenhos estilizados vão de par com símbolos do grupo, com slogans e com mensagens diretas ou indiretas às torcidas rivais que, porventura, passem por ali.

A vantagem de estar ao lado do meu generoso e hospitaleiro supervisor, também especialista no tema das torcidas, consistiu no aproveitamento de uma série de informações e a condução por lugares que, sozinho, seria incapaz de conhecer e de travar contato. Um exemplo foi a continuação da visita ao bairro de origem da agremiação. Foi assim que tomamos o carro e rumamos ao antigo estádio do clube, a uns cinco minutos de automóvel da arena.

Decadente, mas resiliente, o campo do Schalke era palco naquele dia de uma confraternização, com crianças, mulheres e homens uniformizados com as cores vermelhas de um clube amador. Em ambiente de descontração, brincavam, corriam, jogavam bola, conversavam e bebiam ao redor do gramado. Ao passar por uma outrora bilheteria, adentramos o vetusto local, com a tribuna principal ainda erguida e ainda vestígios do restante do anel da arquibancada, com seu cimento e espaço para assistência. Uma placa e uma porta trancada indicam ali ser a sede do *Fan Project* da cidade, bem menos apresentável e conservada que a congênere de Fürth, visitada na Baviera, conforme descrito anteriormente

De todo modo, um sinal da diferença de realidades do programa de clube a clube, ainda que ambos – Schalke e Fürth – encontrem-se hoje na segunda divisão. E, uma vez mais, observei as fachadas das vias e os muros dos prédios pintados com desenhos evocativos dos Ultras do Schalke. Aquele em princípio passeio de domingo acabou por se revelar um instrutivo e inaudito meio de compreender a geografia, a memória, as marcas do passado no futebol alemão, bem como as marcas das torcidas no seu presente.

Outro dado nativo passado por Christian diz respeito a uma partida da *Champions League* em Gelsenkirchen. Não era o Schalke que jogava, mas um time da Ucrânia, cuja guerra com a Rússia impede a competição em seu país. O Shakhtar Donetsk encontrava abrigo e disputava partida contra os italianos do Bergamo. Meu

supervisor relatou ainda incidentes ocorridos na cidade ao final da partida, por rivais do Eintracht Frankfurt, em função de seu sistema de amigos.



A primeira foto acima traz a entrada do Fanprojekt na antiga sede do Schalke 04, o que permite perceber uma infraestrutura e instalações de assistência social menores que as encontradas na cidade de Fürth. Abaixo, imagem de uma passagem nos arredores da Arena, em que se veem desenhos autorreferenciados de torcedores Ultras de Gelsenkirchen.

Dito isso, a terça e a quinta-feira (01 e 03/10) foram dedicadas a uma visita ao Museu Nacional do Futebol Alemão e a um encontro com duas curadoras do referido museu, em Dortmund. Minha ideia era conhecer primeiro o espaço museal para ter subsídios e elementos prévios ao encontro com os representantes daquele equipamento museológico. Desde 2010, quando ingressei na Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC), a agenda de pesquisa por mim desenvolvida teve projetos institucionais colaborativos com o Museu do Futebol e com outros museus congêneres, haja vista a investigação das coleções sonoras do Museu da Imagem e do Som (MIS).

O projeto atual que coordeno junto ao CNPq e à FAPERJ lida com acervos sonoros de jogadores e outros atores do futebol desde os anos 1960 e que se encontram depositados no MIS do Rio de Janeiro e de São Paulo. A despeito de homônimos, cumpre ressaltar que são instituições diferentes, havendo mais de 60 MISes espalhados pelo país, com nomenclatura em homonímia, mas a guardar independência entre si.

Em relação específica ao Museu do Futebol paulistano, desenvolvi uma parceria para a pesquisa institucional “Futebol, memória e patrimônio”, responsável pela criação de um banco de dados com antigos jogadores da Seleção Brasileira, que disputaram Copas do Mundo entre as décadas de 1950 a 1980. A estes, se seguiram mais dois projetos de pesquisa, desta feita voltados à História Oral com torcedores organizados de futebol (“Territórios do torcer”), sejam fundadores sejam lideranças, e também mobilizei fontes jornalísticas no Rio e em São Paulo para a compreensão histórica da emergência das torcidas em chave comparada.

Com efeito, a colaboração com este museu do temário futebolístico no Brasil permitiu-me ainda participar mais recentemente da pesquisa de conteúdo e de roteiro para a exposição temporária “22 em campo: modernismo e futebol”, que teve a curadoria de Guilherme Wisnik, em 2022, ano do centenário da Semana de Arte Moderna de São Paulo. A participação que considero mais importante em termos de aprendizagem da estrutura deste museu deu-se graças à renovação da exposição de longa-duração do equipamento, que fora inaugurada em 2008 e que, quinze anos depois (2023), passou por uma atualização conceitual e tecnológica das suas salas expositivas, com seu fechamento e reinauguração em 2024.

Atuei como representante acadêmico no time de curadores e tomei parte em algumas frentes de discussão. Entre elas, destaco a globalização e a migração dos jogadores de futebol contemporâneo; o debate em torno das transformações estruturais operadas pelas arenas multiuso nas formas e nos estilos de torcer; a ampliação do conceito de “futebóis”, com a superação da imagem tradicional e hegemônica do futebol profissional masculino de alto rendimento e sua integração a práticas múltiplas e variadas de grupos sociais que, em distintos contextos e escalas, constituem com igual legitimidade e importância o universo futebolístico. Depois de dois anos de colaboração na pesquisa e curadoria, o Museu foi reaberto ao grande público em julho de 2024.

Faço essa contextualização e esse arrazoado de minha participação para justificar esse tópico da visita técnica ao Museu Nacional do Futebol, em Dortmund. A proximidade com gestores do equipamento e com técnicos do Centro de Referência do Futebol Brasileiro/CRFB – espaço de pesquisa do Museu desde 2013 – contribuiu para fazer despertar na minha trajetória o interesse pelos bens culturais existentes na museologia – vejam-se a esse respeito a tese de Daniela Alfonsi e a dissertação de Renata Beltrão. As visitas subsequentes destinaram-se a uma série de museus no exterior dedicados à temática esportiva. Posso elencar os de Glasgow, Manchester, Lausanne e Zurique, entre outras que possuem equipamentos com museus olímpicos, esportivos, clubísticos ou nacionais devotados ao futebol.

Conforme dito acima, menciono alguns decorrentes de seminários e atividades acadêmicas a que pude visitar e pesquisar fora do país, como o Museu da FIFA e o Museu do Comitê Olímpico Internacional, em Lausanne. Na Grã-Bretanha, pude conhecer o Museu do Futebol; os museus nacionais do futebol da Escócia e da Irlanda do Norte (Belfast). Isso sem contar os emergentes museus de clubes, que são criados no mundo todo, como os do Boca Juniors e do Barcelona, do Chelsea e do Porto, do Liverpool e do Flamengo, para citar alguns por mim conhecidos.

Assim, pareceu-me oportuno não só visitar o Museu do Futebol em Dortmund como estabelecer contato com responsáveis em minha passagem pela cidade. Na terça-feira então fui conhecer livremente a exposição e o complexo museal. A visita proporcionou uma série de impressões que remetem a esses outros museus conhecidos, em especial o brasileiro. Refiro-me a percepções comparadas do percurso

expositivo, com a identificação de similaridades e de diferenças narrativas das quais não cabe desenvolvimento aqui, nesses breves apontamentos de um diário, mas que podem se desdobrar em futuros projetos de artigo.



Vista da parte externa do Museu Nacional do Futebol Alemão (Deutsches Fussball Museum), próximo à estação central de trem de Dortmund, e fachada espelhada da entrada do museu, 03 out. 2024.

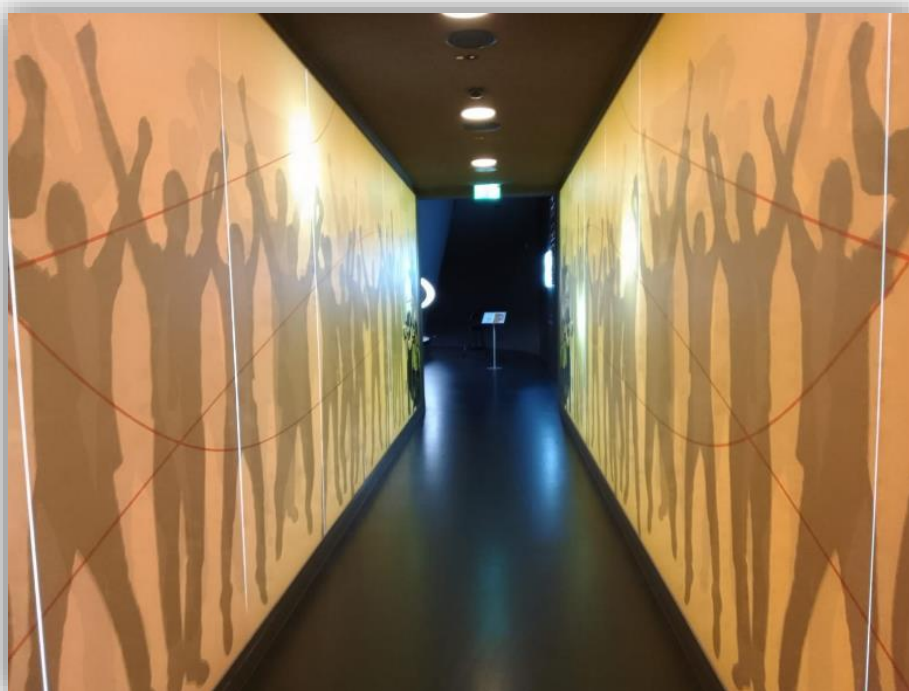
Um primeiro ponto que chama a atenção é a própria monumentalidade do prédio, muito chamativo para qualquer transeunte, com uma localização central na cidade de

Dortmund. Arquitetura, iluminação e instalações de ponta capturam a visão do visitante desde fora do museu. Sua entrada é receptiva desde o entorno e a praça, um alargamento do espaço público do museu, com quadra de futebol para crianças, reprodução de uma bola gigante e placas alusivas à seleção alemã e seus feitos. O *hall* dispõe tanto de referências, imagens e cores que ornam essa chegada quanto do café e da loja, a criar uma primeira ambientação, via consumo, observe-se, do *locus* imersivo.

Interessante pois, na quinta-feira, a curadora que me recebeu, Carina Bammesberger, fez uma observação cronológica a respeito da relação entre arquitetura e exposição: ao contrário da maioria das concepções de museus em geral, não apenas aqueles com temática de futebol, neste de Dortmund o desenho expositivo é que ensejou a projeção arquitetônica do museu *a posteriori*, e não o inverso, como costuma ser o procedimento padrão.

Já em adiantamento ao conversado no encontro de quinta, a responsável disse que o museu data de 2015 e que no próximo ano preparam atualizações para sua primeira década de existência. O museu é em parte uma consequência (ou legado) da Copa do Mundo de 2006, com a DFB – a Federação de Futebol Alemã – como uma de suas principais mantenedoras, a escolher Dortmund em razão da popularidade deste esporte na cidade. A DBF está sediada em Frankfurt, onde mantém seus arquivos sobre o futebol, com a opção de não vincular a pesquisa arquivística à visitação e à curadoria museológica. Isso a aproxima do museu de Manchester, na Inglaterra, cujos arquivos se encontram na cidade de Preston, mas a afasta do caso do museu do futebol em São Paulo, que inscreve seu Centro de Referência no interior do espaço museal.

De volta ao relato da terça, após a aquisição do bilhete na recepção, o itinerário da caminhada simula uma ambiência escalar e uma trajetória ascendente: em uma espécie de túnel do tempo, parte-se do patamar inferior ao superior. A subida dá-se por uma extensa escada rolante, com as paredes laterais pintadas e decoradas de torcedores, trajados em uniformes multiesportivos e multi-clubísticos. Cria-se uma primeira atmosfera cromática, acústica e futebolista de imersão, como se estivéssemos à saída dos vestiários e na iminência da entrada em campo.



Escada rolante de acesso ao piso superior do museu, junto ao corredor que leva à primeira parte expositiva, animada por apelos sonoros de ambientação futebolística.

Também no segundo dia, com a visita monitorada, o guia informou que a parede desenhada reproduzia a geografia dos clubes e dos seus torcedores em sentido

da parte sul da Alemanha à parte norte, da parte leste à parte oeste, o que, por sinal, não fui capaz de notar apenas na primeira ida.

Depois dessa passagem tubular adentra-se no primeiro piso, o mais alto, para início do percurso doravante horizontal e descendente. As salas são amplas em todas as dimensões, de altura e comprimento, dispositivo típico dos museus em geral. O apelo é hiper sensorial desde o início, com alternâncias cromáticas de claro e escuro, mas também com a mobilização do cinza e com o jogo das cores tricolores da bandeira nacional – preto, vermelho e dourado – embora não só estas. A grandiosidade espacial é seccionada em espaços macro, meso e micro, em uma espécie de labirinto de dados, de espelhos e de narrativas em torno das quais cada visitante pode escolher. Corredores, totens, vitrais, cabines e maquetes se sucedem ao longo do percurso, um número considerável deles com dispositivos tecnológicos e interativos chamativos.

Pode-se dizer que um lado futurista do cenário coexiste com uma certa nostalgia na exibição do passado, envolta na reconstituição dos objetos remanescentes das partidas memoráveis, a exemplo da camisa original, da bola de couro, da chuteira pesada, do ingresso da partida final da Copa de 1954, entre outros artefatos que sugerem autenticidade e aura, tal como eram em tempos atrás e do que já não existe mais.

A curadoria abrange pautas canônicas dos museus do gênero, a saber: as Copas do Mundo e suas conquistas pela equipe nacional; a história do futebol e sua linha do tempo ou cronologia; a participação feminina e sua luta por visibilidade; os principais ídolos e suas façanhas, a performance dos atletas e seu hall da fama, à maneira das estrelas do cinema; a cobertura midiática – imprensa, rádio e TV – e sua evolução tecnológica no decorrer do século XX; o imaginário do torcedor, coadjuvante que se torna protagonista por sua presença nos estádios e pela importância desse ator no fascínio do futebol.

O itinerário começa assim do piso superior, com o “milagre de Berna” (conquista do primeiro Mundial em 1954) e vai gradativamente descendo, ao passar por um longo corredor de salas centrais e adjacentes que demarcam temas distintos e temporalidades próprias. A bola e sua esfericidade são também matéria perceptiva para analogias plásticas com o planeta Terra e com a metáfora circular da imaginação do redondo (para evocar a filosofia de Gaston Bachelard). A Copa é um escorço que permite a integração entre as nações concorrentes do globo. A

transição para o piso inferior é feita por uma sala de cinema em 3D, em que um vídeo de 12 minutos cria uma animação bem-humorada com futebolistas alemães de diferentes gerações entre si, desde o técnico da Copa de 1954 até ídolos nacionais da última conquista de 2014.



Enquadramentos do primeiro piso do museu, cujo largo e comprido corredor permite divisões e setores que conformam temas e cronologias, muitas das vezes com formato esférico e circular, para a remissão ao imaginário da Terra e do futebol, por meio da bola.

O andar de baixo continua com uma quantidade expressiva de informações, de estatísticas, de vitrines prenhes de artefatos. Seus apelos visuais, sonoros e técnicos são possíveis pela grandiosidade da arquitetura associada à multiplicidade de estímulos e a uma infinidade de recursos interativo-sensoriais. Curioso observar, conforme notei para a curadora Carina na quinta-feira, que um visitante que fosse parar, apreciar todas as matérias de exposição, ler suas legendas uma a uma e escrutinar todas as suas vitrines, não conseguiria, ao fim e ao cabo de um dia dar conta de assistir a tudo o que se dispõe no museu.

A observação se soma ao fato de que os dois andares vão ao encontro ainda de um terceiro, no subsolo, para exposições temporárias. Este enorme vão, com abertura latitudinal e longitudinal, traz uma ambientação noturna evocativa, em minha primeira impressão, de uma caverna cênica. O contraponto quase imediato, ou óbvio, remete à dimensão solar e circular dos pisos acima visitados. Tratava-se de uma instalação gigante sobre arte e futebol, com um espaço imersivo para um vídeo experimental de quarenta minutos, superposição de imagens artísticas de elevado apuro e senso estético, na construção de uma experiência densa e impactante.

A meu juízo, talvez por trabalhar em minhas pesquisas com a interface futebol/arte, a sala constitui o ponto alto da visita ao museu. Trata-se da mais original e ousada de todo o museu, fugindo a incontornáveis armadilhas e convenções que a representação do futebol enseja em uma expografia. Coloca também em questão as diferentes expectativas que um museu temático de futebol desperta segundo seu perfil de público, desde aquele apenas vinculado emocionalmente a esse esporte até um frequentador de equipamentos museais que aprecia o conceito artístico para além de um determinado tema.

Assim, na quinta (03/10), tivemos o encontro com Carina Bammesberger, da equipe curatorial do museu. Formada em arqueologia na Universidade de Colônia, desde 2020 ela atua no Museu Nacional do Futebol Alemão. Estava prevista também a presença de outra curadora, Janine Horstmann, que não pode comparecer. Um jovem da equipe educativa, chamado Hake, nos acompanhou no refazimento da visita, com uma pletora de dados que a visita guiada ajudou a complementar em relação ao primeiro dia, quando percorri sozinho o espaço.

A conversa e a visita se estendem por quase três horas, com trocas de informações entre a curadoria deste museu e a reflexão comparada com o caso do Brasil e de outros museus visitados. O contato discutiu ainda possibilidades de intercâmbios e possíveis eventos acadêmicos integrados, tendo em vista eventos importantes do calendário esportivo, como a Copa do Mundo de mulheres da FIFA em 2027, a ser realizada no Brasil.



Depois de descer ao piso inferior, também dedicado à parte expositiva permanente, o terceiro andar corresponde a um subsolo, com uma exposição temporária sobre arte e futebol. Trata-se de uma gigante instalação imersiva, que remete o visitante a diferentes temporalidades do futebol e potenciais e variadas experiências estéticas a serem extraídas da interface.

Último, mas não menos importante: durante a visita de quinta, observo que há vários torcedores do clube escocês do Celtic no Museu. Em realidade, desde

segunda-feira, eles se encontravam radiantes e dispersos na cidade para um jogo, eram vistos pelas ruas, com a identificação de sua cor verde e chamativa. O clima para o jogo, apesar dessa presença, parecia ameno e não houve relatos de incidentes, talvez pela ausência de um histórico de rivalidades. O jogo contra o Borussia era válido pela *Champions League* e ocorreu na quarta. Soube no dia seguinte que o time da Escócia levou uma goleada de 7 a 1... Na condição de brasileiro, estudioso de futebol e estando na Alemanha, achei por bem dar o assunto por encerrado...

Diante do exposto, cerro esse diário, dividido em duas partes, com o compartilhamento de duas intensas semanas de reuniões e aprendizagens, de trocas e cooperação com universidades, pesquisadores e instituições na Alemanha, com uma intensa e inesquecível vivência imersiva na realidade futebolística do país. Um agradecimento inestimável ao meu supervisor Christian Brandt que, com diligência, sabedoria antropológica e generosidade, me apresentou ao seu país natal de um modo que, sozinho, jamais poderia aceder nem tampouco perceber.

* * *

Recebido em: 15 jan. 2025.
Aprovado em: 10 dez. 2025.

Anjo Sujo

Jovino Machado *

não existe nada mais romântico
do que o anti-herói que fracassa

no fim do jogo
no fim da copa
no fim do livro
no fim do filme
no fim da vida
no fim do fim

garrincha é anjo torto
best é *gauche* inglês
edson é judas de pelé
pelé é deus
maradona é a mão de deus
o mais humano dos imortais

gol de mão é um clássico
driblar é enganar
gol de mão não é pecado

muralha tentou suicídio
depois da partida
entre flamengo e cruzeiro
no final da copa do brasil
pulou do lado errado
e sobreviveu

fazer poema não é contar piada.

* * *

Desde os anos 1980, **Jovino Machado** vem construindo uma das poéticas mais consistentes da cena belo-horizontina, na qual o futebol ocupa lugar recorrente. Sua presença é incontornável quando o tema é esse esporte em chave literária, seja por sua produção em alguns de seus livros de poesia, seja por sua participação destacada em coletâneas, como *Pelada*



poética, publicadas pela Editora Scriptum em 2006, 2010, 2013 e 2014, coorganizadas por Mário Alex Rosa.

No inédito “Anjo Sujo”, o poeta aborda figuras ambíguas do futebol — ídolos, anti-heróis, santos tortos e deuses falíveis — para tensionar mitologias consagradas e expor o fracasso, a transgressão e a imperfeição como elementos constitutivos do jogo. Garrincha, Best, Pelé, Maradona e personagens menos celebrados surgem como encarnações de uma humanidade contraditória, na qual o erro não é exceção, mas regra.

Ao afirmar que “gol de mão é um clássico” e que “fazer poema não é contar piada”, o texto recusa tanto a moralização quanto a anedota fácil. O futebol aparece, assim, como matéria estética e existencial, capaz de condensar dramas éticos, afetivos e simbólicos que extrapolam o campo de jogo e se projetam sobre a vida, a memória e a própria condição humana.

* **Jovino Machado** é mineiro, nascido em Formiga em 1963, criado em Montes Claros, já morou em Itabira e é radicado em Belo Horizonte, onde se formou em Letras pela UFMG. Publicou *Só poesias* (1981), *Uma mordida para cada língua* (1985), *Deselegância discreta* (1993), *Trint’anos proust’anos* (1995), *Samba* (1999), *Balacobaco* (2002), *Fratura exposta* (2005), *Cor de cadáver* (2009), *Cantigas de amor & maldizer* (2013), *Sobras completas* (2015) e *A trilogia do álcool e outros poemas* (2020).

Fotografia: Fábio Cançado.

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Verão, 2026